



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPEG)
CAMPUS DE PAU DOS FERROS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS (DLV)
UNIDADE PAU DOS FERROS**



PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL (PROFLETRAS)

Br 40, km 153, Bairro Arizona, CEP 59900-000, Pau dos Ferros/RN
Fone (84) 3351 2560 (Fax 3351 3909/E-mail profletras.pferros@gmail.com/Site propeg.uern.br/profletras)

CARLOS ALVES VIEIRA

**ARGUMENTAÇÃO EM CRÔNICAS PRODUZIDAS EM AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: TESES, VALORES E HIERARQUIAS NA CONSTRUÇÃO DOS
HERÓIS DE AREIAS, ZONA RURAL DE UIRAÚNA**

**PAU DOS FERROS
2019**

CARLOS ALVES VIEIRA

**ARGUMENTAÇÃO EM CRÔNICAS PRODUZIDAS EM AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: TESES, VALORES E HIERARQUIAS NA CONSTRUÇÃO DOS
HERÓIS DE AREIAS, ZONA RURAL DE UIRAÚNA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em rede nacional (PROFETRAS), da Unidade de Pau dos Ferros/RN, *Campus Avançado* Prof^a. Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza

PAU DOS FERROS
2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

V658a Vieira, Carlos Alves
ARGUMENTAÇÃO EM CRÔNICAS PRODUZIDAS EM
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: TESES, VALORES E
HIERARQUIAS NA CONSTRUÇÃO DOS HERÓIS DE
AREIAS, ZONA RURAL DE UIRAÚNA. / Carlos Alves
Vieira. - Pau dos Ferros, 2019.
152p.

Orientador(a): Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza.
Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado
Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Argumentação. 2. Nova Retórica. 3. Herói. 4.
Gênero crônica. 5. Ensino de Língua Portuguesa.. I.
Sampaio de Souza, Gilton. II. Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte. III. Título.

A dissertação "Argumentação em crônicas produzidas em aulas de Língua Portuguesa: teses, valores e hierarquias na construção dos heróis de areias, zona rural de uiraúna" foi submetida à Banca Examinadora, constituída pelo PROFLETRAS/Pau dos Ferros/UERN, como requisito final necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Dissertação defendida e aprovada em 29 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
(Presidente)

Profa. Dra. Clécida Maria Bezerra Bessa
Universidade Federal Rural do semi-árido (UFERSA)
(Examinadora externa)

Profa. Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Bessa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
(Examinadora interna)

Profa. Dra. Rosângela Alves dos Santos Bernardino
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
(Suplente Interno)

A meu pai (*in memoriam*), herói reverenciado como tema de uma das crônicas, que, se entre nós estivesse, materialmente, estaria contando aos quatro ventos a façanha do filho.

Ave Netinha (mãe) cheia de graça! Dedico-lhe este trabalho.

Aos heróis de Areias que lutaram bravamente contra as adversidades e em favor da vida.

Agradecimentos

A minha mãe, meus pés, minhas mãos, meu coração...

A meus irmãos, pela força e união

À Francinilda, minha luz primeira, justa e verdadeira.

A Dr. Gilton Sampaio, homem nobre de respeito, acolheu minha ideia, me orientou ligeiro, faz da cultura popular seu terreiro para que a voz do sertão, seja ouvida no mundo inteiro.

À Dr. Rosângela Bernadinho, profissional de primeira, leu meu texto com carinho, pontuou direitinho, para eu não errar feio.

Ao Dr. Ananias Agostinho, me alertou sobre os fatos, me orientou sobre os erros e muito contribuiu para esta dissertação vingar.

A minha querida Socorro Maia, elegante e inteligente, me adotou por um tempo. Deixo para esta luz que alumia o *Campus*, os meus agradecimentos.

A todos os professores, humildes e sabedores. Como eu imaginar encontrar tantos doutores? Doutores de almas humildes, conhecem todos os alunos, pelo nome sempre os chamam e os enviam para o mundo.

A minha gratidão vai também para Sueilton Braz pelas boas contribuições nesta reta final.

Eu não posso esquecer, da minha turma querida, dos dias de alegria e também dos de fadigas.

Ao grupo SEMAR, que soube argumentar, me convenceu e me ajudou para eu continuar.

A toda minha escola, funcionários e professores, que não mediram esforços para me ajudar nesta escolha.

Tem também meus heróis mirins, que muito me dão trabalho, mas com um pouco mais de empenho, tirando leite de pedra, saíram bons resultados.

Em especial agradeço, a quem de braços aberto me acolheu, a todos os heróis de Areias, que de bom grado me atenderam, contaram suas histórias de vida, até mesmo de quem já morreu. Revelaram seus poderes, seus sonhos, suas fraquezas, mas sempre de sorrisos fartos, apesar dos pesares: Maria de Joao Pedão, Liá, Tota e Matilde.

Na etapa final, agradeço de coração, a Amanda Maria de Andrade, pela paciência, risada e zelo, pela ajuda singular na organização derradeira.

A Matheus Clemente, a Bernadete e Lúcia que de forma diferente, me acudiram prontamente.

A todos os meus amigos que torcem sempre por mim, estão sempre presentes nas horas boas e ruins.

A Deus, à vida, à natureza, pelo mistério da criação. Agradeço pelo som que na balada do tempo, abre o céu em canção.

“O herói nos fascina tanto porque pura e simplesmente ele personifica o desejo e a figura ideal do ser humano. Ele defende a nossa causa e por isso nos identificamos com ele. Reencontramo-nos nos seus medos e sofrimentos, nos seus combates, vitórias e derrotas, na sua luta pela sobrevivência. Ele é o nosso consolo nos tempos difíceis e nos dá esperanças de que, apesar de tudo, podemos conseguir algo, de que não estamos entregues a um destino cego, ainda que tudo pareça em vão. Ele também nos serve de modelo. Quase sempre mostra-nos virtudes e valores humanos mais maduros, como por exemplo, a coragem civil e o desinteressado engajamento social e, dessa maneira, cumpre uma tarefa social muito importante. Nossa identificação com ele encoraja-nos a conservar esses valores, mesmo quando não vemos mais esperança e preferiríamos nos resignar”.

Lutz Müller

VIEIRA. C. A. **Argumentação em crônicas produzidas nas aulas de língua portuguesa: teses, valores e hierarquias na construção dos heróis locais.** Pau dos Ferros, 2018, 152 fls. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os processos argumentativos: teses, valores, as hierarquias de valores e os lugares da argumentação que constituem os heróis de Areias, zona rural da cidade de Uiraúna - PB na produção e ensino de texto, no gênero crônica, escrita por alunos do ensino fundamental das séries finais. Para tanto, traçamos quatro objetivos específicos: (i) desenvolver uma proposta de produção textual em sala de aula com os alunos do ensino fundamental, tendo como tema mulheres e homens que se destacaram por seus atos heroicos na comunidade de Areias, zona rural de Uiraúna; (ii) interpretar teses, valores e hierarquias de valores e os lugares do preferível presentes nas crônicas dos alunos como fatores que contribuem para a formação dos heróis temas da crônicas; (iii) relacionar a figura do herói real com o de ficção como elemento literário e de construção social no discurso argumentativo presente nas crônicas, e, por fim utilizar o ensino Língua Portuguesa como mediação entre aluno e cultura local em articulação com os processos argumentativos como um meio de promover a aprendizagem. O referencial teórico tem como base central a teoria da argumentação na Nova Retórica, difundida por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Como suporte, temos os desdobramentos de Abreu (2001), Reboul (2004), Souza (2003), entre outros. Fundamentamos também os estudos teóricos sobre herói, Ensino de Língua Portuguesa e cultura popular, tendo como base os estudos de Köthe (1987), Brombert (2001), Lukács (2009) Campbel (2007) Müller (1987), Bakhtin (2011), Antunes (2007), Marcuschi (2008), Paulo Freire (1987 e 1999) dentre outros. O *corpus* da pesquisa é resultado de uma intervenção em sala de aula, tendo como produto 08 crônicas produzidas pelos alunos da escola Municipal José Patrício de Andrade, localizada em Areias, zona rural de Uiraúna. A pesquisa é qualitativa, o método é dedutivo e indutivo. A sequência didática teve como base o tema gerador de Paulo Freire distribuídas em 10 oficinas que trabalharam a temática do herói mitológico ao real. Nas análises, pudemos perceber que os alunos defenderam nas crônicas as teses de que homens e mulheres são heróis e heroínas e trazem os valores, hierarquias de valores e lugares da argumentação como âncoras para sustentar as suas teses. Assim, esta dissertação contribuiu significativamente para o ensino e produção de texto em sala de aula, como também, revelou os valores concretos da comunidade que estão ligados as ações realizadas pelos heróis, como a benzeção, a ação de partejar, as tradições religiosas e a medicina popular. Associados a esses valores, interpretou-se os valores abstratos que estão ligados aos sentimentos dos heróis de Areias como fé, solidariedade, coragem, partilha e entre outros.

Palavras-chave: Argumentação. Nova Retórica. Herói. Gênero crônica. Ensino de Língua Portuguesa.

Vieira. C. Alves. **Argumentation in chronicles produced in portuguese language lessons: thesis, values and hierarchies in the construction of the Areias's heroes, countryside of Uiraúna**. Pau dos Ferros, 2018, 152 fls. Dissertation (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

The present work aims to analyze the argumentative processes: theses, values, hierarchies of values and places of argumentation that constitute the heroes of Areias, rural area of the city of Uiraúna - PB in the production and teaching of text, in the chronic genre, written by elementary students in the final grades. In order to do so, we set out four specific objectives: (i) to develop a textual production proposal in the classroom with elementary school students, focusing on women and men who stood out for their heroic acts in the community of Areias, rural zone from Uiraúna; (ii) to interpret theses, values and hierarchies of values and the preferential places present in the students' chronicles as factors that contribute to the formation of the heroes themes of the chronicles; (iii) to relate the figure of the real hero to that of fiction as a literary and social construction element in the argumentative discourse present in the chronicles, and finally to use the Portuguese language teaching as mediation between student and local culture in articulation with the argumentative processes as a means of promoting learning. The theoretical framework is based on the theory of argumentation in the New Rhetoric, published by Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005). As support, we have the developments of Abreu (2001), Reboul (2004), Souza (2003), among others. We also base the theoretical studies on hero, Teaching Portuguese Language and popular culture, based on the studies of Köthe (1987), Brombert (2001), Lukács (2009) Campbell (2007) Müller (1987), Bakhtin (2011), Antunes (2007), Marcuschi (2008), Paulo Freire (1987 and 1999) and others. The corpus of the research is the result of an intervention in the classroom, having as product 08 chronicles produced by the students of the municipal school Jose Patrício de Andrade, located in Areias, rural area of Uiraúna. The research is qualitative, the method is deductive and inductive. The didactic sequence was based on the generative theme of Paulo Freire distributed in 10 workshops that worked the theme of the mythological hero to the real. In the analyzes, we could see that the students defended in the chronicles the theses that men and women are heroes and heroines and bring values, hierarchies of values and places of argumentation as anchors to support their theses. Thus, this dissertation contributed significantly to the teaching and production of text in the classroom, as well as revealed the concrete values of the community that are linked to the actions carried out by heroes, such as blessing, parting action, religious traditions and popular medicine. Associated with these values, we interpreted the abstract values that are related to the feelings of the heroes of Areias as faith, solidarity, courage, sharing and among others.

Keywords: Argumentation. New Rhetoric. Hero. Chronic gender. Teaching of Portuguese Language

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAMEAM - *Campus* Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CE - Ceará

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico

ENEM - Exame nacional do Ensino Médio

GPET - Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto

LDB - Lei de Diretrizes de Base

MEC - Ministério da Cultura e Desporto

OLP - Olimpíada de Língua Portuguesa

PCN - Parâmetro Curricular Nacional

PB - Paraíba

PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional

RN - Rio Grande do Norte

SD - Sequência Didática

TA - Tratado da Argumentação

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFERSA – Universidade Federal do Semi-árido

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Oficinas de textos: sequência didática.

Quadro 2 – Teses defendidas pelos alunos-oradores.

Quadro 3 – Valores mobilizados nas teses sobre os heróis de Areias.

Quadro 4 – Valores mobilizados nas crônicas.

Quadro 5 – Hierarquias de valores nas crônicas.

Quadro 6 – Lugares do preferível nas crônicas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.1 FOCO DA PESQUISA	14
1.2 A PROBLEMÁTICA E A PERTINÊNCIA	15
1.3 JUSTIFICATIVAS	17
1.4 OBJETIVOS E QUESTÕES DA PESQUISA	18
1.5 ESTADO DA ARTE	20

1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	23
-----------------------------------	----

2 ARGUMENTAÇÃO NA NOVA RETÓRICA: TEORIA E CONCEITOS.....25

2.1 OS APORTES TEÓRICOS DA NOVA RETÓRICA.....	25
---	----

2.2 TESE: ELEMENTO ESSENCIAL DA ARGUMENTAÇÃO	30
--	----

2.3 ACORDO: O PONTO INICIAL DA ARGUMENTAÇÃO	32
---	----

2.4 FATOS, VERDADES E PRESUNÇÕES	33
--	----

2.5 VALORES: A BASE DA ARGUMENTAÇÃO	34
---	----

2.6 HIERARQUIAS DE VALORES	36
----------------------------------	----

2.7 LUGARES DA ARGUMENTAÇÃO.....	37
----------------------------------	----

2.7.1 Lugar de quantidade	38
--	-----------

2.7.2 Lugar de qualidade.....	38
--------------------------------------	-----------

2.7.3 Outros lugares.....	39
----------------------------------	-----------

3 UM ESTUDO SOBRE O HERÓI: DO MITOLÓGICO AO REAL **41** |

3.1 DO SEMIDIVINO AO HUMANIZADO	41
---------------------------------------	----

3.2 O NASCIMENTO DO HERÓI PERSONAGEM	43
--	----

3.3 DA MITOLOGIA PARA O CINEMA: O RETORNO DO HERÓI.....	47
---	----

3.4 DA LITERATURA PARA O REAL	49
-------------------------------------	----

4 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA..... **54** |

4.1 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A PEDAGOGIA FREIREANA.....	54
--	----

4.2 OS GÊNEROS DO DISCURSO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	56
--	----

4.2.1 A crônica: o gênero nosso de cada dia.....	59
---	-----------

4.2.2 Discurso e argumentação no ensino de texto	63
---	-----------

5. ASPECTOS TEÓRICO - METODOLÓGICOS	65
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	66
5.2 UNIVERSO DO ESTUDO.....	68
5.2.1 A cultura popular no ensino	68
5.2.2 Areias, o cenário da pesquisa	73
5.2.3 A escola e as turmas	74
5.3. INTERVENÇÃO: A BASE DO PODER, UM CAMPO MINADO DE SABERES...75	
5.3.1 Tema gerador: dialogicidade e conteúdos programáticos	77
5.3.2 Etapas do tema gerador: uma proposta libertadora	78
5.3.3 Oficinas: das palavras geradoras à composição das crônicas	79
5.3.4 Descrição da intervenção	81
5.4. CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	87
6. ANÁLISES DA ARGUMENTAÇÃO NAS CRÔNICAS	89
6.1 A CRÔNICA E SEU AUDITÓRIO.....	89
6.2 TESES DEFENDIDAS NAS CRÔNICAS.....	91
6.3 VINCULAÇÃO DE VALORES NA FORMAÇÃO DO HERÓI.....	97
6.4 HIERARQUIAS DE VALORES NAS CRÔNICAS.....	105
6.5 LUGARES DO PREFERÍVEL PRESENTE NAS CRÔNICAS.....	119
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICE	139
ANEXOS	146

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo introdutório, visamos apresentar a pesquisa. Delimitamos o foco central, os objetivos que pretendemos alcançar, as questões da pesquisa que esperamos obter as respostas. Aqui, ainda contém a problemática, os motivos que nos levaram a escolher a temática e o gênero discursivo/textual para trabalhar na sala de aula e para as análises, além da pertinência, o estado da arte, os principais referenciais teóricos e a maneira de como a dissertação está estruturada.

1.1 FOCO DA PESQUISA

Este trabalho tem como foco a análise dos processos argumentativos como fatores que constituem discursivamente os heróis populares de Areias, zona rural da cidade de Uiraúna PB, em crônicas produzidas por alunos do ensino fundamental da Escola Municipal “José Patrício de Andrade”. Dentre os processos, interessa-nos analisar as teses, os valores, as hierarquias de valores e os lugares do preferível.

As crônicas em análise emergiram de uma intervenção realizada nas aulas de Língua Portuguesa com alunos do ensino fundamental, tendo como metodologia a sequência didática baseada na proposta freireana do *tema gerador*, e como temática, tiveram as histórias de homens e de mulheres da comunidade de Areias que se destacaram por seus atos heroicos, como a ação de benzer, partejar, ajudar na construção da capela, da escola e pela luta diária em ajudar as pessoas que precisam.

A escolha de quais seriam estas pessoas se deu nas oficinas realizada nas aulas. Assim, cada aluno escolheu o seu representante, no total de 08 personagens. Entre eles estão: 01 médico popular, 05 benzedeiros, sendo que 03 delas, também trabalharam como parteiras, 01 presidente da Associação Comunitária Nossa Senhora Perpétuo do Socorro e 01 criança que saiu ilesa após ter sido arrastada por uma enchente no ano de 1989.

As análises têm como base central a teoria da argumentação difundida por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), por meio da Nova Retórica, que dá ênfase ao texto escrito não se limitando apenas ao discurso oral. Ainda trazemos como contribuição do

mesmo campo teórico: Abreu (2001), Reboul (2004), Souza (2003). Como forma de entender o percurso do herói e suas mudanças ao longo do tempo, tomamos com base os estudos de Feijó (1984), Köthe (1987), Brombert (2001), Lukács (2000), Campbel (2007) e Müller (1987) fundamentalmente. Encontramos em Candido (2003), Jorge de Sá (1987), a definição de crônica e suas características. No que afere ao Ensino de Língua Portuguesa e gênero discursivo/textual, apoiamo-nos em Bakhtin (2011), Antunes (2009), Marcuschi (2008).

Além dos citados, tivemos muitos outros reforços para que pudéssemos abranger toda esta dissertação com mais proficuidade. Dado o foco da pesquisa e a estrutura da pesquisa, passaremos à problemática e à pertinência.

1.2 A PROBLEMÁTICA E A PERTINÊNCIA

A considerar a finalidade do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e nossos, enquanto professores do Ensino Fundamental, que se trata do aumento da qualidade do ensino fundamental, com vista a efetivar a desejada curva ascendente quanto à proficiência dos alunos no que se refere às habilidades de leitura e de escrita; o declínio das atuais taxas de evasão dos alunos durante o ensino fundamental; o multiletramento exigido no mundo globalizado com a presença da *internet* e o desenvolvimento de pedagogias que efetivem a proficiência em letramentos compatível aos nove anos cursados durante o ensino fundamental, nos propusemos de início fazer uma breve discussão a esse respeito.

O processo de escrita e leitura tem sido amplamente defendido como condição básica para o desenvolvimento do ser humano. Há necessidade de investigarmos o porquê de ser tão difícil ensinar o aluno a ler e a escrever proficientemente. Para tanto, é necessário que se implante um sistema consistente, que leve a uma educação amplamente linguística que supere os mitos e os conceitos de que pobre já nasce predestinado a ser analfabeto. Nosso desejo é fazer emergir dentro do campo da escola um ensino que não se limite apenas à leitura e à escrita, mas um ensino que também se fundamente com a cultura do aluno, visualizando os valores que possam contribuir para formação individual e social dos discentes.

A esse fundamento cultural, deu-se na medida que o texto se tornou centro das experiências no ensino da Língua, neste caso específico, trazendo a cultura local como tema das produções textuais dos alunos.

Durante muito tempo, as aulas de literatura, de “gramática”, trazidos pelos manuais didáticos sempre apresentaram textos, todavia com o conceito ainda muito limitado de texto, visto apenas como uma produção escrita, tal ideia era refletida no ensino. Atualmente, o ensino de língua apoiado no texto é um consenso nos estudos da linguagem, tendo em vista que o conceito de texto se ampliou, significativamente, resvalando à sua inserção dentro da sala de aula e, conseqüentemente, no modo de ensino de Língua Portuguesa.

Assim, também, pesquisadores, nas últimas décadas, têm voltado sua atenção para as práticas de leitura e escrita na inserção social do aluno, tendo em vista a deficiência dos alunos com relação às essas competências. No intuito de sanar essas dificuldades, professores têm se preocupado em inserir a leitura e a escrita no cotidiano escolar, por isso, muitos estudos teóricos têm orientado os trabalhos nesse sentido, ficando a cargo dos professores a tarefa de pôr em prática as orientações.

Com a pretensão de contribuir para a superação desse desafio, inserimos a temática da cultura local como forma de aproximar o aluno ao seu mundo e, conseqüente, ao mundo das letras. Entre os alunos provenientes de um contexto social precário, principalmente, os da zona rural, comumente, se difunde uma ideia que a própria escola propaga: de que quem fracassa na escola é incompetente e de que o mundo rural é inferior ao mundo urbano.

Esse tipo de discurso é comum em países com profunda desigualdade social, que, por vezes, o próprio sujeito se culpa pelo fracasso obtido na escola. Sobre essas conotações, Paulo Freire afirma que a alfabetização deve levar o analfabeto a organizar reflexivamente seu pensamento, a desenvolver sua consciência crítica, capaz de introduzi-lo num processo real de democratização da cultura e de libertação. (FREIRE, 1980).

A importância do trabalho com a cultura local em sala de aula é ressaltada pelos documentos oficiais, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), entretanto, os livros

didáticos não contemplam um estudo cultural específico, cabendo aos professores à incumbência de trazer para as aulas temáticas da própria realidade do aluno.

Nesse sentido, Brasil (2013) destaca que a educação também consiste no processo de socialização da cultura da vida, no qual se constroem, se mantêm e se transformam saberes, conhecimentos e valores. Socializar a cultura inclui garantir a presença dos sujeitos nas aprendizagens da escola.

Outro fator pertinente aos nosso estudo é a interação do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET) da UERN, com sede em Pau dos Ferros cadastrado e certificado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) vinculado à Linha de Pesquisa “Estudos em argumentação, retórica e discurso”, tem entre o campo escolar e a comunidade, uma vez que o grupo vê o aluno como um ser social, um sujeito que está integrado à sua realidade, e que por isso, não pode dissociar da escola.

Aliado a isso, abordamos a construção do sentido do texto no ensino de Língua Portuguesa, pautada dentro da temática local associada à argumentação que dentro desta pesquisa, trabalha com valores e hierarquias de valores, proporcionando identificar os valores relativos à cultura local dentro dos textos escritos pelos próprios alunos.

1.3 JUSTIFICATIVA

Das razões particulares concernentes à relevância deste trabalho, temos a *priori* a produção textual no Ensino Fundamental das séries finais como um fator de maior proeminência, uma vez que o Mestrado Profissional em Letras tem como um dos objetivos concretos indicar os meios adequados para trabalhar diferentes gêneros discursivo/textual nas práticas de ensino-aprendizagem no que afere à leitura e à produção textual, sejam eles digitais ou não.

Este trabalho se justifica também, porque possibilitou ao aluno integra-se no seu contexto e fazer reflexões sobre si, procurando soluções para os desafios da comunidade. Além da construção cultural contida nos diálogos que eles tiveram com as mulheres e homens do local.

Do mesmo modo, podemos inferir que o conhecimento surgiu em decorrência das experiências pelas quais passaram o homem ao longo de sua história. O ser humano,

desde os primórdios tem a necessidade de conhecer e confrontar os fatos e as observações, afim de explicar os fenômenos. Com isso, o trabalho com a história local, possibilitou ao aluno analisar o contexto no qual ele está inserido, ter a dimensão histórica e social de diferentes épocas, permitindo que eles se reconheçam como parte da evolução histórica da comunidade.

A temática desenvolvida na intervenção, justifica-se pela fascinação que os heróis exercem sobre o humano, principalmente, em crianças e adolescentes. Aqui, os estudos sobre eles serviram como incentivos para o desenvolvimento das oficinas que trabalharam do herói mitológico aos heróis da comunidade.

Outro fator relevante é argumentação usada no dia a dia. Como se sabe, a retórica é uma disciplina das mais antigas e sempre procura questionar, instigar e persuadir. Tanto é que as crianças, mesmo antes de fazerem uso da linguagem verbal, já utilizam estratégias para persuadir, como o choro, por exemplo. O discurso argumentativo sempre está presente na sala de aula, no dia a dia das pessoas e em todos os gêneros discursivo/textual, seja de maneira implícita ou explícita, além de ser indispensável para se viver em sociedade. Sobre isso, Mosca (2004, p. 45), diz: “num mundo em que os conflitos e as controvérsias são inevitáveis, as negociações e a argumentação fazem parte do cotidiano das nações, das comunidades e das pessoas.

Os estudos, neste contexto, voltam-se para a análise de processos argumentativos na produção e no ensino do texto, considerando a textualidade do gênero crônica e as condições de produção dos discursos, amparados pelas categorias da Nova Retórica.

A escolha do gênero discursivo/textual crônica para o *corpus* desta pesquisa parte da ideia de ser a crônica um gênero flexível, curto e que pôde contar a história de vida dos heróis locais, tecendo comentários ou ainda apresentar conteúdo, lírico, poético apresentando a emoção do aluno diante dos acontecimentos da vida dos homens e mulheres tema das crônicas, sem excluir a literalidade. Além do que, o uso da linguagem subjetiva aproxima o mundo da realidade com o da ficção, e com isso, os heróis puderam ser comparados com os super-heróis sem prejuízo de sentido.

1.4 QUESTÕES E OBJETIVOS DA PESQUISA

As questões que norteiam este trabalho têm como base principal, mas não somente, o aporte teórico da Nova Retórica, são elas:

- ❖ Como desenvolver uma proposta de produção textual nas aulas de Língua Portuguesa tendo como temática homens e mulheres da comunidade de Areias que se destacaram pelos seus atos heroicos?
- ❖ De que forma as teses, os valores, hierarquização de valores e os lugares de preferível contribuem na construção dos heróis da comunidade de Areias nas crônicas em análises?
- ❖ Como construir um discurso argumentativo relacionando a figura do herói de ficção com o herói real nas crônicas?
- ❖ De que maneira as aulas de Língua Portuguesa em articulação com os processos argumentativos promovem a aprendizagem por intermédio da cultura popular?

Objetivo geral

- ❖ Analisar os processos argumentativos da linguagem como fatores discursivos que constituem os heróis locais na produção e ensino de texto no gênero crônica escrita por alunos do ensino fundamental.

Objetivos específicos

- ❖ Desenvolver uma proposta de produção textual em sala de aula com os alunos do ensino fundamental tendo como tema mulheres e homens que se destacaram por seus atos heroicos na comunidade de Areias, zona rural de Uiraúna;
- ❖ Interpretar teses, valores, hierarquias de valores e os lugares do preferível presentes nas crônicas dos alunos como fatores que contribuem discursivamente para a formação dos heróis temas das crônicas;

- ❖ Relacionar a figura do herói real com o de ficção como elemento literário e de construção social no discurso argumentativo presente nas crônicas.
- ❖ Utilizar o ensino Língua Portuguesa como mediação entre aluno e cultura local em articulação com os processos argumentativos como um meio de promover a aprendizagem.

1.5 ESTADO DA ARTE

Para fundamentar esta pesquisa, levantamos alguns trabalhos realizados em estudos da argumentação em textos escritos, especialmente, em textos escritos por alunos. A novidade neste estado da arte é, justamente, analisar os processos argumentativos em textos escritos por alunos no ensino fundamental, devido a intervenção em sala de aula, que leva como temática a cultura local do aluno. O presente trabalho, pautado neste viés, traz como tema os heróis locais. E como forma de entender sobre a construção dos heróis, trouxemos também neste estado da arte, alguns trabalhos que nos deram suporte para dissertar sobre o herói.

Sobre argumentação em discurso, encontramos a pesquisa de doutorado de Ferreira (2011), em que ele apresenta as análises dos procedimentos argumentativos baseado na retórica aristotélica e na nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca nas epístolas do apóstolo Paulo. O trabalho de Ferreira (2011) tem como título “A arte retórica nos discursos do apóstolo Paulo e as estratégias de convencimento e persuasão frente à diversidade de auditórios”.

Como fonte de pesquisa encontramos também em Souza (2003), a tese que analisa os processos argumentativos de textos jornalísticos da mídia impressa. O texto tem 19 artigos como *corpus* que discutem o (não) desenvolvimento da região Nordeste brasileira.

Essas pesquisas nos deram um norte de como desenvolver um trabalho pautado em argumentação em discurso. No entanto, a nossa pesquisa parte de outro viés que é o da argumentação em discurso escrito por alunos do ensino fundamental, tendo como tema a cultura local.

Por isso, citamos também, algumas dissertações que dialogam de forma mais próxima com nossa proposta de trabalho: a pesquisa dos alunos do PROFLETRAS da Universidade Estadual de Rio Grande de Norte (UERN) do *campus* de Pau dos Ferros, pertencente aos mesmo grupo de pesquisa que enfatiza a cultura local em articulação com a Nova Retórica, trazendo para o ensino de texto temas relativos à realidade local do aluno e tendo o discurso produzidos pelos discentes como *corpus* de análise.

Assim, temos a dissertação de Dantas (2015), “Cultura popular e argumentação sobre *a lenda da pedra da moça* no município de São Miguel/RN: das memórias do contador às produções textuais em sala de aula”, um estudo sobre cultura popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça, no município de São Miguel/RN, baseado nas memórias de um contador. A dissertação de Queiroz (2015) “Argumentação em memórias literárias da Olimpíada de Língua Portuguesa”, um estudo sobre a argumentação em memórias literárias da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro do ano de 2012. E em Lopes (2015), com o trabalho intitulado “Narrativas andantes da passagem da ‘Coluna Preste’ pelo município de São Miguel/RN: contexto sociocultural e argumentação no Ensino de Língua Portuguesa”.

Encontramos em Sousa (2015) a dissertação intitulada “A argumentação no ensino de português: da produção à análise de artigos de opinião sobre o “caso Francisca do Socorro” em Milagres/CE”. A autora procurou investigar como alunos do Ensino Médio constroem a argumentação em artigos de opinião sobre o caso Francisca do Socorro no município de Milagres/CE, trazendo à tona a temática cultural local focando nas contribuições da argumentação para ensino de Língua Portuguesa, bem como para o processo cultural do município.

Este trabalho tem uma estreita ligação com os acima citados. A diferença é que nossa análise constrói a figura do herói através dos processos argumentativos analisadas. Embora envolva argumentação em discurso em integração com a cultura a qual o aluno está inserido, assim com os citados, esta pesquisa traz uma particularidade, pois envolve também imaginação e literatura. O que precedeu um estudo sobre o herói, que, como consequência, trouxe isso para intervenção.

Apresentamos a seguir alguns estudos teóricos analíticos acerca da figura do herói, que assim como esta dissertação, também trazem uma análise levantando

informações históricas sobre os heróis, seu surgimento, suas especificações e a construção desses heróis no meio social como representatividade da sociedade.

Temos a tese “Perambulações de João Grilo: do pícaro lusitano ao malandro brasileiro, as peripécias do (anti-) herói popular”, de Nascimento Neto (2014), que está pautada na análise da construção da figura do herói popular, a saber, João Grilo, em solo português, e da transformação de seus caracteres quando da sua chegada em solo brasileiro. Desse modo, o pícaro lusitano, guiado pela sorte, abdica do destino em prol do malandro brasileiro, guiado pela sua perspicácia e meticulosidade. Povoando os mais diferentes gêneros discursivo/textual é no folheto de cordel que João Grilo faz morada duradoura e onde empreende uma luta de classes, expondo as desigualdades sociais no Brasil.

Tivemos, também, a dissertação de Guerra (2011), “Super-heróis Marvel e os conflitos sociais e políticos nos Estados Unidos (1961-1981)”, que tem o objetivo de investigar as transformações na política externa no contexto da Guerra fria e na política frente às mudanças estadunidenses nas décadas de 1960 e 1970. A pesquisa traz como fonte a editora Marvel *Comics* que publica história de ficção tendo os protagonistas com poderes sobre-humanos chamados de super-heróis.

A dissertação “Superpoderes, malandros e heróis: o discurso da identidade nacional nos quadrinhos brasileiros de super-heróis” de Alves (2003) que objetiva analisar o herói presente na cultura midiática brasileira como uma representação do nosso caráter nacional, com ênfase nos super-heróis brasileiros das histórias em quadrinhos.

Os estudos expostos aqui sobre herói analisam, embora como representatividade social, o herói dentro da ficção, seja na literatura tendo Joao Grilo como herói pícaro, seja os que enredam os quadrinhos. Eles diferenciam-se do nosso, justamente, porque esta dissertação tem como foco de estudo os heróis da vida real. Este trabalho adquire singularidade também por trabalhar os aspectos da argumentatividade nas crônicas sobre heróis populares de Areias, e por levar essa discussão articulada para os espaços de ensino e aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa.

1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

De modo a atender todos os propósitos estipulados de maneira mais concreta e de elevar as discussões, esta dissertação foi estruturada em seis capítulos, assim distribuídos:

O primeiro capítulo “INTRODUÇÃO” situa o leitor na temática a ser desenvolvida, traçando quais objetivos se deseja alcançar e quais questões se pretende obter respostas ao final. Enfoca também a problemática, as pretensões e as justificativas. E por fim, o estado da arte que cita trabalhos que contribuíram para a composição deste.

O segundo capítulo “ARGUMENTAÇÃO NA NOVA RETÓRICA: TEORIA CONCEITOS” discute o conceito da Nova Retórica, teoria postulada por Perelman e Tyteca (2005), enfatizando as categorias analisadas no produto final desta dissertação: as teses, os valores e suas hierarquias e os lugares do preferível.

O terceiro capítulo “UM ESTUDO SOBRE O HERÓI: DO MITOLÓGICO AO REAL” faz um esboço sobre o perfil do herói e a mudança que ocorreu na figura dele no decorrer dos tempos, culminando com a discussão sobre os heróis reais.

O quarto capítulo “O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA” inicia-se com uma discussão sobre a pedagogia freireana e sua relação com o ensino de Língua Portuguesa. O segundo momento enfoca os gêneros discursivo/textual dando ênfase no gênero crônica a fim de entender melhor o trabalho com a produção textual. São feitas, no último momento, algumas considerações sobre argumentação e discurso no ensino de texto.

O quinto capítulo “ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS” apresenta o percurso que norteou o estudo desta dissertação: o método, a abordagem, o universo de estudo, os participantes, o processo interventivo, as descrições desse processo e a constituição do *corpus*.

O sexto capítulo “ANÁLISES DA ARGUMENTAÇÃO NAS CRÔNICAS” tem o propósito de analisar as teses, os valores, as hierarquias de valores e os lugares da argumentação nas crônicas como fatores discursivos que constrói a figura do herói nas mulheres e nos homens de Areias, temas das produções textuais dos alunos.

Temos por último, as “CONSIDERAÇÕES FINAIS”, que retomam o ponto introdutório da dissertação, mostrando os objetivos alcançados e respondendo as questões da pesquisa. Para finalizar, mostramos a importância da pesquisa e sua contribuição para o campo científico, no intuito de ressignificar o ensino de Língua Portuguesa articulando argumentação e valores inerentes à cultura local da comunidade de Areias.

2 ARGUMENTAÇÃO NA NOVA RETÓRICA: TEORIA E CONCEITOS

Nos propusemos, neste capítulo, discutir sobre a Nova Retórica tendo como base os teóricos belgas Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). A contribuição da Nova Retórica, aliada à linguagem, ajuda a expor a identidade dos homens e mulheres tema deste trabalho. O capítulo faz uma introdução a respeito da teoria da argumentação que veio a ser conhecido, genericamente, por correntes pós-positivistas. Os autores do Tratado da Argumentação defendem a ideia da possibilidade de inserir os juízos de valor na esfera racional. Aludem que a lógica da argumentação não é uma lógica matemática e sim dos valores, do razoável, do preferível. Assim, tratamos neste capítulo, principalmente, dos processos argumentativos que serão analisadas nas crônicas: a tese, o elemento essencial da argumentação; os valores, a base argumentativa e suas hierarquias, como também os lugares da argumentação, de onde partem os argumentos.

2.1 OS APORTES TEÓRICOS DA NOVA RETÓRICA

A preocupação com o domínio dos recursos argumentativos não é uma preocupação apenas da atualidade mas, também antiga. De acordo com Abreu (2001), a retórica surgiu em Atenas, por volta de 427 a.C. momento que os atenienses estavam vivendo a primeira experiência de democracia de que se tem notícia na História. Dentro desse novo contexto democrático sem a presença de autoritarismo, era muito importante que os cidadãos conseguissem dominar a arte de bem falar e de argumentar com as pessoas nas assembleias populares e nos tribunais.

Esta precisão com o domínio da expressão verbal, fez com que as escolas da época criassem disciplinas que ensinassem através das palavras a habilidade de persuasão. Dentre as disciplinas como Eloquência e Gramática e Retórica, a última foi a que mais se destacou. Falar se tornou uma questão de habilidade, fazer o uso da linguagem de forma elegante, com arte e espírito.

Este trabalho discute a argumentação do ponto de vista da Nova Retórica. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 4) dizem que: “o objeto dessa teoria é o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão das mentes às

teses que se apresenta, ao seu assentimento”. Em outras palavras, argumentar é manter sobre o outro o domínio de sua ideia, com vista à aceitação do interlocutor. Podemos, assim, dizer que, a Nova Retórica não se prende à oratória, à beleza do discurso, como outrora visto, mas sim, à força dos argumentos que garantem a adesão do auditório.

O vocábulo persuadir vem do latim *persuaderes*, cuja semântica é aconselhar. De acordo com Citelli (1997), uma vertente autoritária, ou seja, quem aconselha quer levar o outro a aceitação de uma ideia. O autor ainda diz: “Generalizando um pouco é possível afirmar que o elemento persuasivo está colado ao discurso como a pele ao corpo”(p. 6).

A partir dessa colocação, podemos afirmar que o persuasor usa mecanismos linguísticos através da linguagem para produzir sentido e o efeito desejado ao auditório. Para isso, o orador deve levar em conta as condições psicológicas e sociológicas em que se encontram o auditório.

Reboul (2004) chama atenção que não é fácil definir o termo retórica, pois atualmente ele assumiu sentidos diversos e divergentes. Nos interessa aqui a posição tomada por Perelman e Olbrechts-Tyteca, que têm a retórica como arte de argumentar, e busca seus exemplos mormente entre oradores religiosos, jurídicos, político e até filósofos. Reboul (2004, p. 9) discorre que a retórica diz respeito ao discurso persuasivo e a define nos seguintes termos: “Toda produção verbal, escrita ou oral, construída por uma frase ou por uma sequência de frases, que tenha começo e fim e apresente certa unidade de sentido. ”

Alguns distinguem, rigorosamente, “persuadir” de “convencer” constituindo este último não em se fazer crer, mas em se fazer compreender. Reboul ver que esta distinção está na filosofia e na ideologia.

Convencer e persuadir, embora não estejam e nem possam ser dissociados e em muitos campos semânticos serem sinônimos, Abreu (2001, p. 25) mostra a diferença básica entre os significados dos termos:

Convencer é construir algo no campo das idéias. Quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós. Persuadir é construir no terreno das emoções, é que desejamos que ele realize.

Assim, apoiado em Abreu (2001), argumentar envolve as duas ideias: é, pois, a arte de convencer e persuadir. Convencer é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando. E persuadir é construir no terreno da ação. Muitas vezes, conseguimos convencer as pessoas, mas não conseguimos persuadi-las. Um médico pode convencer uma pessoa de que ingerir bebida alcoólica faz mal à sua saúde, e, apesar disso, ela continuar negligenciando os conselhos do médico, fazendo o uso da ingestão de bebidas alcoólicas.

Concluimos que não há uma linha divisória entre convencer e persuadir, apesar de “persuadir” ter um sentido mais profundo, pois não se pode persuadir sem antes convencer. Na acepção de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 06)

A retórica antiga era, acima de tudo, a arte de falar bem em público de modo persuasivo; referia-se, pois, ao uso da linguagem falada, do discurso, perante uma multidão reunida na praça pública, com o intuito de obter a adesão desta a uma tese que se lhe apresentava.

Entretanto, os autores asseveram que seus trabalhos mantêm basicamente a ideia de auditório com relação à Antiga Retórica. Eles enfatizam que todo discurso se dirige a um auditório, ainda que na escrita, isso seja esquecido, conquanto o texto sempre está condicionado, mesmo que de forma inconsciente por aqueles a quem se pretende dirigir (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005).

Para aprofundar ainda mais o tema, é importante apresentar os elementos básicos da argumentação: orador, discurso e auditório, os quais são pressupostos para que se possa entender a Nova Retórica. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 7) dizem que “o discurso é compreendido como argumentação”. Orador é aquele que apresenta o discurso e o auditório é a quem o discurso é dirigido. Orador e auditório estão sempre ligados intrinsecamente. Inspirado em Perelman e Olbrechts-Tyteca, Reboul (2004, p. 92) diz que:

A argumentação distingue-se da demonstração por cinco características essenciais: 1) dirige-se a um auditório; 2) expressa-se em língua natural; 3) suas premissas são verossímeis; 4) sua progressão depende do orador; 5) suas conclusões são sempre contestáveis.

Na Nova Retórica o auditório é determinante para construção da fala do orador, que por sua vez tem que se adaptar ao tipo de auditório. Segundo Abreu (2001 p.16):

O auditório é o conjunto de pessoas que queremos convencer e persuadir. Seu tamanho varia muito. Pode ser do tamanho de um país, durante uma comunicação em rede nacional de rádio e televisão, pode ser um pequeno grupo, dentro de uma empresa, mas pode ser apenas uma única pessoa: um amigo, um cliente, ou um namorado ou namorada.

Dessa forma, percebe-se que a argumentação se desenvolve para o auditório. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) destacam a importância da constante adaptação do discurso aos destinatários, afirmando que cabe ao auditório o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores. São três os tipos de auditório apresentados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005): primeiro é o auditório universal, formado por toda humanidade, ou pelo menos, por todos os homens adultos e normais; o segundo constitui-se pelo interlocutor a quem se dirige o diálogo; o terceiro constitui o próprio sujeito, quando ele delibera ou figura as razões de seus atos.

Não é tarefa fácil a classificação do tipo de auditório, os próprios autores do tratado da argumentação (TA) admitem, que critérios puramente materiais não determinam com precisão os tipos de auditório. Por esta razão, o auditório encontra a sua função primordial em suas teorias que os definem como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 21). Desta forma, o conceito acima permite que cada orador pense, de uma maneira mais ou menos consciente, nas pessoas que ele quer persuadir.

Para Reboul (2004), o auditório se distingue de várias formas, pelo tamanho, que pode ir de indivíduo a toda humanidade; pelas características psicológicas de corrente da idade, sexo, profissão, cultura, etc. Pela competência, que neste caso envolve o tipo de argumentação e vocabulário e pela ideologia.

Dessa forma, oradores presumem seus próprios auditórios. O conhecimento daqueles que se pretende conquistar, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 23), “é uma condição previa de qualquer argumentação”. Para esclarecer melhor os tipos e auditório iremos discorrer brevemente sobre cada um deles.

O auditório universal, segundo Abreu (2001, p.16), “é um conjunto de pessoas sobre as quais não temos controle de variáveis” Uma argumentação voltada para um auditório universal deve convencer o leitor, independentemente, das contingências locais e históricas. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) defendem a ideia de que o auditório universal não é um conceito objetivo, haja vista que cada orador concebe seu auditório de modo diferente de acordo com seus preceitos e com as oposições de que tem consciência. Sobre isso, eles aludem para o fato de que cada cultura, cada indivíduo tem sua própria concepção do auditório universal.

O estudo dessas variações seria muito instrutivo, pois nos faria conhecer o que os homens consideraram, no decorrer da história, real, verdadeiro e objetivamente válido. Contudo, um mesmo orador, se dirige, teoricamente, a um auditório universal valendo-se no conhecimento de que tem sobre as ideias de todos os homens, e, como consequência, persuadir a todos.

O auditório particular, tem como foco persuadir um público restrito através da apresentação da tese quando ocorre a argumentação. Abreu (2001, p. 40) dizem que “o auditório particular é um conjunto de pessoas cujas variáveis controlamos”. Bom lembrar que o conceito de auditório atende as ideias e não ao número de pessoas. Fiorin (2014, p. 74), afirma que “cada auditório é particular, porque cada um tem conhecimentos, crenças, valores e emoções diversos”.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) dizem que mesmo quando o ouvinte único, seja ele o ativo do diálogo ou silencioso a quem o orador se dirige, é considerado a encarnação de um auditório, que pode ser muito amiúde, a encarnação de um auditório particular. Para os autores, a escolha do indivíduo que encarna um auditório particular influencia, frequentemente, os processos argumentativos.

O último auditório delimitado pelos autores do Tratado da Argumentação é aquele que delibera consigo mesmo. Neste tipo de auditório, “o sujeito que delibera é considerado em geral uma encarnação do auditório universal” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 45). Com efeito, esse sujeito dotado de razão ele não pode deixar de ser sincero consigo mesmo, ele mais do que ninguém é capaz de experimentar os valores do seu próprio argumento. Essa é, justamente a base desse tipo de auditório. O sujeito não precisa convencer a outros, ele busca a voz de sua própria

razão. O individualismo confere prementemente ao modo de conduzir nossos próprios pensamentos. É, pois, a deliberação íntima, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 46), “uma espécie de argumentação”.

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a discussão com outro é uma forma de nos esclarece melhor e que o acordo consigo mesmo é apenas um caso particular com os outros. Deste modo, “é a análise da argumentação dirigida a outrem que nos fará compreender melhor a deliberação consigo mesmo e não o inverso”. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 46).

Fechada discussão introdutória no âmbito da Nova Retórica, que envolveu um pouco da história, conceitos e do acordo entre o orador e o auditório, discutiremos as teses.

2.2 TESE: ELEMENTO ESSENCIAL DA ARGUMENTAÇÃO

Neste item, focamos em discussões sobre tese, partindo, inicialmente, do pressuposto de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), quando eles afirmam que a tese é o elemento essencial de uma argumentação na qual encontramos o lado racional da argumentação e sobre o qual dispomos o uso de técnicas para construir nosso plano argumentativo. De modo a fomentar as nuances sobre tese e suas relações no contexto de interação social, Souza (2003, p. 64) diz:

Nas interações discursivas que constituem as relações sociais dos seres humanos, os sujeitos falantes, os oradores, ao construírem os seus textos, o que implica em defender teses, dialogam com os seus interlocutores também nas relações estabelecidas entre as teses argumentadas, uma vez que, nessa interação dialógica, o orador almeja convencer o seu auditório da veracidade ou plausibilidade de seus argumentos, de sua tese (*logos*), ou muitas vezes, interpelá-lo (*pathos*) a agir de uma forma desejada pelo orador (*ethos*).

A defesa de uma ideia está presente em todos os momentos das interações discursivas da atividade humana. Temos então a tese como a ideia a ser defendida e o auditório para ser convencido. O termo tese provém do latim *thesis* que, por sua vez, deriva de um vocábulo grego. Trata-se, em linhas gerais, de uma proposição teórica,

posição, opinião ou conclusão, que são fundamentadas com argumentos vários, com base em uma determinada hipótese ou pressuposto. Ter definida uma tese é saber para que tipo de problema essa tese é resposta. Lançar uma ideia para um auditório que desconhece a resposta, de nada adiantará. Inicialmente é preciso questionar. Quando o auditório estiver buscando a resposta, será o momento certo de lançar a ideia. Sobre isso, diz Abreu:

Ao iniciar um processo argumentativo visando ao convencimento, não devemos propor de imediato nossa tese principal, a ideia que queremos ‘vender’ ao nosso auditório. Devemos, antes, preparar o terreno para ela, propondo alguma outra tese, com a qual nosso auditório possa antes concordar. (ABREU, 2001, p. 17)

Essa tese preparatória aduzida por Abreu (2001) é o que ele chama de tese de adesão inicial. Uma vez que o auditório concorde com ela, a argumentação ganha estabilidade, pois é fácil partir dela para a tese principal.

Abreu (2001) diz que a tese é a primeira condição da argumentação. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 29) afirmam que:

[...] a variedade de auditório é quase infinita e que, querendo adaptar-se a todas as suas particularidades, o orador vê-se confrontando com inúmeros problemas. Talvez seja esta uma das razões pelas quais o que suscita acima de tudo o interesse é uma técnica argumentativa que se imporia a todos os auditórios [...] A busca incessante de uma objetividade, seja qual for sua natureza, corresponde a esse ideal, a esse desejo de transcender as particularidades histórica ou locais de modo que as teses defendidas possam ser aceitas por todos.

Desse modo, o auditório é peça fundamental para que haja, de fato, argumentação. Destarte, algumas condições prévias são necessárias, como o contato intelectual entre o persuasor e auditório, assim como uma questão ou problema afim de manter uma discussão e o uso da linguagem compartilhada pelos interlocutores, somando a isso, o conhecimento do auditório, lugar onde a argumentação será desenvolvida. Abreu (2001), baseado em Perelman, diz que para argumentar é preciso também agir de forma ética. Daí a ideia de transparência e honestidade no discurso argumentativo, como eixo fundamental na defesa de um ponto de vista.

Ide (2000, p. 73) apresenta alguns critérios que identificam uma tese. São eles:

- é a mais verossímil;
- é a mais unificadora dos diversos aspectos do texto;
- é teoricamente única, se o texto for bem construído;
- responde à questão: “o que se diz disso? ”.

Essas premissas aludidas por Ide (2000) são fundamentais para identificar as teses, visto que uma das tarefas primordiais nesta pesquisa é a identificação das teses presentes nas crônicas escritas dos alunos. Como já foi ressaltado neste trabalho, não existe apenas a tese central, mas também muitas outras que servem, dentre outras funções, para preparar o espírito do auditório para a tese principal.

2.3 ACORDO, O PONTO INICIAL DA ARGUMENTAÇÃO

O ponto de partida para toda e qualquer argumentação é o acordo prévio entre o orador e o auditório. O tratado da argumentação traz premissas comuns, implícitas ou explícitas como constituintes do acordo; fatos, verdades, presunções, valores e o preferível, as hierarquias e os lugares do preferível.

Sobre as premissas da argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) versam primeiro sobre o que é aceito do ponto de partida do raciocínio lógico, que se desenvolve graças a um conjunto de processos de ligação e de dissociação. Com efeito, tanto o desenvolvimento como o ponto de partida pressupõem o acordo do auditório. Por outro lado, de acordo com os autores, a própria escolha das premissas e sua formulação, raramente estão isentas de valor argumentativo, trata-se de uma preparação para o raciocínio, que constitui o primeiro passo para sua utilização persuasiva.

Diante das premissas utilizadas pelo orador que servem como fundamento à construção, o auditório pode aderir ou não às proposições iniciais, seja por adquirirem um caráter unilateral da escolha das premissas, seja por ficarem contrariado com o caráter tendencioso da apresentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005).

2.4 FATOS, VERDADES E PRESUNÇÕES

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) distinguem entre os objetos do acordo pertencente ao real, de um lado, os fatos e verdade, do outro as presunções. Segundo os autores, não seria possível dar uma definição que classificassem este ou aquele como um dado concreto. É que na argumentação a ideia que se tem, de fato, é caracterizado unilateralmente pela noção de certo gênero do acordo a respeito de certos dados, que se referem a uma realidade objetiva.

De acordo com Reboul (2004, p. 64), “o acordo repousa primeiramente sobre os fatos, e fatos já são argumentos”. Contudo, indo ao encontro com o que afirma Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (2004) diz que a noção de fato está longe de ser clara e como todo argumento o fato pode ser contestado. O auditório que decide em que circunstância a ideia apresentada pelo orador é ou não um fato. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.75) dizem que: “A adesão ao fato não será, para o indivíduo, senão uma reação subjetiva a algo que impõe a todos e que os fatos podem ser de observação ou fatos supostos, convencionais, fatos possíveis ou prováveis”

Para designar os objetos do acordo com mais precisão, temos as verdades, que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 25) designa como “sistema mais complexo, relativos a ligação entre fatos, que se trate de teorias científicas ou de concepção filosóficas ou religiosas que transcendem a experiência”. De forma bem sucinta, Reboul (2004) esclarece que as verdades são menos diretas que os dados, são nexos necessários ou prováveis como uma lei tendencial.

Além dos fatos e das verdades, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 79) afirmam que “todos os auditórios também admitem as presunções”. As presunções, de acordo com Reboul (2004), tem a função capital, pois constituem o que chama de verossímil, ou seja, todos admitem até que se provem o contrário.

É necessário, em todo caso, que o orador conheça as presunções do auditório, pois as presunções tendem a variar dependo do contexto. De modo a elucidar o uso corrente das presunções, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.79) nos apresentam algumas:

- 1- A presunção de que a qualidade de um ato manifesta a da pessoa que o praticou;
- 2- A presunção da credulidade natural, que faz com que nosso primeiro movimento seja acolher como verdadeiro o que nos dizem e que é admitida enquanto e na medida em que não tivermos motivo para desconfiar;
- 3- A presunção de interesse, segundo a qual concluímos que todo enunciado levado ao nosso conhecimento supostamente nos interessa;
- 4- A presunção referente ao caráter sensato de toda ação humana.

Diante dessas proposições, podemos perceber que as presunções estão ligadas a casos diversos, sejam particulares, normais ou verossímeis. E que a existência desses vínculos constitui uma presunção geral admitida pelo auditório. Finalizadas as discussões sobre os fatos, as verdades e as presunções, caracterizadas pelo acordo do auditório universal, é necessário, portanto dissertar sobre os valores, as hierarquias de valores e os lugares do preferível. Eles são alguns objetos do acordo que se pretende a adesão de grupos particulares.

2.5 VALORES: A BASE DA ARGUMENTAÇÃO

Dentre as premissas da argumentação estão os valores. Eles estão na base e no termo da argumentação. Perelman e Olbrechts-Olbrechts (2005, p.84) afirmam que:

Estar de acordo acerca de um valor é admitir que um objeto, um ser ou um ideal deve exercer sobre a ação e as disposições a ação uma influência, que se pode alegar uma argumentação. Sem se considerar, porém, que esse ponto vista se impõe a todos.

Os valores não podem ser impostos a todos, visto que eles podem ser mais importantes para algumas pessoas e menos importante para outras. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), os valores intervêm no dado momento em toda argumentação. Geralmente, nos raciocínios de ordem científica, eles se limitam à origem da formação dos conceitos e das regras. Todavia, no campo jurídico, político e filosófico, os valores intervêm como base de argumentação ao longo de todo o desenvolvimento. De outra forma, Reboul (2004) corrobora com a ideia de que valores que são aceitos por

todos de que é certo que há valores universais, mas estes são formais; toda sociedade admite o justo e o belo, mas com conteúdo bem diferentes.

Tal pressuposto aferido por Reboul (2004) suscita a ideia de que, ainda que exista os valores universais, cada sujeito/orador mantém seus próprios valores, e eles variam de acordo com a ideologia, o lugar o modo de vida de cada um.

Nessa perspectiva, há valores aceitáveis pelo consenso comum como irrefutáveis, todavia, eles tendem a variar o conteúdo, dependendo do tipo de auditório. Desse modo, valores agregados pelos heróis de Areias que são aceitáveis pela comunidade, que, talvez, em outras sociedades e outros tempos, não seriam vistos como heróis. A benzedeira, por exemplo, em outro contexto histórico era vista como bruxa, e que por isso, muitas foram queimadas sob a acusação de heresia. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) destacam que a argumentação, dependendo do contexto, baseia-se alternadamente nos valores concretos e nos valores abstratos, que, muitas vezes estão tão interligados que fica complicado apreender o papel representado por eles.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) distinguem os **valores concretos** como os que se vinculam a um ente vivo, a um grupo determinado, a um objeto particular, quando os examinamos na sua unicidade, como França e igreja. E os valores abstratos como justiça e veracidade. Sendo assim, algumas noções vinculadas a valores abstratos como fidelidade, lealdade, solidariedade, disciplina estão presentes no perfil dos heróis de Areias. Os valores abstratos podem ser visualizados e aceitos por todos. Eles não estão presos a uma instituição particular, nem a uma pessoa, fundam-se na razão, enquanto que os valores concretos estão vinculados às pessoas, aos seres e às instituições. A partir dessa ideia, podemos dizer que todo ser humano agrega em sua vida esses valores, porque cada indivíduo tem uma historicidade de vida em uma determinada cultura que agrega os valores sejam eles concretos ou abstratos, ou dos dois simultaneamente.

Os autores discutem que nem sempre é fácil distinguir os valores, por exemplo, o valor concreto em certos casos, nem sempre o é. Eles acrescentam a ideia de que para que um valor seja concreto, cumpre examiná-los sob seu aspecto de realidade única, um valor concreto constitui uma tomada de posição arbitrária.

A necessidade de estribar-se em **valores abstratos** está vinculada essencialmente à mudança. Esses valores podem servir comodamente para a crítica, pelo fato de não levarem em consideração as pessoas e por parecerem fornecer critérios a quem quer modificar a ordem estabelecida. Não há razão para expor incompatibilidades, se a mudança não é desejada (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005).

Assim, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 87) “sejam quais forem os valores dominantes, num meio cultural, a vida do espírito não pode evitar apoiar-se tanto em valores abstratos como em valores concretos. ”

2.6 HIERARQUIAS DE VALORES

Pelo que vimos até aqui, podemos denotar que a argumentação não se limita aos valores abstrato e concreto, mas também às hierarquias.

As **hierarquias** são partes integrantes para a construção do herói de Areias, e compreendê-las é essencial nesse processo construtivo. As hierarquias, por organizarem o grau de relevância dos argumentos, são tidas como mais importantes que os valores no processo argumentativo. Este princípio de ordenação, quanto ao grau de importância, classifica-se em duas ordens: a concreta e a abstrata. Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 90): “[...] ao lado das hierarquias concretas, como a que expressa a superioridade dos homens sobre os animais, há hierarquias abstratas, como a que expressa a superioridade do justo sobre o útil”.

Assim como as hierarquias concretas representam os valores concretos, as hierarquias abstratas representam os sentimentos. Os autores do Tratado da Argumentação (2005, p. 91) colocam como um dos princípios hierarquizantes mais usuais a quantidade maior ou menor de alguma coisa. Assim, de acordo com autores supracitados, teremos o grau de superioridade o qual é caracterizado por uma maior quantidade de certo caráter.

Os valores em geral vinculam entre si e são fundamentos de sua subordinação. Abreu (2001, p. 32) afirma que, “num processo persuasivo, a maneira como o auditório

hierarquiza os seus valores chega a ser, às vezes, até mais importante do que os próprios valores em si”.

Na verdade, o que caracteriza um auditório não são os valores que ele admite, mas como ele os hierarquiza. Abreu (2001) acrescenta que se dois grupos de pessoas possuem os mesmos valores, mas em escalas diferentes, acabam por configurar dois grupos diferentes.

Concluindo que as hierarquias de valores variam de pessoa para pessoa, em função da cultura, das ideologias e da própria história pessoal. Com efeito, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) advertem que a maior parte dos valores são comuns a um grande auditório. O que caracteriza cada auditório é menos os valores admitidos do que o modo que os hierarquizam. Deste modo, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 92), dizem que:

Os valores, mesmo se admitidos por muitos auditórios particulares, o são com maior ou menor força. A intensidade de adesão de um valor, em comparação com a intensidade com a qual se adere a outro, determina entre esses valores uma hierarquia que se deve levar em conta. Quando essa intensidade não é conhecida com precisão suficiente, o orador tem, por assim dizer, liberdade na utilização de cada um dos valores sem precisar justificar necessariamente a preferência que concede a um deles, uma vez que não se trata de subverter uma hierarquia admitida.

Isso denota que muitos auditórios particulares não admitem os valores na mesma proporção. Neste caso, quem determina as hierarquias de valores é a intensidade de adesão do auditório a um valor. Se o auditório não reconhecer a intensidade, o orador tem liberdade de utilizar cada valor sem precisar justificar sua escolha.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), quando se trata fundamentar valores ou hierarquias, ou de intensificar a adesão suscitadas por eles, podemos relacioná-los a outros valores e a outras hierarquias, para materializá-los, mas pode-se ainda recorrer a premissas de ordem muito geral: os **lugares**.

2.7 LUGARES DA ARGUMENTAÇÃO

O termo *lugares* já era utilizado pelos gregos para designar locais de fácil acesso, onde o orador pudesse fazer o uso de sua oratória em momentos de necessidades. Os autores Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) citam Aristóteles para distinguir os lugares-comuns, que é aquele que pode servir, indiferentemente, em qualquer ciência e os lugares específicos, que convém a uma ciência particular.

Conclui os autores que os lugares comuns se caracterizavam, primitivamente, por sua imensa generalidade, ou seja, usado em todas circunstâncias. De acordo com eles, os lugares comuns, hoje em dia, estão banalizados, de modo que não exclui os lugares específicos.

Seguindo a ideia posta no Tratado da Argumentação, destacaremos somente os lugares elencados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Tomemos então, para nossa discussão, os seguintes lugares: a) da quantidade, b) da qualidade, c) da ordem, d) do existente, e) da essência e f) da pessoa. Pois consoante afirmação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 96): “Não julgamos útil fornecer uma lista exaustiva de lugares utilizados”. O que para eles seria uma tarefa de difícil realização.

2.7.1 Lugares de quantidade

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) entendem os *lugares de quantidade* quando uma coisa é melhor que outra por razões quantitativas. De entendimento idêntico, Abreu (2001) alude que o lugar de quantidade é um bem que serve a um número muito grande de pessoas e que tem mais valor do que um bem que serve apenas a um pequeno grupo. Um bem que dura pouco tem menos valor que um que dure mais e assim por diante.

Há de se observar que a superioridade não se aplica apenas aos valores positivos, mas se aplica também aos negativos, conforme exemplificam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.97): “um mal duradouro é um mal maior do que um mal passageiro”.

2.7.2 Lugar de qualidade

O *lugar de qualidade* se opõe ao de quantidade. Vai bem ao encontro com os ditados populares, “o importante é a qualidade e não quantidade”. “Não é no maior frasco que se encontram os melhores perfumes.” No dizer de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), o lugar da qualidade aparece na argumentação para contestar a virtude dos números. Sobre esta ótica, afirma Abreu (2001, p. 37)

Valoriza o único, o raro. O exemplo clássico do lugar de qualidade é o de um animal de estimação. Um cão é, de um ponto de vista geral, apenas mais um exemplar da sua espécie, mas, para a criança a quem pertence, é um exemplar único.

De que vale o que não é eterno? Questiona Reboul (2004). Naturalmente, a resposta seria: tudo que não será visto duas vezes. Isto reforça a ideia de que neste lugar, o valor dado ao que é raro e único sobressai aos outros valores.

2.7.3. Outros lugares

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 106) “os *lugares de ordem* afirmam a superioridade do anterior sobre o posterior, ora da causa, dos princípios, ora do fim ou do objetivo”. O elemento hierarquizado que vem primeiro é quem determina a importância dos fatos, dos elementos e das invenções.

No *lugar da essência*, a superioridade encontra-se, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), quando elegemos um indivíduo como representante que melhor caracteriza esse preferível, preterindo ao que se aproximaria do que consideramos fortuito. Abreu (2001, p. 41) afirma que: “O lugar de essência valoriza indivíduos como representantes bem caracterizados de uma essência”. Deste modo, vemos que, no lugar da essência, prepondera aquilo que se aproxima mais do comum, do existente, do que a sociedade já predeterminou como modelo.

Nos *lugares do existente*, conforme assevera Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.106): “a superioridade do que existe, do qual é atual, do que é real, sobre o possível, o eventual ou impossível”. Para eles, esses lugares pressupõem um acordo sobre a forma do real ao qual são aplicados. Levando em conta as afirmativas de Perelman e Olbrechts-Tyteca, chegamos à conclusão de que no lugar do existente, é

mais importante aquilo que é real, concreto, aquilo que existe do que aquilo que sobrevoa na imaginação, do que não existe.

Examinemos, por fim, para terminar este apanhado discursivo de alguns lugares da argumentação, o *lugar do derivado de pessoa*. Esse lugar, preferivelmente, está vinculado à dignidade, ao mérito, à autonomia das pessoas. Ele também confere valor ao que é feito cuidadosamente e com esforço (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA 2005). De forma objetiva, Abreu (2001) diz que “o lugar de pessoa afirma a superioridade daquilo que está ligado às pessoas. Primeiro as pessoas, depois as coisas!”

Para concluir as discussões sobre os lugares acima destacados, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) nos chamam atenção que seria interessante destacar, nas diferentes épocas e nos diferentes meios, os lugares que são aceitos com maior frequência pelo auditório.

Os lugares diversos podem ser realizados com o mesmo objetivo. Todavia, o uso de certos lugares ou de certas argumentações não caracteriza, necessariamente, um determinado meio cultural, mas pode resultar da situação argumentativa particular em que se está.

Tivemos a oportunidade neste capítulo de teorizar sobre alguns aspectos do Tratado da Argumentação. Um estudo indispensável neste trabalho, que se deteve nas teses, nos valores e suas hierarquias como recursos discursivos para obter a adesão dos espíritos, sendo esses, os processos que constituem discursivamente os heróis nas crônicas produzidas pelos alunos do ensino fundamental da Escola José Patrício de Andrade. Desse modo, discutiremos no próximo capítulo sobre o herói, a fim de conhecer a origem, os conceitos e mudanças porque passou a figura do herói e para que possamos titular de heróis homens e mulheres da vida real.

3. UM ESTUDO SOBRE O HERÓI: DO MITÓLOGICO AO REAL

Este capítulo consiste em uma discussão acerca do herói e a trajetória decorrente dos fatores externos que resvalam no protótipo de representação do herói em determinadas épocas. É possível perceber esse processo de mudança nas narrativas que traz o herói como representatividade de cada época. Nosso estudo parte do herói mitológico e as mudanças do perfil heroico ao longo do tempo, culminado nos heróis reais, que, de certa forma, ainda trazem traços caracterizadores dos heróis primitivos.

3.1 DO SEMIDIVINO AO HUMANIZADO

Herói é uma terminologia originária da cultura ocidental que envolve todos os valores semânticos do universo da mitologia grega, tendo origem no vocábulo grego *heros* (nobre, semideus), ou seja, ele é filho de um Deus com um humano. Com isso, Feijó (1984, p. 12) afirma que: “Foram os gregos que deram o nome a eles, como também foram os mitos gregos os que mais sobreviveram, que não se transformaram em religião, nem desapareceram da memória histórica.” O surgimento do herói, portanto, se deu com o mito.

No início do livro, “O que é herói”, Feijó (1984) usa a referência da mitologia grega, período em que as pessoas confundiam a literatura com a história e o mito com a realidade para correlacionar herói e mito. Segundo ele, “os mitos refletem sempre um medo da mudança” (FEIJÓ, 1984, p. 13). Os mitos também revelam manifestações culturais em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias. Campbell (2007, p. 5) diz que “os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humana”.

Dentro do círculo básico e mágico do mito, foram criados os heróis, através do medo das mudanças, no intuito de confortar o povo e sanar suas fraquezas. Se o nascimento do herói se deu com o mito, vale responder à questão: o que é mito? No imaginário popular, mito se dá como uma “mentira”. Todavia, Feijó (1984, p.12) diz que: “O mito corresponde às crenças de um povo, do conjunto, da comunidade, da

coletividade. ” Sendo assim, o mito não é uma mentira, mas uma idealização coletiva. Feijó (1984) diz que mito é uma verdade não comprovada em laboratório, mas a verdade de uma mentalidade que traduz a coletividade. Sobre isso, Campbell (2007) alude para o fato de que os símbolos da mitologia não são fabricados; não podem ser ordenados, inventados ou permanentemente suprimidos. Esses símbolos são produções espontâneas da psique e cada um deles traz em si, intacto, o poder criador de sua fonte.

Para descrever o primeiro perfil de herói, Lukács, (2009) diz que o herói da mitológico nunca é, a rigor um indivíduo. Desde sempre se considerou traços essenciais da epopeia que seu objeto não é um destino pessoal, mas de uma comunidade na qual herói se destacava por suas qualidades divinas, pelos feitos nas batalhas em defesa do povo. Portanto, Feijó (1984, p.14) diz:

A mitologia grega pode ser resumida na vida dos deuses e heróis, sendo que os deuses tinham características humanas, como vícios e virtudes, e os heróis tendo características divinas, como poderes especiais, embora fossem mortais.

Esta controvérsia que determina o perfil dos deuses e dos heróis não exclui a relação íntima entre um e outro, tendo em vista que estes heróis sempre eram guiados pelos deuses. São símbolos criados e condicionados a morrer. Talvez, a morte, neste sentido, seja redenção para que os heróis pudessem se perpetuar na história e na memória do povo, chegando mesmo a ser até mais reverenciados do que os deuses.

O conceito de herói se modifica no decorrer dos tempos, isso porque as crenças e as aspirações da sociedade também mudam. As civilizações sempre buscam um “herói”. Há no ser humano uma busca por alguém que o represente de alguma forma e o proteja. Aliado a isso, o homem sente a necessidade profunda de superar suas aspirações, isso porque as características heroicas devem intimamente estar ligadas à sua época.

Esse conceito épico se transformou ao longo do tempo para atender à necessidade social e moral de uma determinada época. Dessa ótica, será julgado sob duas vertentes que o lança de modo ambíguo. Por um lado, temos um herói na sua complexidade humana, social, moral e ética, por outro, um ser notável, que agrega valores os quais um homem comum, embora almeje ter, não consegue. “À espera do

herói é sempre a espera de que o ‘outro faça por nós o que nós consideramos incapazes de realizar.’ (FEIJÓ 1984, p. 39).

Brombert (2001) discorre que por força da exaltação da vontade e da ação de bravura os heróis estavam fadados a ser exemplos mesmo diante de forças tenebrosas. Eram seres vistos pairando muito acima dos seres humanos comuns, postos em pedestais como efígies por toda a posterioridade. O autor acrescenta que as imagens configuradas desses seres postos em pedestal podem explicar para solapar e derrubar a figura enaltecida do herói.

Esse herói cai do pedestal com a chegada do romance. Com base em Lukács (2009), a medida que vai desaparecendo o herói épico, surge o herói romanesco em face do mundo exterior. Claro que há heróis e vilões, justos e criminosos, entretanto, a maioria dos heróis ergue-se somente um palmo acima da multidão, cujas palavras solenes são ouvidas até pelos mais tolos. De acordo com o referido autor, a vida interior só é possível quando a disparidade entre os homens se tornou um abismo intransponível, quando os deuses se calam, quando o mundo das ações se desprende dos homens e, por essa independência, torna-se oco e incapaz de tornar-se símbolo através delas, e quando a interioridade e aventura estão divorciadas uma da outra.

O herói encontra sua maturidade na criação literária, onde a transferência da emoção se dá através da literatura. Momento em que o herói abandona o mito, sendo o herói épico a primeira forma surgida na literatura, depois no teatro grego surgiu o herói trágico; enquanto no mito o que prevalece é o destino, no trágico o que se destaca é luta do herói contra o destino. A força do destino derrota o herói trágico, mas o que o humaniza é a sua força contra isso, ou seja, ele não se conforma com o seu destino (FEIJÓ, 1984).

3.2 O NASCIMENTO DO HERÓI PERSONAGEM

A literatura, como a conhecemos, nasceu na Idade Moderna, com a expansão do comércio, o surgimento da classe burguesa, o desabrochar das universidades, e o advento da imprensa, a qual permitiu que a literatura pudesse ser lida por um número cada vez maior de pessoas. Isso acarretou uma nova mentalidade e não é de se espantar que toda esta transformação operou o destino do herói (FEIJÓ, 1984).

Na mitologia, conforme alude Feijó (1984), o herói é divino, na poesia épica, ele é unidade de sentimento e ação; na história é separado da realidade; na literatura, o destino do herói é a descoberta de si mesmo. Ele continua visitando o inferno e passeando sobre sua própria história. O autor afirma também, que a história da literatura é a história da passagem de herói divino para o herói humano; o que se denominou de a personagem.

A sociedade é dinâmica, muda os valores e o modo de vida; com ela também muda não exatamente o conceito de herói, mas as concepções do plano de expressão. Surge assim, o herói personagem, que segundo, Lukács (2009, p. 32), “a temática clássica que sempre esteve ligada ao coletivo, foi substituída pelo cotidiano, o prosaico a vida ‘rés do chão’, a vida no subsolo”. O herói da tragédia toma o lugar do herói de Homero. A tragédia, embora transformada, transpôs-se incólume em sua essência até os dias de hoje, ao passo que a epopeia teve que desaparecer. E isso se deu com o fato da epopeia perder o sentido, nas palavras de autor, “ela naufraga irremediavelmente ao menor abalo, dando lugar a um novo gênero: o romance” (LUKÁCS, 2009, p. 35).

É dentro da teoria do romance moderno que se revela outro contexto. De acordo com autor acima citado, o surgimento do romance possibilitou o afastamento do herói perfeito, para se transformar no herói problemático. Na sociedade capitalista não teria mais espaço para os heróis dos moldes clássicos, uma vez que seria impossível buscar os valores ético-morais em uma sociedade que coíbe a junção desses valores e ações que presem pela coletividade, em que prevalece o individualismo.

Lukács (2009) contrapõe a mística infantil da epopeia ao espaço viril mais maduro do romance, em que o herói também se torna mais complexo e perturbado. É preciso dizer, que os heróis sempre mantiveram relação com os deuses. São os deuses que sempre os guiaram. Sem a ajuda desses, a objetividade da realidade os esmagariam. Porém, essa relação foi se distanciando através do tempo. É chegada a era do romance e com ele o desaparecimento dos deuses como auxílio dos personagens. Segundo Brombert (2001, p.15):

O culto dos heróis havia surgido e se tornara uma espécie de fenômeno religioso. Heróis eram homenageados e reverenciados. Eram associados a uma era mítica em que se dizia que homens e deuses entraram em íntimo contato. Heróis eram seres excepcionais inscritos na lenda, cantados na poesia épica, representados no teatro trágico.

Na literatura moderna, essa têmpera heroica e essa noção de herói, a passos lentos desapareceu, e surge uma nova figura de característica diferente. Apesar das mudanças na sua constitui o, ele ainda   reverenciado efetivamente na sociedade que atua. Todavia, na literatura, embora o herói clássico defenda o povo, ele   representante da aristocracia do seu tempo, assim como o herói moderno que representa a aristocracia dominante, salvo raras exce es.

A divina comédia de Dante, poema lançado em 1307 e 1321   o divisor de água entre a pura epopeia para a tragédia. Haja visto que a obra-prima de Dante Alighieri, não narra a história de um herói que realiza façanhas, nem glorifica sua nacionalidade,   uma obra didático-alegórico, cuja finalidade   educar e ensinar por meio de símbolos. Nas descri es de Lukács (2009, p.28)

Ele possui ainda a completude e ausência de distância perfeitas e imanentes da verdadeira epopéia, mas seus personagens já são indivíduos que resistem consciente e energicamente a uma realidade que a eles se fecha e, nessa oposi o, tornam-se verdadeiras personalidades.

Todas as características do herói épico foram celebradas e repetidas com exaustão. Lukács na cita o acima, mostra a proximidade do poema épico com o poema de Dante, mas os personagens já não agem mais energicamente como os primitivos. Os modelos de heróis mitológicos não mais se encaixam. Com o fim de idade média, surge na modernidade um substancial modelo invertido de heróis tradicionais, e conseqentemente, seus valores. Campbell (2007, p. 169) escreve:

Que o herói   antes um símbolo destinado   contempla o do que um exemplo a ser literalmente seguido. O ser divino configura-se como revela o do Eu onipotente, que habita em todos nós. Assim sendo, a contempla o da vida deve ser empreendida como uma medita o a respeito do nosso próprio caráter divino, e não como um prelúdio   imita o precisa; a li o não   "Faça isso e seja bom", mas "Conheça isso e seja Deus.

Nas palavras aferidas acima por Campbell (2007), o herói não   um exemplo a ser seguido, e sim a contemplar. Todavia, ele acrescenta que o herói somos nós, através da medita o a respeito da nossa essência. De acordo com K the (1987, p. 61), "as obras modernas, para poderem ser artisticamente superiores, têm como que uma proibi o de

heróis positivos e de felicidade”. O percurso porque passou o herói mostra a reversão do antigo com moderno.

Na literatura brasileira, o marco inicial dessa quebra de final feliz se deu em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, cujo fracasso de um autor defunto lhe rendeu uma narrativa de insucessos, bem dentro do que caracteriza Lukács (2009), em seu livro “A teoria do romance”, que identifica o herói moderno como problemático, portador, dentre outras características, de afirmação da subjetividade, heterogeneidade do mundo, solidão e angústias, isto é, um indivíduo que possui uma identidade fragmentada e vive em permanente confronto com o mundo.

Nessa postura de contraversão, da outra face de um herói às avessas surge a figura do anti-herói. Convém explicar o significado do termo anti-herói (do grego, anti, oposição, contra; heros, chefe, nobre, semideus). Não se trata do antagonista da história, o termo em si causa essa falsa impressão. Ele, é uma substituição do herói, com características diferentes. Continua sendo o protagonista, à luz dos heróis mitológicos que perderam a força, os poderes e os valores. Seu aparecimento pôs o fim do homem eleito como semideuses, que aos poucos foi se humanizando. O termo “anti-herói”, nas palavras de Brombert (2001), está ligado a uma postura paradoxal em que as linhas que separam os heróis dos não-heróis estão borradas. Na visão dele, ao longo dos séculos, o herói refletiu, às vezes, determinou nossa visão moral e poética quando tentamos fazer face ao sentido ou falta de sentido da vida, ainda que a tragédia, ou de modo geral, o espírito trágico, responda à nossa necessidade profunda de conferir a dignidade e beleza ao sofrimento humano.

Sob à luz do romantismo, o herói problemático, mesmo sem a condição de semideus, ele ainda seguia uma certa conduto moral e ética, mesmo nas frustrações e no jogo de interesse. Por vezes, os personagens redondos que no final se redimiam, tinham como prêmio um final feliz. Tomamos como exemplo Fernando Seixas do romance “Senhora”. Posteriormente, no realismo, essa conduta moral e redenção por meio do amor não acontece. A figura do herói se aproxima cada vez mais do real, afastando-se da perfeição dos heróis da epopeia. Por isso, heróis não seriam mais um termo ideal para designá-los, e sim anti-herói.

Brombert (2001) analisa que esses personagens não são fatalmente ‘fracassos’, nem estão desprovidos de possibilidades heroicas. Podem corporificar outros tipos de coragem, talvez mais sintonizados com nossa época e nossa necessidade. Tais personagens podem cativar nossa imaginação, e até chegar a parecer admiráveis pela maneira como ajudam a subverter, esvaziar e contestar uma imagem ideal. Além do que, ainda de acordo com o autor, o herói negativo, talvez conteste mais nossas pressuposições do que o herói tradicional, suscitando a questão de como nós nos vemos ou como queremos nos ver.

3.3 DA MITOLOGIA PARA O CINEMA: O RETORNO DO HERÓI

No século XX, surge a chamada indústria cultural geradora de cultura de massa. A sociedade urbana, nesse século, é também uma sociedade de massa, principalmente nos países capitalistas desenvolvidos em que se concentra a economia. De acordo com Feijó (1984), a cultura de massa massificada nivela tudo por baixo e oferece um produto cultural facilmente assimilável, mas também descartável. Segundo ele, ao analisar a cultura de massa, podemos aprender sobre nós mesmos, pois nela se concentra a mitologia de nosso tempo, é que, exatamente, por isso, o herói é uma referência constante nessa indústria, como se o herói original retornasse em novas bases.

Ainda de acordo com Feijó (1984), com o desenvolvimento da cultura industrializada e dos meios de comunicação, junto à rapidez das informações, tornaram o jornal uma leitura obrigatória, com um público cada vez maior, até o aparecimento do jornal e da televisão, motivo pelo qual a informação deixou de ser exclusividade da elite, e passou a ser de toda população. Foi neste espaço, de acordo com Feijó (1984), que surgiu os quadrinhos desenhados e com ele o novo hábito cultural: o acompanhamento diário das tiras, o que favorece a criação de empresas que controlavam a produção e a distribuição de jornais.

É nesse contexto que, na década de XX, surgem os heróis em quadrinhos para o cotidiano das pessoas, representado em três tipos: o romântico da selva (Tarzan), o moderno urbano e urbano detetive (Dick Tracy) e o herói espacial da ficção científica (Buck Rogers). Todavia é na década de 30 que as histórias em quadrinhos vão atingir

sua época de ouro, os seus tempos heroicos em que atingiu um grande público. Foi nessa conjuntura que o artista Alex Raymonde criou o mais importante herói da história em quadrinho, Flash Gordon e também o que mais se assimilam dos heróis épicos (FEIJÓ 1984).

Feijo (1984) discorre que se o herói Flash Gordon representa um grande momento criativo, a explosão dos heróis das histórias em quadrinho se deu com Super-homem, que inaugura no ano de 1938 no *Comic books*, uma revista diária. *Comic* foi o nome dado a revista em quadrinho na fase inicial, que tinha como predominância as historinhas infantis e de humor. No Brasil, esse tipo de revista ficou conhecida como *gibis*. O sucesso de imediato abriu caminho para uma nova modalidade de herói: os super-heróis.

Contudo, a maneira rígida e pobre que compõe a estrutura desses produtos de massa, acaba tornando-se monótona. O que Köthe (1986, p. 35) denomina de narrativa trivial, caracterizada, basicamente, "pelo automatismo, pela repetição e pelos clichês, em nível de enredo, personagens, temário, valores e final", aspectos que facilitam o entendimento que alcança qualquer tipo de público/leitor. É que o interesse é industrial, pois não se trata mais de uma criação pessoal, mas de uma linha de montagem, em que as histórias são sempre as mesmas para atender uma procura cada vez maior de público.

Diferente do que acontece com os super-heróis que advêm da cultura de massa, os heróis mitológicos e dos contos de fada eram conhecidos através das histórias orais contadas na hora de dormir ou através de livros e compilações de autores como os Irmãos Grimm ou Hans Chris Andersen. Autores mais modernos, conforme analisa Silva (2005), realizaram uma espécie de releitura desses heróis que outrora enredaram a cultura do povo, como Lewis, de "As Crônicas de Nárnia" (1950), Tolkien, de "O Senhor dos Anéis" (1954) e, no Brasil nomes como Monteiro Lobato. De forma bem atual, os personagens das epopeias dividem as telas de cinemas por todo mundo, como os super-heróis. Sucessos como "Senhor dos anéis", "Guerras de titãs", "O Hobbit" traz de volta, de certa forma, os heróis mitológicos.

Mais uma vez, de acordo com Feijó (1984), os heróis em todas as épocas correspondem à expectativa do público. O estrondoso sucesso de *Super-man* se deu porque o indivíduo se sente anulado numa sociedade massificada como a nossa. Além

disso, a crise mundial se acentuou na década de 30, colocando em dúvida as perspectivas individuais gerando grande insegurança.

Feijó (1984), para concluir o livro “O que é herói”, faz uma ressalva sobre o enredo trivial das produções lucrativas do cinema. Assim, diz ele:

Um outro “reservatório mitológico” de nosso tempo é o cinema. Com ele também ocorre o que acontece com as histórias em quadrinhos; uma produção em escala industrial, atingindo milhares de pessoas ao mesmo tempo (que acredita assistir a cada semana a um filme diferente, quando é sempre o mesmo) e garantir lucros fabulosos. (FEIJÓ, 1984 p. 92)

É importante notar que no cinema, os heróis são mais identificados pelos atores do que pelos personagens, característica original do cinema. De qualquer forma, concluímos que os super-heróis se desenvolvem num contexto de alienação e concentração econômica. No entanto, eles incorporam os mitos dos nossos tempos. Vale lembrar que não dá para igualá-los aos mitos primitivos, pois os indivíduos os tinham como reais, ao passo que os super-heróis são frutos da indústria e não do imaginário do povo.

3.4 DA LITERATURA PARA O REAL

Conforme foi visto até aqui, o herói moderno difere dos heróis das epopeias pela sua excentricidade e falta de atitudes grandiosas no que concerne ao espírito nobre de amizade e respeito à família. Os heróis foco central desta pesquisa sobressaem ao herói problemático, e têm uma certa proximidade com os super-heróis, das epopeias e dos desenhos animados. Isso porque eles lutaram para defender uma comunidade, um povo, usando os poderes da coragem e da solidariedade. Estes heróis locais humanizados, que se assemelham aos semidivinos, pelo engajamento civil desinteressado, fazem da fraqueza a sua força, do medo sua arma, da astúcia o seu escudo; viveram num mundo hostil, desamparado, arrodado da diversidade, discriminação, mas acabam quase sempre driblando as adversidades.

Por outro lado, Müller questiona por que muitos heróis do nosso século não convencem. Ele questiona até que ponto uma nação precisa de herói, pois os heróis estão sempre no plano mais elevado que o povo.

A desesperada exclamação do aluno Andres: "Infeliz o país que não tem heróis!", Bertolt Brecht faz o seu Galileu Galilei responder ceticamente: "Infeliz o país que precisa de heróis!" Observamos exaustivamente a correção desse ceticismo de Brecht na história da humanidade, ou seja, sempre que a sombra do herói sobre-humano se superpõe a povos e culturas, enquanto megalomania cega e zelo missionário, sede de opressão e de poder, intolerância, crueldade e violência. Muitos "heróis" do nosso século não são muito convincentes. (MÜLLER, 1987, p. 6)

Isso implica dizer que nem todos os heróis do nosso século são modelos a serem seguidos. Como um atleta que arruína seu próprio corpo por uma fração de segundo, ou por alguns centímetros, ou fechar um hospital para operar o dedo medinho. Ou mesmo heróis que entusiasmados participaram de massacres em guerras.

No cinema também não falta exemplos de heróis que põe em dúvida seu método de vitória. Se pararmos para pensar sobre artifícios, motivações e consequências das ações desses ditos heróis, teremos mesmo exemplos dignos a seguir? James Bond, por exemplo é um espião governamental e um assassino a serviço do Reino Unido, podemos dizer que a descrição profissional de Bond não é, exatamente, de alguém que valoriza a vida.

Acredita-se que todo ser humano pode ser herói ou vilão. Campbell (2007), afirma que cada um de nós pode ser o poderoso herói, dotado de poderes extraordinários. Müller (1987) alude que o drama da pessoa heroica, que tem coragem para vencer todas as adversidades e medos, apesar dos perigos, para penetrar em esferas até então desconhecidas e ganhar novos conhecimentos, fascinou os homens de todas as culturas e de todas as épocas como nenhum outro tema. Justamente por se arriscarem no desconhecido e no extraordinário que eles fascinam e representam os profundos anseios da humanidade. Müller (1987, p. 5) ainda diz que:

O herói nos fascina tanto porque pura e simplesmente ele personifica o desejo e a figura ideal do ser humano. Ele defende a nossa causa e por isso nos identificamos com ele. Reencontramo-nos nos seus medos e sofrimentos, nos seus combates, vitórias e derrotas, na sua luta pela sobrevivência. Ele é o nosso consolo nos tempos difíceis e nos dá esperanças de que, apesar de tudo, podemos conseguir algo, de que não estamos entregues a um destino cego, ainda que tudo pareça em vão. Ele também nos serve de modelo. Quase sempre mostra-nos virtudes e valores humanos mais maduros, como por exemplo, a coragem civil e o

desinteressado engajamento social e, dessa maneira, cumpre uma tarefa social muito importante. Nossa identificação com ele encoraja-nos a conservar esses valores, mesmo quando não vemos mais esperança e preferiríamos nos resignar.

Baseado no exposto acima, os heróis de Areias: benzedeiros, parteiras, líder comunitário, médico popular encontram-se em sua totalidade com seus laços de solidariedade na vida de um povo. Corporificam o ideal do ser humano, pois praticam ações que muitos não têm coragem de realizar. Não deixaram o ofício de parteira, ou benzedeiros, por exemplo, por medo, seja de serem julgados ou mesmo por medo de não conseguir realizá-los, cumprindo tarefas sociais importante. Eles não nasceram prontos com um objetivo de ajudar a todos como os mitológicos, mas adquiriram com a necessidade o ensejo de ajudar, a ponto de renunciar às próprias vontades pelo bem comum.

São pessoas que estão a serviço dos mais pobres, o que diferentemente analisa Köthe (1987) com relação as narrativas clássicas, que segundo ele eram cometidas para a alta sociedade. Os personagens pobres, geralmente, são pícaros, malandros, picaretas, o que demonstra a forma de pensar de uma determinada época. Como exemplo, podemos citar o primeiro pícaro da literatura brasileira, Leonardo Pacata de “Memórias de um Sargento de Milícias”, entre outros como João Grilo, Chicó, Quincas Berros d’água, Macunaíma e tantos outros heróis que não mais representam a classe dominante. Mas como forma de fugir de miséria e do desamparo, tinham a astúcia como forma de sobreviver.

Os heróis, aqui retratados nesta pesquisa, vieram das classes populares. São astutos sim, mas não são malandros. Tiveram uma vida de miséria e sem nenhum aparato que lhes ajudassem a desenvolver seus trabalhos, seja de parteira, de líder, benzedeira. Eles diferem da figura do anti-herói. Conforme ressalta Köthe (1987), existem dois perfis de anti-herói: um se opõe aos heróis grandiosos da epopeia, porque é caracterizado como frágil e conformista, e outro dominado pelo meio, pelas circunstâncias e situações vividas, que o torna incapaz de superar conflitos sociais ou psicológicos.

Os heróis locais, que surgem do cotidiano, embora não tenham superpoderes e tenham vivido em situações conflituosas, foram capazes de superar as adversidades.

São dotados de objetivos nobres, de caráter e determinação; qualidades que os distanciam dos heróis problemáticos.

Um herói vindo do mundo cotidiano, no dizer de Campbell (2007, p.17), “se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes”. Os heróis desta pesquisa não dissociaram da coletividade, diferentemente dos heróis modernos que se mostram covardes, e individualistas. Das histórias sobre os atos de bravura, nascem os heróis reais, que personificam os valores, os poderes, os inimigos e proveem modelos de comportamento para a comunidade.

Saindo dos contos de fadas, dos *gibis*, das epopeias e das telas para adentrarmos no mundo real, de heróis reais, partindo da ideia de que heróis são aqueles que trazem para si toda comunidade que o respeita e o admira, além de ser um exemplo a ser seguido. No dizer de Campbell

O herói [...] é o homem ou a mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos. Eis por que falam com eloquência, não da sociedade e da psique atuais, em estado de desintegração, mas da fonte inesgotável por intermédio da qual a sociedade renasce. O herói morreu como homem moderno; mas, como homem eterno – aperfeiçoado, não específico e universal –, renasce. Sua segunda e solene façanha é [...] retornar ao nosso meio, transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu. (CAMPBELL, 2007, p. 28).

Apesar dos mitos surgirem nas comunidades primitivas, eles ainda estão presentes nos dias atuais. De acordo com o conceito de herói proposto por Campbell, são considerados heróis homens e mulheres que conseguem ultrapassar as limitações naturais. São alegorias que representam questões cruciais para compreensão do próprio homem, que tem suas ações atreladas à vida em sociedade.

Temos como representantes dessas alegorias, as mulheres que curam através da fé e da reza da comunidade de Areias. É importante ressaltar que, quando se trata de herói, a figura do homem é a primeira a povoar nossa mente, todavia, Müller (1987) faz uma ressalva com relação a isso:

Que o caminho do herói não é algo tipicamente masculino ou reservado apenas aos homens. Na verdade, a maioria das nossas figuras heróicas é do sexo masculino — o que está relacionado com a unilateralidade preconceituosa da nossa cultura patriarcal. (MÜLLER, 1987, p.11)

As mulheres também nasceram para trilhar o caminho do herói, mesmo que com mais dificuldade de serem reconhecidas como tal. Como forma de reconhecimento, a maioria dos heróis tema das crônicas que compõe o *corpus* desta pesquisa são mulheres, sendo elas benzedeadas e parteiras.

A composição da figura heroica é feita nas crônicas dos alunos do ensino fundamental dos anos finais produzidas nas aulas de Língua Portuguesa. Sendo assim, passaremos para próximo capítulo, cujo enfoque é o ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental.

4 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Este capítulo visa discutir sobre o ensino de Língua Portuguesa, principalmente, no que se refere a produção textual. Nossa discussão teve origem na pedagogia freireana, mostrando suas influências para ensino de Língua Portuguesa. Contemplamos em seguida os gêneros discursivo/textual, dando ênfase ao gênero crônica, haja vista que é o gênero escolhido como o objeto de análise desta dissertação. E por derradeiro, fizemos uma breve discussão a respeito da importância da argumentação no ensino.

4.1 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A PEDAGOGIA FREIREANA

O ensino de Língua Portuguesa no Brasil, durante muito tempo, teve o foco principal no ensino da gramática. O tradicionalismo não dava espaço para as diferentes concepções da aprendizagem. Não levava em consideração conhecimento prévio, nem o conhecimento de mundo do aluno, o qual era apenas receptor. Desta maneira, no dizer de Paulo Freire, “a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são depositários e o educador o depositando. Esse tradicionalismo permeava não só o ensino de língua portuguesa, mas todas as áreas de ensino. Freire (1987, p. 33) fala que “em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados e depósitos, que os educandos recebem pacientemente, memorizam e repetem”. Eis aí a concepção “bancária” de educação.

Essa maneira de educar se distancia bastante do que Soares (2003) discute sobre o conceito de alfabetização, que, para ela, é como um conjunto de habilidades, o que caracteriza como fenômeno de natureza complexa e multifacetada. Daí importância de levar em consideração o co(n)texto no qual o aluno está inserido. O processo de alfabetização precisa ultrapassar as barreiras de ensinar apenas a habilidade de ler e escrever, é preciso levar em conta o contexto, a história e o lugar que se insere o aluno, por isso que, Segundo Freire (1987, p. 62),

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a

absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual, esta se encontra sempre no outro.

Esse pensamento ideológico de educação bancária como manifestação de opressão que separa os que pertencem a uma classe culta e aos que não pertencem a ela, se relacionar com o pensamento da própria linguagem, que tinha a gramática tradicional como o conhecimento absoluto, os quais apenas parte de parcela da sociedade tinha acesso. Como critica Bagno (1999, p. 149):

A gramática tradicional permanece viva e forte porque, ao longo da história, ela deixou de ser apenas uma tentativa de explicação filosófica para os fenômenos da linguagem humana e foi transformada em mais um dos muitos elementos de dominação de uma parcela da sociedade sobre as demais.

A educação bancária tem se distanciado a passos lentos das nossas escolas. No que tange o ensino da L.P, a inclusão dos gêneros discursivo/textual, principalmente os que se manifestam na fala, das variações linguísticas e a própria linguística textual do discurso, tem sim, um caráter libertador daquela escola elitista, que visava apenas a norma culta e os textos que circulavam apenas no mundo letrado das elites. Quando o texto deixou de ser uma estrutura superior à frase para ser entendido como elemento de construção de sentidos, de planejamento e de ação social e como produto da necessidade humana de comunicação (BRONCKART, 1999), o ensino de língua também diversificou e passou aceitar os diferentes saberes.

Se a escola adota esses conceitos de texto na prática diária do ensino LP, é porque ela está aceitando os diversos conhecimentos, sem, contudo, abandonar a gramática, pois como diz Bagno (1999, p. 52): “É preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficialmente, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial e reprovando como “erradas as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma”. Timidamente, o texto parece ter ganhado finalmente o seu lugar como objeto da ciência da linguagem. Conforme o conceito aferido por Koch (2005, p. 27), texto:

É uma manifestação verbal, constituída de elementos lingüísticos intencionalmente selecionados e ordenados em seqüência, durante a

atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a depressão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

Se pesarmos o texto dessa forma, percebemos que o ensino de Língua Portuguesa, não está dissociado da proposta de Paulo Freire, porque ambos têm o aluno não apenas como depósito, mas ver como alguém que tem histórias, ideias e pertence a uma comunidade que tem valores e culturas específicas. Sobre essa noção de trabalho com texto e linguagem, Antunes (2007, p.157) diz:

Como se pode ver, aceitar as concepções de linguagem – como atividade funcional, interativa, discursiva e interdiscursiva, como prática social situada e imersa na realidade cultural e histórica da comunidade – acarreta visíveis diferenças na vida da escola, conseqüentemente, no desempenho de professores e alunos.

Nesse contexto, aceitar as diferentes linguagens, e conseqüentemente, os diferentes saberes retiram as posições fixas, invariáveis do educando e educador e vão sendo mediatizados no plano de igualdade e troca de conhecimentos. Assim, teríamos, pois, uma escola voltada para as diversas práticas interacionais da vida social. Em outras palavras, teríamos uma relação indissolúvel entre educação, letramento e práticas sociais.

4.2 OS GÊNEROS DO DISCURSO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.

Vivemos, atualmente no Brasil, um momento de grande reflexão em todos os campos da educação. No que concerne ao ensino de Língua Portuguesa, há uma preocupação referente às aplicações das propostas vinculadas à compreensão de que maneira se dá a aquisição e o desenvolvimento da linguagem. A linguagem deixou de ser vista como mão única, em que se valorizava mais o locutor, e passou a ser aceita como interativa, na qual os sujeitos envolvidos agem de acordo com o lugar que ocupam nessa interação. Isso não envolve apenas sujeitos, mas envolve cultura e sociedade que mesmo de forma inconsciente escolhe o tipo de discurso. Sobre a relação entre linguagem, sociedade e cultura, Antunes (2009, p. 36) diz que:

Na verdade, a sociedade, história e cultura se constroem também pela ação da linguagem, e vice-versa: a linguagem se faz na sociedade, sob as marcas das histórias e da cultura. A história de todos os povos, de todos os grupos, de todas as culturas tem intersecção como a história da língua.

A língua revela cultura, lugares, revela povo. Ela é do povo e para o povo. Ela se concretiza em ações e situações comunicativas, ou seja, a língua usada como prática social. Das várias formas de exercer as práticas sociais, temos a linguagem como uma delas, no dizer de Antunes (2009, p. 36): “A linguagem se concretiza linguisticamente, por meio do discurso falado ou escrito.”

Esses discursos se manifestam através dos mais variados gêneros discursivo/textual, temática que entrou em discussão nos anos 90 através dos documentos oficiais do Ministério da Educação, influenciados pelos estudos de Mikhael Bakhtin, devido a própria necessidade de ver a linguagem como prática social e ter um ensino de língua mais significativo e consistente, levando em consideração “a natureza lingüística do enunciado” (BAKHTIN, 2011, p. 280).

É nesse contexto – e com o objetivo de ampliar as discussões e sua inserção em sala de aula – que estudiosos e professores mantêm suas posições fixas com relação aos gêneros dos discursivo/textual.

Para Marcuschi (2005, p.19), os gêneros discursivo/textual são “entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis de qualquer situação comunicativa”. Pode-se dizer que a inserção dos gêneros discursivo/textual pelos professores em sala de aula como proposta de atividades, torna as práticas sociais escolares mais próxima do contexto histórico e social das situações sociocomunitivas dos alunos no dia a dia fora da escola.

Segundo Bakhtin (2011, p. 262), “A riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana.” Vários gêneros vão surgindo de acordo com a necessidade humana. Para Bakhtin (2011) os gêneros materializam a língua. Vão do intuitivo aos sistematizados, dos orais aos escritos, do literário ao não literário e etc. Não precisa, necessariamente, que o sujeito saiba ler e escrever para fazer o uso dos gêneros, pois tanto a fala e a escrita se concretizam nos textos.

Sobre textualidade, Antunes (2009) considera a condição que têm as línguas de somente ocorrerem sob forma de textos e as propriedades que um conjunto de palavras deve apresentar para poder funcionar comunicativamente. Esses textos, por sua vez, recebem um conjunto de características, formais (linguísticos) e funcionais (socioculturais) que forma um determinado gênero discursivo/textual.

Para Antunes, a escola não pode furtar-se da responsabilidade de promover conhecimento, pois os gêneros extrapolam o campo linguístico, abrangendo normas, convenções determinadas pelas práticas sociais. Segundo ela, um pressuposto básico da textualidade é de que a língua usada nos textos – dentro de um determinado grupo – constitui uma forma de comportamento social (ANTUNES, 2009). É de notar que a graduação em Letras, cursos de aperfeiçoamento, dissertações, teses têm voltado o olhar para esta temática e os professores, atualmente, também não têm se furtado dessa perspectiva. Mesmo porque os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) orientam a isto (BRASIL, 1998, p. 23):

Nessa perspectiva, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em funções de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes e diferentes são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social.

Fica entendido que a escola deva fazer um trabalho no intuito de corresponder às expectativas do aluno no que diz respeito a capacidade sócio comunicativa. E tentar, de certa forma, aproximar os alunos aos textos e não o contrário. Importante também dispor aos alunos textos não apresentados pelo livro didático, como os que permitem uma aproximação com o mundo dos alunos.

Há uma supremacia dos textos literários no ensino fundamental, não só com relação a leitura, mas sobretudo com a escrita. A escola deixa de lado os gêneros mais usados no dia-dia do aluno, isso faz com que os alunos saiam do ensino fundamental e até do ensino médio sem a competência de sequer preencher uma ficha para se candidatar a uma vaga de emprego ou mesmo fazer um currículo. É necessário que a

escola se preocupe também em ensinar produções de textos que façam parte da realidade do aluno e os que são mais significativos para a sua formação, inclusive fora da escola.

Por essa ótica, a crônica produzida em sala de aula foi escolhida como objeto de análise. A intenção não é tornar nenhum aluno cronista, mas também não excluimos esta possibilidade. Por ser esse o objeto de estudo, tratamos, no próximo item, sobre o gênero crônica. Dissertamos um pouco sobre sua história e suas características. Usamos para este estudo, principalmente, Sá (1987) e Cândido (2003).

4.2.1 A crônica: o gênero nosso de cada dia

É prazeroso poder abrir a *internet* em *sites* de notícias, ou mesmo o jornal escrito e pular todas as seções e ler, sem compromisso, uma crônica. Talvez, ela nos fale mais de política, economia e sobre as atrocidades diárias do que a notícia. É um gênero de difícil definição. Ele se confunde, facilmente, com outros gêneros.

O vocábulo está associado a palavra “*khronos*” (grego) ou “*chronos*” (latim), que significa tempo. Os países europeus usaram a “*chronica*” como o mesmo sentido que os romanos; registrar os acontecimentos verídicos conforme a ordem temporal que aconteciam.

No Brasil, a crônica contemporânea também registra o cotidiano e surgiu por volta do século XIX, com a expansão dos jornais. Nesse período, grandes nomes da nossa literatura, como José de Alencar e Machado de Assis dividem os tons quando as escreve, ora mais jornalística, ora de tom mais aguçado com a linguagem poética.

A crônica é, de fato, um gênero que abriu uma brecha para o entretenimento em jornais, pois além do apelo literário que foge à notícia, é um texto que põe em pauta a reflexão e coloca uma pausa para o leitor mais fatigado a textos densos. Sobre a crônica, diz Cândido:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um “gênero menor”. (CÂNDIDO, 2003 p. 89)

Embora as aspas denunciem a ironia, ele completa no parágrafo seguinte, numa espécie de justificativa por ter chamado a crônica de gênero menor:

Graças a Deus”, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura...” (CÂNDIDO, 2003 p. 89)

A crônica tem este encanto de penetrar as pessoas. Isso se dá ao fato da descrição do dia a dia e o leitor se imaginar no texto. É notável, também, que a crônica se adaptou bastante ao estilo de vida e leitura do povo brasileiro. O dia a dia corrido, a pressa, a falta de tempo, fez com que a crônica não desaparecesse no tempo. O próprio Cândido escreve que, no Brasil, a crônica tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos que é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatizou aqui e a originalidade com que se desenvolveu (CÂNDIDO, 2003).

Para Jorge de Sá (1987), a literatura brasileira teria nascido da crônica, desse gênero tão ao gosto da cultura brasileira. Isso porque, as primeiras impressões da literatura produzida no Brasil foram escritas por Pero Vaz de Caminha. Suas cartas tinham uma engenhosa e artística forma de descrever o circunstancial.

Um gênero que faz parte da história literária brasileira, que veio se modificando e se sustentando como um texto híbrido. Apesar de certa fugacidade, ela prevaleceu nos tempos de forma subjetiva com o objetivo de levar a reflexão sobre os fatos corriqueiros.

A visão sutil, a forma despretensiosa faz da crônica um grande gênero, ela deixa viva a vida nos seus pormenores. Cândido afirma que por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia, principalmente, porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição (CÂNDIDO, 2003).

Ainda de acordo com o autor, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele

uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo, porque quase sempre utiliza o humor.

A crônica, de início, fora feita para ser passageira, assim como a notícia. Ela não foi feita para compor livros, mas valendo-se do que diz Cândido (2003) essa publicação tão efêmera que se comprava num dia e no outro estava embrulhando um par de sapatos ou forrando chão, perdurou-se no tempo muito mais do que se imaginava. Por se abrigar num veículo transitório, não tem o objetivo de tornar escritores famosos, que ficam na admiração da posterioridade, cuja perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão (CÂNDIDO, 2003).

Relacionar a crônica para escrever sobre a cultura local é categoricamente um acerto. Também por se tratar de um gênero que usa a linguagem simples para tratar, muitas vezes, de casos sérios. Leva o aluno à profundas reflexões dos problemas diários da comunidade unindo lirismo e realidade. O mais interessante é que a crônica revela profundas sensações a partir de um fato observado sem o abandono da literatura, é o que Jorge de Sá (1987) chama de lirismo reflexivo. Outro fator essencial é o auxílio que a crônica dá na construção identitária do aluno, por estar mais ligada ao seu cotidiano. “Daí a importância do instante, porque é o *flash* do momento presente que nos projeta em diferentes direções, todas elas basicamente voltadas para a elaboração da nossa identidade.” (SÁ, 1987, p. 15).

O cronista quem escolhe o tom que deseja usar, seja ele lírico, irônico, provocativo, ou de humor. Sendo assim, abre este leque de opções para que o aluno possa se sentir mais à vontade na hora de escrever seu texto. O humor é um recurso bastante utilizado, por trazer uma carga menos densa de seriedade, sem, contudo, deixá-la de lado. Entretanto é no intuito de divertir com leveza e simplicidade o leitor que segundo Cândido (2003, p. 27), muitas vezes, os professores procuram “incutir nos alunos uma ideia falsa de seriedade”. O humor não tira a seriedade, ele produz uma reflexão de forma diferente e provocativa. O trabalho com crônica em sala de aula tem se revelado tão importante, que o próprio Cândido (2003, p. 94) se mostrou satisfeito, conforme a citação abaixo:

Quando vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando nas leituras de meu tempo de secundário. Fico comparando e vendo a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante.

A crônica de fato tem esse poder penetrante, que faz o aluno prestar mais atenção na aula, ou na leitura dos textos, isto, talvez, se dá ao fato da identificação que o aluno tem com o texto e pela linguagem mais acessível que ajuda tornar o texto mais compreensível. Mais uma vez buscamos Cândido para mostrar o valor do trabalho da crônica em sala de aula, assim diz ele (2003, p. 94):

Num país como o Brasil, onde se costumava identificar a superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias.

Além do que, é um gênero rico que trata do comum sob uma ótica particular de quem escreve. Envolve personagens comuns, que circulam no dia a dia. Em vista disso, trar-se-á à crítica o olhar mais apurado sobre o cotidiano e os problemas que nele perpassa, seja de cunho social ou pessoal, já que a crônica tem este poder de refletir sobre o íntimo e o observável e formar leitor culturalmente mais maduro. A crônica também abre espaço para descrever o passado. Os cronistas, principalmente os brasileiros, exprimem vivência e sentimentos próprios do universo cultural de sua região. Por ser um gênero flexivo, ele nos faz enxergar coisas grandiosas da vida do homem e sua história.

4.2.2 Discurso e argumentação no ensino de texto

Segundo a Nova Retórica, todo discurso tem a intencionalidade de persuadir, logo todo texto é argumentativo. Todavia os livros didáticos baseados nos PCN,s separam os gêneros por tipologia e os argumentativos têm ficado em segundo plano como objeto de ensino no ensino fundamental. Sua ausência sistemática no ensino das séries iniciais se justifica pela preponderância do gênero narrativo, ou seja, contos, fragmentos de obras literárias, ou adaptação simplificada dos cânones.

Verdade é que se trata de um trabalho complexo para o professor. Muitas vezes, os gêneros argumentativos são apresentados no final do livro didático, e o professor não consegue atender a demanda de todo conteúdo, tendo como consequência, a exclusão deles no ensino fundamental. Há também a justificativa do próprio professor de achar que o aluno tem muita dificuldade em dissertar, ou não tem maturidade para isso. Tais ideias têm deixado os gêneros argumentativos para ser ensinados no ensino médio, que também falha, pois dá prioridade ao texto dissertativo argumentativo pedido pelo exame nacional do ensino médio (ENEM).

Contudo, é notável que toda criança faz uso da linguagem argumentativa na vida diária e na escola. Ora, quando um aluno do ensino fundamental tenta convencer um professor para não colocar falta, ou para melhorar a nota, usando de argumentos vários, é sinal que ele já tem intuitivamente a base argumentativa. A argumentação faz parte da vida diária de todo sujeito, o ensino dela serve para conhecer a forma sistematizada dos gêneros pertencente a ela, e claro, para aprimorar o uso dos argumentos. Sendo assim, é válido o trabalho com gênero argumentativo em sala de aula, pois como explica Koch (1984, p. 21) “a argumentatividade está inscrita no nível fundamental da língua”. E nessa perspectiva, cria-se uma visão para as possibilidades de desenvolver esta capacidade nos alunos.

Das muitas razões que podem ser apontadas como justificativa da importância da argumentação enquanto prática do discurso, são as de que ela desenvolve no indivíduo, o raciocínio crítico, bem como nos aspectos linguístico-textuais dos gêneros, já defendidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. A noção de gênero, constitutivo do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino (BRASIL, 2001). Leal (2006) diz que argumentar é uma prática social relevante, na vida dos indivíduos em todas as esferas da sociedade, porque a defesa de pontos de vista é fundamental para que se conquiste espaço social e autonomia.

Essa produção argumentativa está em todos os textos, A prova disso é que foi através dos processos argumentativos presentes nas crônicas produzidas pelos alunos que construímos o perfil de heróis nas mulheres e homens tema central deste trabalho.

Se se pensar que o discurso argumentativo seria somente aquele que expõe e amplificam desacordo, bem como os que procuram resolver conflitos, seja buscando o

bom senso, seja para discordar, seria limitar as intenções comunicativas que acontecem sempre por uma razão de convencimento. Bakhtin, nos revela na citação que procede o modo real de todo discurso:

[...] Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem autossuficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado numa esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra "resposta" está empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. Não se pode esquecer que o enunciado ocupa uma posição definida numa dada esfera da comunicação verbal relativa a um dado problema, a uma dada questão, etc. Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la a outras posições (2011, p. 316)

Ora, se o princípio básico da argumentação que é, pois, o ato de convencer numa tomada de posição contra ou a favor, o dialogismo do discurso infere que os pontos de vistas não precisam estar expostos de forma explícita. Os discursos não acontecem de forma isolada, os falantes sempre interagem mutuamente, mesmo sem a presença física do auditório. De acordo com Fiorin (2014, p. 69) "Todos os discursos são argumentativos, pois são uma reação responsiva a outro discurso".

Com isso, fica evidente que todo ensino de texto está sustentado pela argumentação, além de um discurso sempre remeter a outro discurso, ele também vem carregado pelas categorias da Nova Retórica: fatos, presunções, valores, teses, entre outros.

5 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O professor no seu cotidiano em sala de aula convive com a pesquisa, pois ela é imprescindível em qualquer campo do conhecimento e na vida de qualquer profissional, e na educação não é diferente. À procura de construir e adquirir novos conhecimentos e novas descobertas, o professor tem usado estratégias várias através de projetos, e, como consequências, transformando-os em conhecimento científicos dada a investigação no âmbito dos múltiplos problemas enfrentados em sala de aula, principalmente, no que concerne à leitura e à escrita.

Dentro desse contexto, é importante salientar o quanto o trabalho humano é válido, quando é bem desenvolvido nas escolas, porque ele contribui para novas descobertas, a fim de solucionar os problemas em sala de aula.

Assim, ao considerar a proeminência da pesquisa de conhecer o universo científico, apresentamos o método e técnicas que se adequa ao *corpus* a ser investigado neste trabalho. Valendo-nos do que diz Gil (2002, p. 18), “a pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos”.

Esta pesquisa, com base da Nova Retórica, traz um levantamento metodológico, no que se refere a análise discursiva em crônicas escritas por alunos do ensino fundamental, cuja finalidade é de apresentar temas oriunda da cultura local à comunidade científica.

Apresentamos, neste capítulo, a metodologia que norteia o desenvolvimento desta pesquisa. Abordamos, primeiramente, os aspectos metodológicos que utilizamos no estudo. Em seguida, o lugar, a escola e as turmas onde o trabalho foi realizado. Em um terceiro momento discutimos sobre o *Tema Gerador* de Paulo Freire, uma vez que a intervenção teve como base a proposta Freireana. Logo em seguida apresentamos a intervenção e o detalhamento de como se deu toda sequência didática. E por fim apresentamos a constituição do *corpus*.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

De acordo com Minayo (2003, p. 16), “a metodologia da pesquisa é o caminho do pensamento a ser seguido”. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a serem adotadas para construir uma realidade.

A presente pesquisa está pautada nas análises das crônicas produzidas por alunos do ensino fundamental. Para termos a concretização desse, foi preciso uma investigação, cuja cultura local foi subsídio temático para a constituição das mesmas nas aulas de Língua Portuguesa. Como processo investigativo dado ao *corpus*, usamos a abordagem qualitativa. De acordo com Godoy (1995, p. 58), a pesquisa científica qualitativa:

Considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados foi realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requereu o uso de técnicas e métodos estatísticos; e, por fim, teve como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados.

Desse modo, temos como contexto a sala de aula. Nosso trabalho se preocupa mais com o processo contínuo e qualitativo das atividades, sem procurar medir os eventos estudados, mas sim, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos\alunos.

A considerar que o *corpus* desta pesquisa envolve uma comunidade e sua história para se fazer fonte de estudo nas aulas de Língua Portuguesa, sob os pressupostos da Nova Retórica nos respaldaremos no que diz Gil (2002, p.133):

A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.

O processo de investigação dá-se dentro dessa abordagem, as crônicas produzidas pelos alunos mostram valores de homens e mulheres que se perpetuaram na

história e nos seus universos reais repletos de significados. Por isso também se justifica a pesquisa qualitativa, pois como compreende Minayo (1994, p. 21-22): “a abordagem qualitativa trabalha com um universo de significados, sentidos, motivos, aspirações, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”

De acordo com Oliveira (2007, p. 60), “a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ato social e fenômenos da realidade”. Aqui, percebemos que a pesquisa qualitativa tem um propósito também de descrever com mais detalhes a realidade.

O Mestrado Profissional em Letras tem o intuito de unir simultaneamente teoria e prática. Orienta como aplicar a teoria no dia a dia nas aulas de Língua Portuguesa. Com base no que afere Demo (1995, p. 239) sobre a pesquisa participante, utilizamo-la nesta pesquisa. Diz ele que “a pesquisa participante exige na mesma pessoa, o pesquisador formalmente competente e o cidadão politicamente qualitativo”. Esta é a garantia mais efetiva da união entre teoria e prática. É também o lugar do espaço educativo, em sentido político tanto do pesquisador, quanto da comunidade.

Para o autor, garantir que a teoria resvale de forma efetiva na prática, é necessário que o pesquisador não seja, apenas competente, mas também que seja um cidadão que se envolva politicamente com a comunidade. A partir desse tipo de pesquisa que realizamos este trabalho, enfatizando a história de mulheres e homens, em que se deu a oportunidade dos alunos/pesquisadores também se envolverem de forma ativa e qualitativa com a história dos heróis da comunidade de Areias.

Inclui-se também nesta pesquisa o método dedutivo e indutivo concomitantemente. Pois, no que diz Lakatos e Marconi (2003, p. 86):

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.

A partir disso, os alunos inferiram uma verdade sobre as personalidades da comunidade de Areias nas crônicas de forma subjetiva, apoiando suas impressões em dados particulares de cada história escrita. No raciocínio indutivo, segundo Prodanov e

Freitas (2013, p. 28), “a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta.” As constatações particulares levam à elaboração de generalizações. Além do que, podemos inferir através da indução, os processos argumentativos nas crônicas dos alunos.

Já o método dedutivo é o que parte do geral para o particular. “A partir de princípios, leis ou teorias consideradas verdadeiras e indiscutíveis, prediz a ocorrência de casos particulares com base na lógica” (PRODANOV; FREITA, 2013, p. 28). Sendo parte dos estudos voltados para o herói, fez-se um estudo geral sobre o herói desde como surgiu até chegar nos heróis locais, assim, sendo, o método dedutivo se faz presente nesta pesquisa.

Outrossim, para se chegar ao resultado final que é a construção da figura do herói nas crônicas por meio das análises dos processos argumentativos, fez-se através do método dedutivo, uma vez que ele é um processo de análise de informação que nos leva a uma conclusão.

Este trabalho é também de intervenção, visto que atendendo à perspectiva do mestrado que é de melhorar o ensino de Língua portuguesa, partirá das ações em sala de aula com os alunos do ensino fundamental o objeto de nossa pesquisa. Como proposta de intervenção nos apoiamos no *tema gerador* de Paulo Freire que será tratado de forma mais específica em outro tópico.

5.2 UNIVERSO DO ESTUDO

5.2.1 Cultura popular no ensino

Este trabalho focaliza-se no ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental. Tem uma ligação direta com a cultura popular e traz para sala de aula as memórias, os feitos, os gestos, os mitos, as imagens, a cultura e os discursos dos personagens que ajudaram à construção de Areias. Desta perspectiva, discutir a cultura popular no ensino aprendizagem é uma forma de manter viva essas tradições e as memórias do lugar, os quais são construídos e relacionados com a manutenção histórica e existência da própria sociedade. O trabalho com a cultura popular também está inserido nos Parâmetros

Curriculares Nacionais, em que o ensino e aprendizagem de conteúdos possam colaborar para formação do cidadão, afim de valorizar as expressões coletivas de um povo, seja para preservar ou para divulgar as manifestações populares. A cultura popular, que é parte integrante da vida dos alunos, não deve ficar a parte do ensino, conforme assevera Brandão (1988, p.11):

[...]a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força.

Essa dimensão que envolve a educação, existe devido à interação entre mundo e escola. Podemos entendê-la como dimensão do processo social e utilizá-la como um instrumento para compreender as sociedades em suas diferentes épocas. Conforme Freitas (2011), a escola é cenário em que as contradições sociais se manifestam, cuja a presença de variadas culturas transforma a educação e faz da escola um dos cenários do multiculturalismo. O autor ainda discute que a presença das múltiplas culturas não é uma invenção escolar, mas a convivência entre as múltiplas culturas que existe no ambiente escolar. Essa convivência é resultado das interações humanas, seja por processos de colonização, migração, êxodos, guerras, etc. A cultura abrange toda complexidade que envolve, lugar, épocas e pessoas e costumes. Segundo Santos (2003, p. 5):

[...] cultura é a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica, criadora, ela mesma em processo, uma dimensão fundamental das sociedades contemporâneas.

O conhecimento como fator cultural é dinâmico, diverso e se manifesta nas mais diferentes situações. A cultura como dimensão da sociedade foi se ampliando a partir do momento da criação do mundo, em que o homem sentia a necessidade de nomear coisas, de criar a linguagem para se comunicar e mais diversas invenções mitológicas e científicas criadas pelo homem. Assim, todo homem, sem importar o nível de escolaridade é produto de cultura e tem conhecimentos diferentes. Sobre cultura Brandão (2002, p. 22) a conceitua:

A cultura é o que fazemos dela, nela e, entre nós, através dela, Vida. A cultura é o que devolvemos a Deus ou à Vida como a nossa parte no mistério de uma criação de quem somos bem mais os persistentes inventores do que aqueles que vieram assistir ao que fizeram antes de havermos chegado. Os outros seres vivos do mundo são o que são. Nós somos aquilo que nós fizemos e fazemos ser. Somos o que criamos para efemeramente nos perpetuarmos e transformarmos a cada instante. Tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos como os objetos e utensílios da vida social representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de cultura. O que fazemos quando inventamos os mundos em que vivemos: a família, o parentesco, o poder de estado, a religião, a arte, a educação e a ciência, pode ser pensado e vivido como uma outra dimensão.

Sobre essa ótica de cultura postulada por Brandão, é o homem que constrói a cultura nas transformações que ele faz na vida, no cotidiano, até mesmo sobre o mistério da criação. É que somente o homem tem consciência de que ele é parte integrante da cultura e, ao mesmo tempo, inventores de novos hábitos e mudança de tradição constantes.

Há de se pensar também sobre como esta cultura contribui no processo de leitura na escola, uma vez que é comum a escola trabalhar de forma sistemática, recusando à leitura de mundo do educando: Assim, Freire (1999, p. 46) faz esta reflexão: “A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem culturalmente e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo”.

Os homens são naturalmente seres culturais. Sua evolução histórica é inevitável. Representa o sujeito produtivo e objeto produzido. Essas nuances coloca o homem perante a sociedade como ser passivo e ativo nas suas relações com o mundo. E claro que a escola tem um papel importante, até mesmo para que o homem tome conhecimento das transformações não só do seu mundo particular, mas saber que se seu mundo se modifica, é porque é consequência de mudanças gerais na história. Cabe a escola criar currículo pertinente à realidade e reconhecer os sujeitos sócio-históricos como seres repletos de saberes e os PCNs vem corroboram com ideia de que a Pluralidade Cultural é necessária, pois de acordo com Brasil (1997, p. 23)

Desenvolveu-se uma forte expectativa de um comportamento de tipo urbano, como sendo o único requerido e aceito pela situação escolar, enquanto políticas educacionais registraram a falta de atenção às diversidades regionais, às características de grupos tradicionais, como caiçaras, sertanejos, caboclos, pantaneiros, povos da floresta e populações ribeirinhas.

A escola transmite aos alunos a ideologia burguesa e suprime o desenvolvimento da ideologia do operário e a revolução, objetivando a reprodução da sociedade, ou seja, a manutenção do *status quo* dominante, negando os diferentes tipos de saberes. Para Freire (1987, p. 31):

Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente.

A relação dialógica é essencial para prática pedagógica, pois quando se mantém um diálogo, é possível fazer que todos participem dos diferentes tipos de saberes. A cultura popular na escola é um elemento que media os projetos realizados na sala de aula com o cotidiano do aluno de forma expressiva. Negar esse elemento é negar a história, os valores e os saberes inerentes à cultura do aluno. Com relação aos diversos saberes, Brandão (1988, p. 20) afirma:

O saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos; o saber de guerreiros e esposas; o saber que faz o artesão, o sacerdote, o feiticeiro, o navegador e outros tantos especialistas; envolve, portanto, situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias, onde ainda não surgiram técnicas pedagógicas escolares, acompanhadas de seus profissionais de aplicação exclusiva.

As práticas pedagógicas, apesar de priorizar a educação elitizada, ela está tendo o cuidado de também dar importância ao conhecimento de mundo que o aluno leva para escola. A cultura popular na escola é ressaltada pelos PCNs que os descrevem nesses termos:

A temática da Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades

socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal. (BRASIL, 1997 p. 121).

É bom que a escola repense sobre como se deve ensinar a cultura popular. É comum apenas a disciplina de Artes ser responsável em desenvolver a temática, todavia, é possível que todas as disciplinas dentro de suas especificidades contribuam para o ensino que envolva o universo cultural do aluno.

O grupo de estudo GPET tem dado ênfase na temática da cultura popular e local, unindo discurso, argumentação e ensino de texto. Esta ideia de trazer à tona a cultura para sala de aula, no mesmo processo sincrônico que tira o aluno da sala e o leva a conhecer sobre outra ótica o lugar onde ele vive, tem levado uma ampla e importante contribuição para a ciência. Além do que se tem aprimorado a produção da escrita dos alunos do ensino fundamental.

5.2.2 Areias, o cenário da pesquisa

As informações, que constam neste subtópico, se propõem a contar um pouco da história da comunidade de Areias, afim de contextualizar a inserção das pessoas, tema das crônicas dos alunos, não advém de nenhum documento oficial. Elas são baseadas nos relatos dos próprios moradores, através de rodas de conversas sob à sombra de uma figueira, “cartão postal” da localidade.

A zona rural de Areias é um pequeno distrito que fica a 8 km da cidade de Uiraúna-PB. A denominação de Areias surgiu devido à grande quantidade de Areia existente no lugar. Motivo pelo qual, gente de toda a vizinhança se deslocava até o local para extrair areia para as confecções de panelas, potes, pratos e utensílios.

Areias teve sua origem nos anos 50 com o nome de Bolandeira, oriunda de uma bolandeira, uma espécie de máquina de descaroçar algodão construída pelos primeiros moradores: o casal Luiz Patrício de Andrade e Veneranda, vindos do município de São João de Rio do Peixe, também na Paraíba. A partir daí outras famílias foram surgindo.

As famílias eram religiosas, e como não havia local certo para suas orações, rezavam de casa em casa. Isso perdurou até a construção da capela no ano de 1954, por intermédio e colaboração de José Patrício de Andrade, Luiz Felix e do Pe. Antônio Anacleto de Andrade. No dia 12 de setembro de 1954, foi celebrada a primeira missa, dia em que chegava em grande festa a excelsa padroeira nossa senhora do Perpétuo do Socorro, escolhida devido a uma promessa feita pelo senhor José Patrício de Andrade e acolhida por todos os devotos.

A população de Areias nos dias atuais, sobrevive, praticamente, da agricultura, do programa bolsa família e da ajuda advinda dos filhos que migraram para outras regiões do país. Teve seu primeiro produto agrícola, o algodão. Outro produto de forte tradição, foi a mandioca. Esse era cultivado tão fortemente, que no local já tivera quatro boladeiras construídas, sendo que resta apenas uma, e está desativada. Tanto o algodão, como a mandioca estão atualmente sendo pouco cultivados. Sendo ainda cultivado o feijão, o milho e o arroz, apenas para subsistência.

É digno de nota de que a zona de rural de Areias em meado da década de noventa, fora presenteada por jovens estudantes alemães com uma Fábrica de Fogão Solar, por

intermédio do pastor Pe. Domingos Cleides Claudino. Para iniciar o projeto, foi entregue um fogão a cinco famílias, que durante um ano fizeram o experimento e obtiveram sucesso. O sucesso da instalação da fábrica foi de imediato e foi noticiado nos principais jornais do país.

Assim, como todo lugar do Brasil, a religiosidade é também um traço forte da comunidade. Sendo o catolicismo a religião preponderante, mas hoje se encontra também uma parcela de protestante, embora em número bem inferior.

Situado na região do polígono da seca, tem a caatinga como vegetação preponderante e a população sofre com a estiagem, principalmente, pela falta de um manancial e de água encanada. Todavia, a comunidade foi beneficiada com cisternas, o que vem amenizando a falta d'água.

Hoje, a comunidade de Areias é constituída por 150 famílias, aproximadamente, que aglomera também residentes dos sítios Cafundó e Sítios Novos. Areias é uma comunidade sede, funciona como um distrito, no entanto ainda não é oficialmente. Tem a escola José Patrício de Andrade, onde funciona o ensino fundamental I e II, uma creche e um posto de saúde, que atendem à comunidade. A localidade ainda é muito carente e desassistida. Não possuem praça, área de lazer, nem uma quadra esportiva e entre outras estruturas que ajudaria a dar uma vida melhor à população.

5.2.3 A escola e as turmas

A presente pesquisa teve início no final de 2017, na Escola “José Patrício de Andrade” da rede municipal de ensino da zona rural de Areias, município de Uiraúna, localizada a 481km da capital João Pessoa. Presentemente, a escola atende alunos do Ensino Fundamental I e II no turno matutino.

É uma escola pequena, atualmente conta com 32 alunos matriculados. Destes, 20 são do Ensino Fundamental (anos finais).

As turmas são multisseriadas assim distribuídas: 6º e 7ª ano em uma turma, e 8º e 9º em outra, devido ao contingente reduzido de alunos. E as séries iniciais agregam todos os alunos em uma única turma. Com relação as classes multisseriadas, Menezes e Santos (2002, p. 2), aferem que:

[...] as classes multisseriadas existem principalmente nas escolas do meio rural, visando diminuir a evasão escolar, ou em projetos específicos, baseados na metodologia da aceleração e no telecurso, buscando atrair crianças e adolescentes em situação de rua, analfabetas ou defasadas em seus estudos, para que possam aprender e serem convencidos a continuar na vida escolar.

Contudo, a referida escola foge a esta afirmação, sendo o número reduzido de alunos o motivo das turmas funcionarem dessa forma.

Esta forma de organização na escola em questão se deu levando em consideração a idade e os conteúdos programáticos. Embora os PCNs orientem para que as classes multisseriadas reúnam grupos que não sejam estruturados por série, e sim, por objetivos. É unânime em se dizer que esta forma de organizar as turmas gera uma aprendizagem deficiente, uma vez que, trabalhar concomitantemente com várias turmas requer uma atenção redobrada do professor.

Essa instituição escolar apresenta um quadro de professores no total de seis (06), sendo todos efetivos com licenciatura plena e pós-graduação. Todos eles lecionam mais de uma disciplina para completar a carga horária exigida.

Atualmente, as turmas do ensino fundamental, que foram envolvidas neste trabalho, são formadas por 09 alunos, com faixa etária entre 11 a 14 anos, sendo 05 do sexo masculino e 04 do sexo feminino. Todos filhos de agricultores. Apresentam grande dificuldade na escrita, resistência nas leituras e nas participações das aulas. Os alunos imbuídos nesta pesquisa são de uma região cujas disponibilidades econômicas não permitem investimentos suficientes para que eles recebam a educação devida. São de famílias com um histórico de baixo índice de escolaridade, de dificuldades de trabalho e que não possuem um interesse persistente pela educação de seus filhos, o que contribui para a baixa autoestima. Por isso, parte de algumas oficinas da intervenção propõe atividades que ressaltam essa questão.

5.3 INTERVENÇÃO: A BASE DO PODER, UM CAMPO MINADO DE SABERES

Utilizamos na intervenção como procedimentos metodológico, o *tema gerador* de Freire. Como o trabalho é sobre os heróis reais da comunidade, há de se fazer uma

reflexão sobre a ação desses homens e mulheres que transformaram o mundo que os rodeiam. Freire (1999) fala da superação que exige a inserção dos oprimidos na realidade opressora, com quem objetivando-a simultaneamente atuam sobre elas. Ele acrescenta que uma realidade que não leve a esta inserção crítica, não conduz a nenhuma transformação da realidade objetiva, porque não é conhecimento verdadeiro. Desta forma, propomos essa pedagogia como uma alternativa para o alcance do conhecimento e do processo educativo. Essa pedagogia freireana coexiste em um método coerente para a construção do conhecimento. Sua proposta com o *Tema Gerador* é a de superar o dualismo sujeito-objeto e também de superar o saber verticalizado e fragmentado que produz uma ciência necrófila decorrente do paradigma científico moderno.

A escola no Brasil que nasceu para elite, excluía os marginalizados, tendo em vista que os saberes eruditos sobressaem aos populares, e claro que se adapta melhor à escola, aqueles cuja realidade se assemelham com a pedagogia praticada na escola. Freire (1987, p. 22) diz que:

A pedagogia do oprimido que, no fundo é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí. E tem que ter, nos próprios oprimidos que se saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos.

Daí que nenhuma pedagogia que busque pela liberdade deverá deixar de fora os oprimidos. Devemos buscar pela sua promoção e torná-los exemplos de redenção. Freire (1987, p. 22) alerta que “uma pedagogia que parte dos interesses egoístas dos opressores é uma pedagogia camuflada de falsa generosidade e faz dos oprimidos objetos de seu humanitarismo, que mantém e encarnam a própria opressão”. Eis que, ainda segundo ele, esta pedagogia não pode ser elaborada, nem praticada pelos opressores. Aqui está uma das razões pelas quais usamos a pedagogia libertadora como meio para nortear este trabalho.

5.3.1 Tema gerador: dialogicidade e conteúdos programáticos

Para se ter uma proposta de ensino-aprendizagem norteada pela problematização freireana, é preciso que a organização dos conteúdos programáticos não seja uma

doação ou imposição, mas uma revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo. Todavia, antes da reorganização desse conteúdo, Freire propõe a dialogicidade, que somente um diálogo que implique em um pensar crítico é capaz de gerá-la. Assim, afirma Freire (1987, p. 47):

Daí que, para esta concepção como prática de liberdade, a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma, mas situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação.

Através do diálogo que se pode chegar a uma situação presente, existencial, concreta que reflete os conjuntos de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo pragmático da situação ou da ação política. (FREIRE, 1987).

Tal pressuposto implica dizer que não podemos dar aos alunos um conteúdo que pouco ou nada tenha significação no seus anseios e vida diária. Para que a proposta da pedagogia libertadora seja bem-sucedida é necessário que o educador procure levantar as concepções dos educandos cuja finalidade seja a de gerar a problematização. Neste processo de construção da aprendizagem, Bordignon (2013) diz que o conhecimento deve partir de temas vinculados ao contexto do educando e da compreensão que esse tem do problema. É por meio de um processo dialógico entre aluno e professor que se constrói e reconstrói novos conhecimentos.

No intento de reconstruir os conhecimentos advindo da cultura local, do contexto da vida e história dos próprios alunos, eles irão investigar a vida de homens e mulheres da comunidade. Isso remete ao depoimento que Paulo Freire faz sobre o ato de ler:

Daquele contexto - o do meu mundo imediato - fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a contextos mais amplos que o do meu mundo imediato e de cuja existência não podia sequer suspeitar. (FREIRE, 1989, p. 10)

É a leitura de mundo precedendo a leitura da palavra. Imbuída dessas ideias, que o processo da intervenção respaldou tanto no mundo particular da imaginação dos alunos, quanto o da realidade dos quais eles redescobriram para produção final do texto.

5.3.2 AS etapas do Tema Gerador: uma proposta libertadora

Baseado nas propostas de Paulo Freire, cuja investigação é o momento que se realiza o universo temático do povo, ou seja, o conjunto de temas geradores: Nossa intervenção consistiu em 06 (seis) etapas desenvolvidas em 10 (dez) oficinas:

1º. A primeira povoou o universo imaginativo dos alunos, com oficinas que trouxeram à tona o mundo dos super-heróis, tendo em vista que será uma mola propulsora que incentivará os trabalhos com os heróis reais. É o momento de levantar o conhecimento prévio do aluno e descobrir as palavras geradoras.

2ª. Levantamento preliminar de obtenções de informações sobre a realidade local em que vivem os estudantes, utilizando diversas atividades, como visitas, conversas com moradores e palestras, como o objetivo de levantar informações sobre o tema gerador.

3ª. Análise das informações obtidas, no intuito de estabelecer relações entre as falas que expressam a visão da comunidade escolar e a fala do povo. De acordo com Freire (1989), a linguagem tem que ser sintonizada com a situação concreta dos homens a quem falam. Segundo ele, é preciso que o educador seja capaz de conhecer as condições estruturais em que a linguagem do povo, dialeticamente, se constitui.

4ª. De posse das situações escolhidas, ou seja, das codificações, nesta etapa analisamos quais informações tiveram mais significância ou não, no caso, quais sujeitos os alunos utilizaram na construção de sua crônica.

5ª. A quinta etapa consistiu no trabalho coletivo, na redução da temática, através das informações obtidas nas etapas anteriores sobre os super-heróis e sobre as histórias dos heróis de Areias escolhidos pelos alunos. É o momento que os alunos já planejaram as informações as quais fizeram dos homens e mulheres da comunidade heróis e heroínas.

6ª. Este momento consistiu no desenvolvimento da escrita. Nesta etapa foram realizadas oficinas sobre o gênero crônica, levando em consideração a leitura, escrita e reescrita das crônicas produzidas pelos alunos.

5.3.3 Oficinas: das palavras geradoras à composição das crônicas

Apresentamos o quadro sintético das oficinas, contendo o título, os objetivos e os procedimentos metodológicos para visualizarmos melhor como foram realizadas cada oficina.

Quadro 1 – Oficinas: sequência didática

N°	Título	Objetivo	Procedimentos metodológicos
01	A origem do poder	Introduzir o tema e conhecer um pouco sobre a mitologia grega e os mitos locais.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Criação de um ambiente de leitura na sala de aula; ➤ Diálogo com os alunos sobre o conceito de herói; ➤ Apresentação de um texto sobre mitologia grega; ➤ Discussões sobre mito local. Leitura e análise da música - Homem aranha, de Jorge Vercílio.
02	Meu super-herói preferido	Trabalhar o mundo imaginário do aluno, tendo em vista que toda criança cresce "em meio" aos super-heróis fantásticos.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conversa sobre os super-heróis favoritos dos alunos ➤ Apresentação dos maiores super-heróis que enredam a imaginação das crianças; ➤ Questionário sobre os super-herói preferidos; ➤ Criação de um painel com informações, fotos, desenhos dos super-heróis preferidos; ➤ Apresentação de vídeo de episódios de alguns super-heróis.
03	A fraqueza de onde vem?	Promover valores como: respeito, amor etc., que contribua para uma melhor qualidade de vida na escola, família e comunidade.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Conversando sobre valores ➤ Comparação das ações, dos valores e dos poderes dos super-heróis com alguém que os alunos conheçam que possam chamar de herói; ➤ Discutindo sobre as fraquezas e as derrotas; ➤ Enriquecimento do trabalho com outros gêneros textuais.
04	O herói que mora em mim	Discutir valores individuais, que refletem na coletividade, nas perspectivas de mudança pessoal, ajudar o próximo e melhorar a vida em comunidade.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Momento de meditação ➤ Os meus poderes e superpoderes que eu gostaria de ter; ➤ Quais minhas reais intenções em adquirir esses superpoderes? ➤ Criação de um super-heróis com poderes, amigos, inimigos e etc.; ➤ Narração de uma sequência em quadrinhos tendo este herói como protagonista;
05	Heróis que não venceram	Demonstrar que os heróis nem sempre vence e que na vida diária, perdemos algumas batalhas.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Uma leitura do livro Dom Quixote (versão infanto-juvenil) ➤ Uma discussão sobre derrotas pessoais.
06	Heróis reais	Destacar a luta diária pela sobrevivência do homem comum.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Apresentação de texto não verbal ➤ Palestra com o bombeiro Francisco Antônio de Andrade que foi estudante da escola;
07	Heróis populares	Levantar o perfil de personalidades que historicamente contribuíram por uma coletividade na comunidade através de entrevistas e depoimentos em círculos com os moradores de comunidade.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Entrevistas; ➤ Biografias desses heróis; ➤ Criação de um painel com fotos e informações sobre os heróis da comunidade;
08	Crônica nossa do dia-dia	Apresentar o gênero crônica e suas características.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Exposição do gênero crônica; ➤ Audição de músicas com perfis de crônicas; ➤ Apresentação de várias crônicas de tons diferentes; ➤ Levantamento das características do gênero crônica; ➤ Trabalho com os recursos estilísticos da linguagem;

09	Defendendo a comunidade e o ponto de vista	Desenvolver uma tese e os argumentos que possam contribuir na escrita da crônica para que estas pessoas comuns possam ter o <i>status</i> de herói.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Leitura e análise em sala de textos argumentativos ➤ Escrita de um texto em que os alunos possam argumentar do porquê o homem ou a mulher que eles escolheram sejam chamados de herói.
10	O poder é de vocês	Escrever uma crônica sobre o sujeito da comunidade escolhido pelo aluno.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ A escrita da crônica; ➤ A reescrita.

Fonte: Carlos Alves Vieira. Pau dos Ferros, 2019

5.3.4 Descrição da intervenção

Oficina 1: A origem do poder

No momento inicial desta oficina, foram distribuídos recortes de cartolinas para os alunos, os quais escreveram uma palavra que caracterizassem o herói. Em seguida foram feitas as leituras das palavras e disponibilizadas nas paredes da sala de aula. O intuito desse primeiro contato com educandos foi de apresentar a temática e a maneira de se reconhecer o universo vocabular. Desta primeira atividade, saíram as palavras geradoras que, em conjunto, de acordo com a proposta de Freire, os temas de discussão, devem estar ligados ao cotidiano da vida dos alunos.

Neste segundo momento, foram distribuídos recortes de cartolina para os alunos em apenas uma frase que respondessem à pergunta? O que é herói? Em seguida, feito a leitura e as discussões dos conceitos e postos nas paredes. Aqui é o levantamento do conhecimento prévio do aluno sobre o que eles já conhecem do assunto. De acordo com Brandão (1981, p.2):

Métodos de alfabetização têm um material pronto: cartazes, cartilhas, cadernos de exercício. Quanto mais o alfabetizador acredita que aprender é enfiar o saber-de quem-sabe no suposto vazio-de-quem-não-sabe, tanto mais tudo é feito de longe e chega pronto, previsto. Paulo Freire pensou que um método de educação construído em cima da idéia de um diálogo entre educador e educando, onde há sempre partes de cada um no outro, não poderia começar com o educador trazendo pronto, do seu mundo, do seu saber, o seu método e o material da fala dele.

Através dessa troca de saberes, que a oficina aconteceu. Não teve material pronto, os próprios educandos, com suas ideias do que eles conheciam sobre os heróis, que

montaram o material e, em seguida, discutimos os conceitos de heróis expostos por eles. Essa troca de saberes é um dos pressupostos do método Paulo Freire, conforme a ideia aferida por Brandão (1981, p. 2), “ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação, que deve ser um ato coletivo, solidário — um ato de amor, dá para pensar sem susto —, não pode ser imposta. ”

E no último momento, tivemos a apresentação dos principais heróis da mitologia grega e um pouco das façanhas que cada um realizou.

Oficina 2: **Meu super-herói preferido**

Na segunda oficina, apresentamos um questionário sobre o herói preferido dos alunos. Depois, propomos a montagem de um painel com fotos, desenhos e as informações dos heróis escolhidos por eles. No terceiro momento, foram assistidos alguns episódios dos heróis que eles escolheram. Por último, tivemos a música de Jorge Vercilo, “Homem Aranha”. Após o áudio, foi lida e analisada oralmente.

Aqui ainda, funciona como uma tese preparatória, mas sem fugir do eixo central da pesquisa. Este levantamento sobre o perfil do super-herói, irá servir de base para o levantamento do perfil do herói local. Temos aqui uma tentativa de adequar e de ligar os universos dos heróis de forma lúdica e criativa, sem perder de vista o objetivo central da pesquisa. Pois no que alude Brandão (1981, p.2) com relação ao tema gerador:

O objetivo da pesquisa do universo vocabular e temático é surpreender a maneira como uma realidade social existe na vida e no pensamento, no imaginário dos seus participantes. A pesquisa deve ser um ato criativo e não um ato de consumo.

Neste intento de surpreender os alunos que as oficinas foram realizadas, uma vez que elas mexem com a imaginação e o ato criativo, que por sua vez, criam em comum momento de descoberta dos alunos na sala. Este primeiro momento de obtenção de conjuntos de material como palavras, frase, desenhos, fotos, não serviu apenas para criar o momento de descoberta, mas serviu também como processo de interação entre os alunos.

Oficina 3: **Nossa fraqueza de onde vem**

No momento inicial desta oficina, foram feitas aos alunos alguns questionamentos, a saber: Qual o maior valor que o homem pode ter? Obtivemos várias respostas de opiniões diferentes como: amor, dinheiro, Deus, família, dentre outros. Depois, foi pedido que eles anotassem em um papel cinco valores seguindo a ordem de importância. Depois houve a discussão sobre esta atividade.

Em seguida, foi apresentado a eles o conto de Clarisse Lispector: “Felicidade Clandestina”, que, logo depois, foi lido e analisado levando em consideração os valores e as fraquezas da heroína e da vilã da história.

No segundo momento, tivemos um olhar voltado para a comunidade. Pudemos fazer um levantamento de atos heroicos de pessoas da comunidade que eles tiveram conhecimento. Oportunizamos aqui um primeiro momento com a história do lugar, nas lembranças dos atos heroicos que se ampliou a momentos, épocas e pessoas. Havia palavras cheias de sentidos explícitos, que no dizer de Brandão: (1981, p.3) “é bom que elas estejam carregadas de carga afetiva e de memória crítica”. Depois tivemos a discussão sobre fraquezas e derrotas e por último foram distribuídos alguns *gibis* para a leitura despretensiosa.

Oficina 4: **O herói que mora em mim**

Conforme descrito nos procedimentos, esta oficina deu início com um momento de meditação. Foi pedido aos alunos que eles circulassem na sala de olhos fechados pensando como seria se eles fossem super-heróis. E que pensassem nas respostas das seguintes perguntas: que poder eles queriam ter? Com que intenções eles queriam ter esses poderes? Que eles pensassem sobre uma batalha fictícia em que eles fossem o herói. E que pensassem sobre os problemas reais da comunidade e do país e de que forma eles resolveriam.

Segundo momento, foi pedido que eles escrevessem sobre eles. Respondendo as seguintes perguntas: que tipo de pessoa eu sou? Eu pratico com mais frequência o bem ou o mal no meu dia a dia. Eu costumo ajudar as pessoas? Eu costumo prejudicar as

pessoas? De que forma eu faço isso? Sou mais herói ou vilão na minha escola? Depois foi pedido para eles citarem três atos de heroísmo e três atos não heroico que eles já realizaram.

Depois, em círculo foram compartilhadas as ideias. E por fim, foi pedido que eles criassem um super-herói, com nome, poderes, amigos, inimigos e que escrevessem um episódio sobre ele e apresentassem para turma. Depois transformassem em história em quadrinho.

Oficina 5: Heróis que não venceram

O propósito inicial era fazer a leitura completa do livro, “Dom Quixote” de Miguel de Cervantes, todavia, não foi possível, pois não encontramos mais os livros que se dispunha no pequeno acervo da escola. Em todo caso, trabalhamos alguns trechos da obra. Por que trabalhar com Dom Quixote? Por que além de em 2002 ter sido escolhido a melhor obra de ficção, traz um enredo que agrada a todos e, principalmente, por ele ter sido o primeiro anti-herói da literatura. A obra marca a passagem do perfil dos personagens.

Outrossim, presume-se que todos já ouviram falar, ou lembram da imagem, de um quadrinho, ou de um desenho animado. Em algum momento da vida, eles já “viram Dom Quixote”. Foram propostas duas atividades: uma delas, era que os alunos dessem continuidade a um dos textos entregue, ou eles criassem outra história tendo como herói um ser atrapalhado e que o final fosse humorado. No segundo plano, discutimos sobre derrotas. E pudemos contar sobre nossas derrotas na vida diária, no trabalho e na vida em geral.

Oficina 6: Heróis reais

Essa oficina marca de vez a mudança do herói: sai a ficção e entra os heróis reais. O primeiro momento se deu com a apresentação de um texto não-verbal com sequência de fotos. O texto retrata uma criança salvando de uma grande enchente um filhote de um veado em Noakhali, Bangladesh. Aproveitamos a oportunidade para lembrar sobre

textualidade, pois se trata de uma sequência de imagens, e os alunos ainda têm a ideia de que texto é apenas o verbal. Em seguida, fizemos a leitura minuciosa do texto, interpretando-o e compreendendo-o. Propomos para terminar esta oficina, a reescrita do texto, utilizando a linguagem verbal.

No segundo momento dessa sexta oficina, tivemos uma palestra do Bombeiro Francisco Jailson com toda comunidade escolar, inclusive os pais. Na oportunidade, ele contou sua experiência de vida e o trabalho de salvar vidas como bombeiro e enfermeiro. Ele já foi aluno da escola, quando criança foi arrastado por uma enchente por alguns quilômetros e saindo ileso por ter conseguido se segurar em dois troncos de bananeiras, sendo estes um dos motivos dele ser chamado para conversar com a comunidade escolar.

O terceiro momento, foi uma conversa com a comunidade escolar sobre os heróis de Areias. Na ocasião, foram lembrados alguns nomes de pessoas, que de certa forma, estão na memória do povo pelas ações realizadas na comunidade.

Oficina 7: Os heróis populares

Aqui, objetivamos conhecer de perto cada colaborador, aqui reconhecidos como heróis, que enredou as crônicas dos alunos. Para isso, criamos círculos de conversas na comunidade e visitas com os alunos nas casas de cada herói para que eles nos falassem sobre suas vidas e vivências em comunidade. Para os personagens falecidos, nós conversamos com familiares e pessoas da comunidade que conheciam suas trajetórias de vidas.

Depois, os alunos produziram a biografia de cada um deles e, por último, construíram um painel com algumas informações de forma subjetiva.

Nessa oficina, foi dada a oportunidade de os alunos colecionar os temas através das entrevistas, dos círculos feitos na comunidade e dados sobre o lugar. De acordo com Brandão (1981, p. 22), “temas geradores foram pensados por Paulo Freire para serem usadas na fase pós alfabetização”. Os alunos já são alfabetizados, por isso, a didática usada nesse trabalho foi readaptada a realidade do aluno. As palavras geradoras surgiram nas primeiras oficinas em que os alunos puderam conceituar os heróis, usando

palavras como força, coragem, luta, solidariedade e etc. O tema geral são os heróis, mas o tema de forma mais específica surgiu nessa oficina, porque foi feita através das ações realizadas na oficina a descoberta temática como núcleo gerador das crônicas que os alunos escreveram.

Tivemos o cuidado para que as entrevistas não fossem feitas de forma padronizadas, e sim que fossem de forma espontânea, pois, no que afere Brandão (1981, p.13.)

A todo o momento é preciso fugir da imagem da pesquisa tradicional, que se alimenta justamente da oposição pesquisador/pesquisado. O que se “descobre” com o levantamento não são homens-objeto, nem é uma “realidade neutra”. São os pensamentos- linguagens das pessoas. São falas que, a seu modo, desvelam o mundo e contêm, para a pesquisa, os temas geradores falados através das palavras geradoras.

“Eu só vou parar de Benzer, quando o galho cair da minha mão”. Frase dita por um dos heróis entrevistado. O levantamento de frases de grandes efeitos de sentido é muito importante no momento das entrevistas porque nos dá a pista do mundo imediato, revela pensamentos e ações configurados através da fala. É nesta etapa que os educandos passam a aprender de forma coletiva e solidária sob duas óticas de leitura: da realidade dos heróis e das palavras que os revelam.

Oficina 8: A crônica nossa de cada dia

Nesse momento, foi apresentado o gênero crônica aos alunos. Foi exposto o gênero, o conceito e suas características. Depois foram ouvidas músicas com características de crônicas. Em outro momento for feito leituras e análises de crônicas de tons diversos: lírica, irônica, poética e de humor, levando sempre em consideração as características e a subjetividade inerente â crônica. Para enfocar de formar melhor a linguagem, foram trabalhadas algumas figuras de linguagem.

Oficina 9: Defendendo o ponto de vista e a comunidade

Na nona oficina, discutimos sobre a argumentação. No primeiro plano, tivemos explanação geral sobre argumentação, levando em consideração a tese a ser defendida e os argumentos usados para defendê-las. Em seguida, foram lidos um artigo de opinião e uma propaganda. Houve depois uma discussão breve dos textos.

Um outro momento, foram apresentadas uma charge e uma crônica afim de que os alunos pudessem perceber que a argumentação estava presente, mesmo em textos que não sejam classificados, didaticamente, como argumentativos.

Para finalizar, os alunos escreveram um pequeno texto em que eles puderam expor seu ponto vista, respondendo o porquê de eles considerarem herói a personalidade de Areias escolhida por eles para a escrita de suas crônicas.

Oficina 10: O poder é de vocês

O clímax da intervenção aconteceu no momento dessa última oficina. Momento no qual os alunos tiveram de organizar e selecionar todas as informações das oficinas anteriores para a escrita dos textos. Primeiro, os alunos escreveram um esboço, depois, organizaram melhor o texto acrescentando as informações sobre os heróis escolhidos e retirando outras que julgamos desnecessárias. O último momento aconteceu com reescrita final, que apesar da resistência que os alunos tiveram para reescrever, terminamos com êxito. Dos 09 alunos que compõe a turma, apenas um não fez a atividade proposta.

5.4 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Para se chegar a escrita das crônicas, foram trabalhadas dez oficinas que contribuíram que ajudou a composição do texto final. Cada oficina acompanhou o ritmo dos alunos. As crônicas produzidas contam, de forma geral, um pouco da história dos heróis locais da comunidade de Areias e seus feitos. Para sustentar esse protótipo como construção social, temos as teses, os valores e as hierarquias nas crônicas produzidas pelos alunos sobre os heróis de Areias.

A escolha do gênero crônica está ligada à simplicidade e por ser um gênero mais flexível. Pudemos assim, resgatar as histórias dos heróis através das rodas de conversas que tivemos com os moradores da comunidade e com os próprios homens e mulheres que tiveram suas histórias contadas. A partir disso, obtivemos o plano de conteúdo para a escrita dos textos. E ligado a isso, obtivemos os planos de expressão da linguagem obtidas nas oficinas relacionados aos super-heróis.

Desde as primeiras oficinas que trabalhamos com as palavras geradoras escolhidas pelos alunos, como honra, coragem, luta, força até as oficinas que os alunos puderam escrever sobre seus super-heróis prediletos e escrever a biografia dos heróis locais. Sem que os alunos percebessem, eles já estavam com suas crônicas em produção. Para concluir, juntamos as informações obtidas nas oficinas e transferiu-se os termos usados para descrever os super-heróis e usá-los, metaforicamente, nos textos sobre os heróis reais. Por que isso? Porque é comum que os alunos façam apenas relatos de forma objetiva. Mesmo trabalhando as figuras de linguagens em uma das oficinas, isso não seria o suficiente para que os alunos aprendessem a usá-las nos textos.

Como o número de alunos é reduzido, as turmas funcionam de forma multisseriadas. As oficinas começaram no ano de 2017, quando os alunos estudavam o 7º e 8º ano e teve fim no mês de maio de 2018 com os alunos cursando o 8º e o 9º ano. Foram apenas nove alunos envolvidos, dos quais oito realizaram as atividades ativamente. Portanto, nosso *corpus* é composto por 08 crônicas. 05 textos dos alunos do oitavo ano e 03 textos dos alunos do nono ano.

6 ANÁLISES DA ARGUMENTAÇÃO NAS CRÔNICAS

Neste capítulo, nos propusemos identificar e interpretar os processos argumentativos presentes nas crônicas dos alunos do 8º e 9º ano, tendo como embasamento a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca. Para a retórica antiga, a arte de falar em público era essencial no discurso persuasivo perante a multidão, cujo objetivo era obter a adesão às teses que lhes eram apresentados, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), não se tem razão para se limitar o estudo da retórica apenas ao discurso oral dirigido apenas a um auditório em praça pública. Segundo os autores, seus estudos preocupam-se, sobretudo, com a estrutura da argumentação, conquanto o discurso público se difere da argumentação escrita. O pensamento perelmaniano se pauta em analisar a argumentação, não somente da técnica do discurso oral, mas sobretudo, nos textos escritos.

A partir dessas ideias dos autores que se pode identificar categorias argumentativas em gêneros diversos, por isso, nos propomos a analisar os processos argumentativos em crônicas.

6.1 A CRÔNICA E SEU AUDITÓRIO

O que se conserva da retórica tradicional, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), é a ideia do auditório que, imediatamente, evocada se pensa no discurso.

Segundo os autores do TA, todo discurso se dirige a um auditório, sendo muito frequente esquecer que se dá o mesmo no discurso escrito. Quando o discurso é oral, se pensa mais rapidamente no que o auditório vai entender e no que vai pensar, tendo em vista o contato direto com o auditório. Na produção do texto escrito, conforme diz Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 7) “a ausência de material de leitores pode levar o escritor a crer que está sozinho no mundo”. Todavia, seu texto seja de forma consciente ou não está condicionado a um determinado auditório.

A crônica, conforme já foi discutido, é um gênero leve de linguagem simples e acessível a todo público, o qual, narra/descreve, principalmente o cotidiano imperceptível

para muitos. Vale salientar, que a literatura dá vida longa a crônica, mesmo que retrate fragrante diário, a poesia presente nela, a torna sempre atual. A crônica cria um clima familiar entre o orador e auditório. Isso, talvez seja, proposital para que o texto possa ser lido por mais gente e que ninguém precise consultar um dicionário para entendê-lo. Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 7), “o orador é obrigado a adaptar-se a seu auditório, o discurso mais eficaz sobre um auditório incompetente não é necessariamente o que comporta a convicção do filósofo”.

A crônica se propagou no Brasil no século XIX, assim como o romance e tinham, assim, os jovens e as mulheres das cidades, com alguns recursos e instrução, que compunham basicamente o auditório, onde encontravam, em forma de narrativa, uma projeção de suas próprias emoções, expectativas. De acordo com Jorge de Sá (1987), geralmente as crônicas apresentam linguagem simples e espontânea e são dirigidas a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada. Ele ainda atenta para fato de que o cronista escreve em primeira pessoa, na maioria das vezes, motivo pelo o qual, faz o leitor se aproximar do escritor e se envolver com a história.

O fato de a linguagem simples da crônica ser acessível a todos, não faz dela um gênero menor. Consoante Abreu (2003, p. 5) é “por meio da leitura, podemos, pois, realizar o saudável exercício de conhecer as pessoas e as coisas, sem limites no espaço e no tempo”. Embora o autor não tenha feito referência diretamente à crônica, ele afirma que não precisamos ler algo complexo para aprender. Sem muito esforço, a crônica nos dá este prazer.

As crônicas produzidas em sala de aula pelos alunos, deram a oportunidade de contar em poucas linhas a história e os feitos dessas pessoas que tiveram suas vidas atreladas à história da comunidade de Areias. O aluno/orador dirige suas crônicas, principalmente, para os sujeitos da comunidade de Areias e, conseqüentemente, para toda escola.

Após elucidar para que tipo de auditório, a crônica geralmente é dirigida, e mais precisamente as crônicas *corpus* deste trabalho, passaremos a analisá-las. Nossas análises procedem da seguinte forma: as teses defendidas pelos alunos, a vinculação de valores concretos e abstratos, a hierarquização de valores e os lugares do preferível.

6.2 TESES DEFENDIDAS NAS CRÔNICAS

A fim de atingir o objetivo proposto na introdução deste trabalho, identificamos e interpretamos as teses, os valores, as hierarquias de valores e os lugares do preferível presente nas crônicas que ajudaram a construir o perfil dos heróis locais da zona rural de Areias.

Em suma, estes heróis são construídos nas crônicas através das teses e dos valores hierarquizados que estão presentes nos discursos escritos pelos alunos/oradores do ensino fundamental. Os textos são resultados das 10 oficinas, que envolveram, acima de tudo, a comunidade, tendo como principal fonte de pesquisa as rodas de conversas e diálogos seja com os heróis que estão vivos, seja com moradores que conhecem a história de vida das pessoas tema das crônicas.

As análises não se limitam apenas no que pudemos identificar, visto que, os textos podem trazer muito mais das categorias elencadas por nós como produto de análise.

Apresentemos as teses extraídas das crônicas produzidas pelos alunos. Didaticamente, a tese é a parte mais importante de um texto argumentativo. A finalidade dela é atribuir um ponto de vista sobre um determinado assunto. No que afere Ide (2000), devemos responder a seguinte pergunta: o que diz o texto? Todo texto diz alguma coisa, logo todo texto tem uma tese.

Apresentemos o quadro a seguir onde foi exposto os títulos das crônicas e as principais teses defendidas pelos alunos-oradores. Os textos serão identificados conforme a enumeração de um a oito seguindo sempre nesta sequência em todos os quadros que surgirão no decorrer das análises.

Quadro 2: Teses defendidas pelos alunos-oradores

Texto	Título	Tese
01	Maria, uma heroína de fé	Ela é heroína porque ela tem o poder de curar através da reza
02	Um herói centenário	Meu herói representa toda forma de vida; foi médico sem nunca ter cursado medicina.
03	Flores que nascem na beira da estrada	Ela é heroína devido a força, a coragem e a solidariedade.
04	A padroeira de Areias	Ela tem os mais belos poderes: o da caridade e da compaixão.
05	Um parto de solidariedade	Minha heroína tinha o dom muito especial, ela tinha um dom de trazer vidas ao mundo com seu ofício de parteira.
06	Heroína que não se encontra nos <i>gibis</i>	Ela é heroína porque cada ruga representa a marca de uma história de sofrimento e de amor infinito. Pois mesmo diante das dificuldades, sempre desenvolveu sua missão de mãe, amiga e Benzedeira.
07	O menino peixe	O pequeno herói tornou-se gigante e venceu a força d'água.
08	Caititu, o verdadeiro Super-Homem	Caititu é o verdadeiro super-homem

Fonte: Carlos Alves Vieira. Pau dos Ferros, 2019.

Os títulos nos aferem, de forma geral, de que se tratam os textos. A titulação já nos adianta que os textos tratam de pessoas que tiveram suas vidas em prol de alguma causa coletiva. Por isso, as metáforas, que na Nova Retórica é vista como uma figura de retórica, e tem a intenção estilística de facilitar a aceitação dos argumentos, são utilizadas nos títulos com o papel persuasivo de convencer o auditório de que estas pessoas são

heróis. Interessante notar também, que por se tratar de um texto literário as figuras de retórica são utilizadas como um recurso estilístico por quem escreve, ou por quem fala, para melhorar a expressividade de um texto. As figuras de presença não foram empregadas somente nos títulos, mas em todo o texto, como um meio mais eloquente de envolver os leitores e para poder, livremente, sem prejuízo semântico, de comparar os heróis reais com os super-heróis como forma de argumentos utilizando neste sentido o lugar do existente.

Identificamos as teses de acordo com Ide (2000), que as considera como proposição ou uma frase. De forma geral, percebemos que todos os textos apresentam a tese de que homens e mulheres reverenciados nas crônicas são heróis e heroínas. Todas as teses estão ancoradas em valores concretos e abstratos e nos lugares da argumentação que as descrevem: o lugar da quantidade, qualidade, essência, de pessoa, de ordem e do existente.

Como se trata de crônica, nem sempre a tese se apresenta de forma explícita, nem no parágrafo inicial. Em todos os textos, a tese se justifica pelos valores que descrevem os heróis. Como força, coragem, fé, inteligência, astúcia e entre outros. É nesses valores que reside o “heroísmo” e fortalece a estabilidade da figura heroica.

As teses nos textos trazem marcas culturais e históricas da comunidade de Areias. As teses são afirmativas de que todos são heróis. Subjacente as afirmações, vêm as justificativas atreladas aos valores que reforçam a identificação cultural que permeia a comunidade de Areias.

Fica claro nas teses 01 e 06 que a Benzeção é uma marca cultural forte da comunidade que perdura o tempo, em outros textos também apresentam esta tradição cultural, mas isso não fica explícitos nas teses. O fragmento da tese 01: “[...] *ela tem o poder de curar através da reza*”, afirma que a heroína em questão tem credibilidade pelo que faz, todavia, o aluno-orador, coloca a “reza” como o valor que cura e que Maria é uma intermediária neste processo da cura entre Deus e a pessoa que está sendo benzida.

O aluno traz intuitivamente no texto o conhecimento de que as mulheres benzedoras realizam uma ação social por meio da linguagem, ou seja, elas curam por meio da oração. Além da oração, elas utilizam outros recursos paralinguísticos: o tom da

voz, o ritmo da fala, o volume de voz e os elementos cinésico para completar a benzeção. Na tese 06, o fragmento: “*Pois mesmo diante das dificuldades, sempre desenvolveu sua missão de mãe, amiga e Benzedeira*”, defende a figura da heroína como um ser que não desiste da luta mesmo diante das dificuldades e consegue cumprir sua tripla função de mãe, amiga e benzedeira.

Outrossim com relação a essas duas teses é que ambas começam afirmando que elas são heroínas: “*Elas são heroínas [...]*” em seguida vem a defesa com os valores de curar através da reza, de ser mãe, amiga e benzedeira, respectivamente, como justificativas do porquê de elas serem heroínas.

Os títulos dos textos 03 e 05 já faz um prenúncio de outro traço cultural: a ação de partejar. A tese 05 apresenta explicitamente esse valor concreto (cultural): “[...] *ela tinha o dom de trazer vida ao mundo com seu ofício de parteira.*” Aqui, o aluno orador constrói sua tese persuadindo o auditório de que a pessoa de quem o texto fala é heroína porque ela consegue realizar partos. Os elementos de persuasão estão presentes, principalmente, no valor concreto de “partejar”, que para o orador é um dom especial, e se é especial, não é um dom comum, sendo ela heroína por conseguir realizar esse ofício. A tese 03 apenas mostra os valores abstratos, “força”, “coragem” e “solidariedade” para justificar a ação corajosa de ser parteira em meio as dificuldades existentes para se fazer um parto em um lugar sem nenhuma condição para praticar o ofício.

As teses aferidas acima, fazem um paralelo histórico e social com a vida e ação dessas mulheres, que atendiam, geralmente, comunidades rurais pela falta de assistência médica e falhas no sistema de saúde. As teses defendem que essas mulheres são heroínas, tendo em vista que ofício de partejar não é para qualquer sujeito. Como frisou a tese, requer coragem e esforço físico. Muitas vezes os trabalhos eram feitos à noite, sem iluminação necessária e sem material adequado. Essas mulheres viviam inseguras e com medo, mas eram elas, as únicas capazes de salvar vidas através do trabalho de parteiras.

Os valores sustentam as teses inerentes aos homens e mulheres da comunidade de Areias, que por consequência, representam a comunidade e sua tradição a fim de conseguir a adesão dos espíritos. Para intensificar essa ideia, a tese 02 traz mais um herói. O aluno/orador defende a ideia de que o herói representa toda forma de vida. O

título ajuda a entender a tese. Como o título o apresenta como um herói centenário, é possível que nestes cem anos, ele pôde ajudar as pessoas da comunidade de várias formas. O aluno/orador, com relação a tese defendida, dá ênfase no ofício de médico popular, que ele praticava ajudando a comunidade em determinado período pela falta de assistência médica especializada. O fato dele ser médico sem nunca ter feito medicina, o coloca no mesmo patamar dos outros heróis defendidos nas crônicas. De ser ele uma representatividade popular que carrega na sua história as marcas culturais da comunidade.

A tese *“Meu pequeno herói tornou-se gigante e venceu a força das águas”*, do texto 07, mostra a luta de uma criança que consegue sobreviver a uma enchente. Não é um fato comum, e por isso, o aluno/orador destacou o fato. Diferente dos outros textos, a tese não traz traços culturais, mas traz fatos históricos que marcou o lugar.

Neste caso, a tese aferida já mostra outro cenário na comunidade de Areias. Enquanto todas as outras teses remetem para um cenário seco, sem chuva, de miséria, e que por isso, abriu espaço para surgir os ofícios de médico popular, benzedeiros e parteiras, a tese 07 mostra um herói que surgiu das águas e, por ser ainda muito criança em meio a uma grande enchente, reforça a defesa, de ser o garoto, um herói. Ou seja, ele é herói porque, apesar de ser criança venceu a força das águas. Vejamos que aqui tem um recurso de presença seguido da justificativa. A tese é ancorada por dos valores antagônicos: “ser criança” e a “força das águas”.

Para o propósito de convencer o auditório, na tese principal do texto 08. *“Caititu é o verdadeiro super-homem”*, o recurso de presença é utilizado para colocar Caititu como maior e melhor que super-homem. O advérbio “verdadeiro” comprova essa superposição indicativa de que Caititu é herói porque é real. A tese não indica nenhuma façanha realizada por caititu, porém afirma que Caititu é um grande homem. Essa proposição é o suficiente para que deduzamos que ele realizou grandes feitos. Implicitamente, a tese defende o ponto de vista de que Caititu é herói porque realiza ações que só um super-homem pode realizar.

A seguir é apresentado um quadro que sintetiza os valores presente nas teses. Nele identificamos e interpretamos os valores mobilizados.

Quadro 3 - Teses e valores mobilizados nas teses

N	Teses defendidas	Valores mobilizados
01	Ela é heroína porque ela tem o poder de curar através da reza	Curar através da reza
02	Meu herói representa toda forma de vida e foi médico sem nunca ter cursado medicina.	Ter aprendido a medicina popular
03	Ela é heroína devido a força, a coragem e a solidariedade.	Força, coragem, solidariedade
04	Ela tem os mais belos poderes: o da caridade e da compaixão.	Caridade, compaixão
05	Minha heroína tinha o dom muito especial, ela tinha um dom de trazer vidas ao mundo com seu ofício de parteira.	Coragem, ofício de parteira,
06	Ela é heroína porque cada ruga representa a marca de uma história de sofrimento e de amor infinito. Pois mesmo diante das dificuldades, sempre desenvolveu sua missão de mãe, amiga e Benzedeira.	Mãe, amiga, benzedeira
07	O pequeno herói tornou-se gigante e venceu a força da água.	Esperteza, astúcia, ser criança, força das águas
08	Caititu é o verdadeiro super-homem	Força, coragem

Fonte: Carlos Alves Vieira. Pau dos Ferros, 2019.

Para defender as teses, os oradores utilizaram no início das proposições (teses) os referentes. Nas teses 01, 03, 04, 06, o pronome “ela”, indica a pessoa do discurso escolhida pelos alunos ao produzirem os textos mostrando um certo distanciamento do orador com o personagem central de sua crônica, sem, contudo, perder admiração ao afirmarem que estas mulheres, haja vista que o pronome “ela” indica que se trata de heroínas, são guerreiras e que possuem um dom especial que as diferenciam das demais mulheres da comunidade de Areias.

Os usos dos possessivos “meu e minha” nas teses 02 e 05 acima aferidas demonstram uma aproximação maior entre autor e o texto. Traz uma tese carregada de afetividade e admiração, além do que, deixa forte a intenção pessoal da escolha em trazer

a história da pessoa escolhida para produção da crônica. O texto 08 consta na tese principal o nome do herói. Revela já no título, que também é uma tese e de quem se trata. Essa tese põe em evidência que Caititu é um herói verdadeiro, pois ele é real.

Há de se notar que logo após o referente, quase todas as teses se justificam por meio de valores concretos e abstratos. As teses 01, 02, 05 e 06 são ancoradas, principalmente, nos valores concretos: reza, partejar e curar através da medicina alternativa, respectivamente. As teses 03 e 04, 07, 08 contêm os valores mobilizados abstratos (força, coragem, solidariedade, caridade, compaixão., astúcia, esperteza, força e coragem).

É possível compreender que tanto os valores concretos como os abstratos estão vinculados a outros valores que aparecem no decorrer das crônicas para defender a figura do herói presente nas pessoas. Trataremos sobre isso no tópico a seguir.

6.3 VINCULAÇÃO DE VALORES NA FORMAÇÃO DO HERÓI

A composição dos heróis nas crônicas se deu basicamente sobre os valores e suas hierarquias e os lugares da argumentação.

Nos interessa, neste tópico, identificar e interpretar valores concretos e abstratos e mostrar de que forma a vinculação entre eles contribuíram para formar a imagem do herói nas pessoas de Areias temas das crônicas.

Para analisar de modo mais enfático os valores, apresentamos um quadro, que separa os valores concretos e os valores abstratos, conforme julgamos o grau de importância dentro da escala hierárquica de valores dentro das crônicas. Após os quadros nos deteremos as análises mais minuciosas de cada texto.

Quadro 4 – Valores mobilizados nas crônicas

N°	Títulos	Valores concretos	Valores abstratos
01	Maria, uma heroína de fé	Benzeção, serviço de casa	Fé, solidariedade, coragem, resistência
02	Um herói centenário	Capela, escola, evangelizador	Solidariedade, partilha, consistência, inteligência
03	Flores que nascem na beira da estrada	Parteira, Areias, reza	Coragem, solidariedade, força, modéstia, despreensão, sabedoria, tristeza, alegria, medo
04	A padroeira de Areias	Religião, Padroeira, benzeção, Areias,	Fé, Caridade, compaixão, guerreira
05	Um parto de solidariedade	Parteira, Areias	Amor, solidariedade, força, gratidão
06	Heroína que não se encontra nos <i>gibis</i>	Benzedeira, mãe, amiga	Fé, coragem, amor infinito, esperança
07	O menino peixe	Ser criança, forte Chuva, Areias, bombeiro, enfermeiro	Inteligência, rapidez, astúcia, superação
08	Caititu, o verdadeiro super-homem	Associação comunitária, presidente da associação, jogador de futebol	Fé, solidariedade, coragem, resistência, força

Fonte: Carlos Alves Vieira. Pau dos Ferros, 2019

Com base no quadro, identificamos que os valores concretos dividem o espaço com os valores abstratos, praticamente, à mesma proporção. Isso reforça o fato de que há uma ligação direta entres os dois tipos de valores. Não se pode dizer que um valor é mais importante que outro, mas a junção de todos eles inteira a persuasão do auditório ao consentimento da formação dos heróis, conforme defende as teses dos alunos-oradores.

De um lado do quadro, temos os valores abstratos de cunho pessoal, característica própria do herói, que formam sua personalidade. Entretanto, esses valores, apesar de serem de cunho pessoal, eles têm um caráter de forte cunho coletivo. Tendo em vista sua ligação direta com suas profissões/ofícios e ações voltadas para o bem comum.

Do outro lado, temos os valores concretos. Estes valores advêm dos valores abstratos. A ação de benzer, de ajudar a construir escolas, capela, ser presidente da

Associação Comunitária e etc., acontecem porque são ações que estão diretamente ligadas aos sentimentos de solidariedade, fé coragem e etc.

No texto 01, os valores mobilizados aparecem em consonância como nos exemplos a seguir. Nos fragmentos: *“Ela é heroína porque ela tem o poder curar através da reza. Mas ela disse que quem salva é a fé e ela tem fé como Abraão teve.”* E *“[...] mas usa a força da fé, da solidariedade e da coragem para ajudar.”* Temos nesses fragmentos o valor concreto “benzer”, que acontece porque está ligado ao valor abstrato fé, coragem e solidariedade.

No texto 02 temos nos excertos: *“Foi médico sem nunca ter curado”. Ele aprendeu a medicina alternativa através de um livro que comprou. “Ele apresentava a bíblia para as crianças, lia sempre contatando as passagens bíblicas.” Distribuía sementes para o plantio no inverno para os mais carentes.” “[...] foi um dos protagonistas na construção da capela e ao lado do seu irmão lutou pela edificação da “Escola José Patrício de Andrade.”*

As sucessivas ações efetivadas por Zé Feliz mobilizam vários valores concretos como: aprender a medicina alternativa de forma autodidata, distribuir sementes e remédios para os que precisam e ajudar na construção da capela e da escola, estão associados aos valores abstratos da solidariedade, coragem e sabedoria presente no perfil de Zé Feliz. Logo ele só efetiva essas ações porque ele é corajoso, solidário e sábio.

Percebe-se que todos os valores, principalmente os concretos, estão ligados a história da comunidade. A religião e a educação são duas instituições importantes e estão presentes em qualquer sociedade. Os valores presentes na crônica trouxeram à tona estes dois marcos, que são os principais pontos históricos da comunidade: a religião presente na construção da capela e a educação presente na construção da escola. Por ser Areias uma comunidade bem pequena, pouco desenvolvida, essas duas instituições ainda as mais importantes para a comunidade.

Se por um lado os valores abstratos estão enraizados no ser de cada herói para as práticas de boas ações, do outro lado temos os valores concretos como prova de que esses heróis agiam. De modo a esclarecer com mais detalhes, prosseguiremos com os exemplos. Retirado do texto 03, o excerto seguinte mostra como a heroína que é parteira, começou a praticar o ofício e como os valores concretos e abstrato estão vinculados.

Excerto 01 - Transcrito do texto 03

Matilde é a heroína de minha história real. Recebeu o poder de ser parteira por acaso. Ela conta que foi porque não tinha ninguém pra fazer um parto de uma senhora e ela fez e deu certo. Tinha a falta de prática e de material limpo como os inimigos, mas ele venceu e já trouxe para o mundo algumas flores.

No excerto exposto, o aluno começa nomeando mulher de heroína da história real e que começou a fazer o trabalho de parteira por um acaso, tendo em vista que não tinha outras pessoas para realizar. O valor concreto de partejar está ligado ao valor abstrato da coragem de fazer o parto. As mulheres que praticavam ou que ainda praticam esse trabalho carregam valores ambivalentes, como medo e coragem, alegria e tristeza, sofrimento e prazer, e possuem acima de tudo sensibilidade e sabedoria. Entretanto, elas conhecem suas limitações e, que por isso, o maior medo está na possível perda do bebê ou a morte da mãe.

Extraído o texto 04, “A padroeira de Areias”, o exemplo abaixo, assim como o anterior, mostra o início da luta de heroína na sua vivência em comunidade e a vinculação de valores como dependente um do outro para formar o protótipo de heroína na personagem descrita na crônica produzida pelo aluno-orador.

Excerto 02 - Transcrito do texto 04

A minha heroína tem 70 anos, mas ainda menininha já andava de jumento ou a pé pedindo contribuição para as festas da padroeira de Areias, Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro. Aprendeu com o tempo a tirar novenas e a benzer em crianças. Ela tem os mais belos poderes: o da caridade e da compaixão. Ajuda todo mundo. Sua casa é aberta para todos. A casa da minha heroína não é secreta, nunca fecha, é sempre aberta para abraçar todas as pessoas.

Nesse excerto, à tradição religiosa da comunidade se faz presente nos mais variados costumes nas atividades exercitadas por Tota. Essas práticas revelam os valores concretos como: pedir contribuição em época em que se comemora a festa da padroeira, tirar novenas e benzer. Se Tota se disponibiliza fazer esses atos é porque ela é complacente e caridosa, logo os valores concretos estão ligados aos valores abstratos da caridade e compaixão.

A existência dos valores se repetem nos textos cujo os heróis têm a mesma função, possibilitando uma comunhão entre os valores concretos e abstratos pelo modo particular de agir de cada um deles. Nos enunciados concernentes a seguir do texto 05, temos mais uma parteira como heroína.

Excerto 03 - Transcrito do texto 05

Muitas mulheres tiveram a oportunidade de verem seus filhos nascerem graças as mãos desta grande heroína. Além de fazer os partos, ela também cuidava tanto da mãe quanto dos filhos, fazendo chá e dando banho nos bebês durante o resguardo.

Excerto 04 - Transcrito do texto 05

Se alguém me perguntasse se minha heroína foi rica, eu diria que sim; sim, ela foi rica! Mas não rica como você está pensando, caro leitor, ela foi rica de amor, solidariedade, força e fé.

Nos dois excertos acima tirados do texto 05, também, revelam a uma antiga tradição, além do parto feito em casa, a parteira também cuidava da mãe e do recém-nascido nas primeiras semanas, que aqui são tidos como valores concretos. O segundo excerto mobiliza os valores abstratos do amor, solidariedade, força e fé, pois são esses

valores que desencadeia os valores concretos. O texto ainda narra que ela não cobra pelo serviço, o que intensifica sua virtude de mulher nobre e solidária, um valor essencial na figura da parteira que pretende a adesão do auditório para convencer de que Mariquinha é uma grande heroína.

O excerto abaixo extraído do texto 06, assim como nos exemplos anteriores, os valores abstratos são utilizados para fundar os valores concretos para mostrar a conduto virtuosa da heroína Liá.

Excerto 05 - Transcrito do texto 06

E com a reza, ela ajuda as crianças a vencer os inimigos que são as doenças como quebrante.

Liá é a verdadeira heroína, assim como as das histórias em quadrinhos. Mas ela não usa a força física. Tem seus superpoderes: a fé inabalável é o seu escudo, a coragem a sua espada.

Nessa concepção de considerar que os valores abstratos desenvolvem os concretos, podemos dizer que o valor “reza” acontece porque Lia tem fé e coragem. A fé é o valor dominante, tendo em vista que ninguém vai rezar se não tiver fé. Em todo caso, neste meio cultural das benzedeadas, a vida do espírito apoiar-se tanto nos valores concreto como abstrato.

Em outras épocas, sob acusação de heresia a igreja católica negava os valores aferidas pelas benzedeadas. Elas eram protótipo de aceitação ou negação, ora vista como vilã por um determinado auditório, ora vista como heroínas. A noção de fé estava ligada para estas mulheres como bruxaria. No entanto, o auditório que se prendia a adesão das orações destas mulheres, eram pessoas que as tinham como única alternativa para curar seus males. De todo modo, atualmente, apesar dos vários grupos de auditórios que olham com desconfiança para os valores destas mulheres: médicos, religiosos e pessoas que não acreditam na força da cura desta prática, também não os menosprezam completamente. As benzedeadas são mulheres advinda das camadas populares que pregam a fé como motivo da cura. No Brasil, elas e mais outros a gentes de cura

circulavam livremente na colônia nos primeiros séculos, todavia, com a instalação da guerra santa, muitas foram presas. Contudo, esta prática milenar transcendeu o tempo e hoje é bastante cultivada, principalmente, no sertão nordestino. De acordo com os diálogos que tivemos, elas deixaram claro que os próprios médicos solicitam para seus pacientes procurá-las.

O excerto que foi retirado do texto 07, configura um fato passado e um presente, e que pode ter sido determinante nas escolhas pessoais do herói. Além do que, mostra associação de valores, sem que eles estejam diretamente ligados um ao outro, entretanto, os fatos ocorridos, não os dissociam.

Excerto 06 - Transcrito do texto 07

Quando passou a tempestade, chega a notícia que o pequeno herói, tornou-se um gigante e venceu a força d'água. Com inteligência e rapidez, o pequeno herói com o poder da astúcia se segurou em dois troncos de bananeiras e saiu flutuando no imenso riacho que se formou voando na água por quilômetros de distância, até que conseguiu se segurar num morão que ficava em cima de outro balde de açude situado no sítio cafundó. O pequeno herói cresceu, e olha que bacana, virou um super-homem. Hoje salva vidas como bombeiro e enfermeiro.

Nessa consonância entre valores concretos e abstratos, aparece nesse excerto o valor negativo: “ a forte chuva”. Como o ocorrido aconteceu no sertão nordestino, região seca e ávida por chuva, este valor, geralmente é um valor positivo, todavia, devido a destruição que causou na comunidade de Areias, chegando até mesmo a arrastar uma criança, este valor torna-se negativo. Os valores inerentes, especificamente, ao garoto: astúcia rapidez e a inteligência fez com que o garoto se salvasse da enchente. Esses valores abstratos não estão vinculados diretamente ao valor concreto da chuva. É difícil aqui, perceber a estreita ligação entre eles. Eles estão ligados pelo fato em si, e de certo modo um completa o outro. A astúcia foi revelada quando o menino se viu na necessidade de usá-la.

O fato também, pode até ter influenciado nas profissões escolhidas: bombeiro e enfermeiro, pois as duas têm o objetivo de salvar vidas. O que, para assumir essas profissões, ele precisa ser rápido, astuto e inteligente, que neste caso, os valores de ser bombeiro e enfermeiro estão vinculados aos valores abstrato da astúcia, inteligente e rapidez. A ordem coerente que vem apresentado no texto, mostra que, mesmo que o valor concreto da “forte chuva” e os abstratos “astúcia” e “rapidez” não estejam vinculados entre si, eles estão associados.

Os valores abstratos em todos os textos servem comodamente para exaltar a figura heroica existente nas pessoas de quem fala as crônicas. Os exemplos extraídos do texto 08, tem várias demonstrações neste sentido.

Excerto 07 - Transcrito do texto 08

Ele defendia a comunidade. Tinha o poder da solidariedade, da coragem e da honestidade. Foi presidente da associação comunitária nossa senhora do Perpétuo do Socorro, onde conseguiu muitos benefícios como várias máquinas para os agricultores.

O exposto acima mostra os valores concretos: ser presidente da associação e os abstratos: solidariedade, coragem e honestidade. O valor concreto de ser presidente da associação, acontece por que Caititu é honesto, solidário e corajoso considerando que é a comunidade quem escolhe o presidente. Sendo assim, presumisse que o escolheram por ele ter esses valores.

Outros valores presentes são o engajamento civil e a astúcia que ele tinha para ajudar a quem precisasse. Ele fez, que outros, embora tivessem vontade, não tinham coragem, conforme apresenta o excerto abaixo:

Excerto 08 - Transcrito do texto 08

Se alguém precisasse de alguma ajuda, nosso herói estava sempre de prontidão para socorrer. Como nosso herói não tinha dinheiro nenhum para ajudar os mais necessitados, ele usava de sua astúcia e tirava sempre um coelho da cartola, até sair com um saco nas costas batendo de porta em porta pedindo contribuição para socorrer a família que mais necessitava no momento.

Outros valores aparecem ao longo do texto utilizados pelo aluno para caracterizar Caititu, como: ser um bom orador, um bom jogador de futebol, além do ter um porte físico de atleta, o qual foi comparado com o *super-man*. Essa ascendência de valores positivos vai persuadindo o auditório de que Caititu é um homem cheio de virtudes e digno de ser chamado de herói.

De acordo como tudo que foi analisado, notamos que os valores concretos estão ligados ao ofício/profissão exercida pelos homens e mulheres e suas bem feitorias na comunidade. E os valores abstratos estão ligados aos sentimentos que os impulsionam a realizar os atos de heroísmo.

A utilização dos valores concreto e abstratos nos textos escritos pelos alunos-oradores, ainda não é suficiente para convencer o auditório de configurar heróis os homens e mulheres de areias. Por isso, estendemos nossas análises também a hierarquização desses valores e como se apresenta os lugares da argumentação de modo a intensificar a persuasão, haja vista que argumentação também se esteia nesses dois processos.

6.4 HIERARQUIAS DE VALORES NAS CRÔNICAS

Analisaremos aqui como as hierarquias de valores admitidas se apresentam nas crônicas para assegurar uma ordenação de tudo que rege à figura do herói apoiando-nos

em valores concretos e abstratos, sob praticamente dois aspectos: a superioridade dos heróis reais sobre os de ficção e das pessoas sob as coisas.

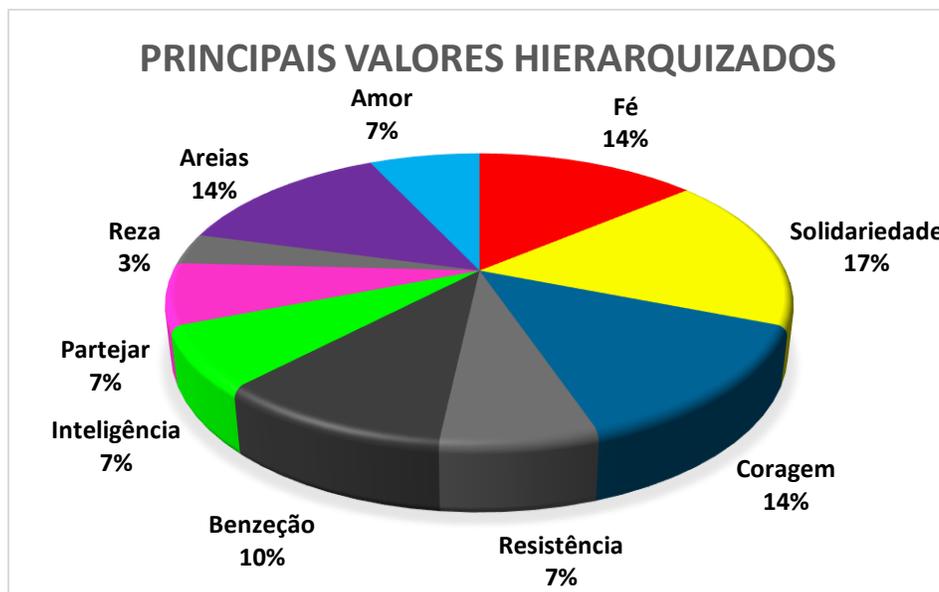
Para termos uma noção geral sobre as hierarquias de valores e os valores mais recorrente nos textos, um quadro demonstrativo das hierarquias de valores e um gráfico que demonstra o percentual dos valores existente em cada texto.

Quadro 5 – Valores hierarquizados nas crônicas

Nº	Títulos	Valores hierarquizados
01	Maria, uma heroína de fé	Fé, solidariedade, coragem, resistência, benzeção, serviços de casa
02	Um herói centenário	Solidariedade, partilha, consistência, inteligência, capela, escola, evangelizador,
03	Flores que nascem na beira da estrada	Coragem, solidariedade, força, partejar, reza, modéstia, despreensão, Areias
04	A padroeira de Areias	Fé, Caridade, compaixão, guerreira, padroeira benzeção, Areias
05	Um parto de solidariedade	Amor, solidariedade, força, partejar gratidão, Areias
06	Heroína que não se encontra nos <i>gibis</i>	Fé, coragem, amor infinito, esperança, benzeção, mãe, amiga
07	O menino peixe	ser criança, astúcia, inteligência, rapidez, chuva forte, bombeiro enfermeiro, Areias
08	Caititu, o verdadeiro super-homem	Fé, solidariedade, coragem, resistência, Associação comunitária, presidente da associação.

Fonte: Carlos Alves Vieira. Pau dos Ferros, 2019

O quadro apresenta a hierarquização de valores presente nas crônicas para extrair melhor os sentidos dos textos como fatores discursivos mais importante à construção dos heróis. Como forma visualizarmos melhor os valores nas crônicas escritas pelos alunos-oradores, apresentamos o gráfico que mostra o percentual dos valores mais recorrentes no texto.



Fonte: Carlos Alves Vieira. Pau dos Ferros, 2019

O gráfico exposto apresenta os valores hierarquizados. Os mais recorrentes dentre os valores abstratos são de acordo com o gráfico: solidariedade, fé e coragem. O valor “fé” aparece em 04 textos, equivalente a 14%, e em todos eles, esse valor está no topo hierárquico. Enquanto que a solidariedade aparece com 17% e coragem com 14%. Dentre os concretos estão a benzeção com 10% e Areias com 14%. A benzeção aparecem marcando a tradição de benzer, ofício ainda vigente no sítio Areias. Mostra que das oito personalidades escolhidas como heróis e heroínas para a escrita das crônicas, 04 delas são benzedadeiras. O valor concreto “Areias”, demarca o ambiente onde foram desenvolvidas as ações e onde os personagens residem ou residiram. Todos os valores inseridos no gráfico se apresentam em 02 ou mais discursos.

Podemos depreender, que quase todos os valores, principalmente, os abstratos estão presentes na constituição do herói de forma implícita, o que os diferenciam, mesmo, são os termos escolhidos por cada orador para caracterizar os heróis descritos por eles.

O topo das hierarquias nos discursos analisados tem sempre um valor abstrato. Isso porque as ações concretizadas pelos heróis, ou mesmo o gosto de praticar o ofício só é possível devido ao interesse prévio, conforme já fora explicado.

De modo a esclarecer as interpretações, trazemos os excertos para fazemos as análises que julgamos pertinentes a cada texto. Seguiremos a sequência já definidas nos quadros acima e utilizaremos os números indicados neles.

O texto 01, “Maria, uma heroína de fé”, traz no título o valor principal: a fé. Além da fé, a crônica apresenta outros valores de maneira explícita para justificar a tese de Maria ser heroína, como a solidariedade, a força e a coragem. Conforme o excerto seguinte.

Excerto 09 - Transcrito do texto 01

Não usa a força física, nem o laço para defender as pessoas dos inimigos, mas usa a força da fé, da solidariedade e da coragem para ajudar. E só vai parar de lutar contra os males que atinge, principalmente, as crianças quando o galho cair de sua mão.

Aqui, o aluno-orador usa termos próprios da descrição de super-heróis, fazendo uma alusão aos poderes da “Mulher Maravilha, personagem bastante conhecida no cinema, gibis e desenhos animados para descrever a heroína real em que o valor concreto da ação de benzer expressa a superioridade de Maria sobre a mulher Maravilha.

O Aluno-orador faz uma comparação entre os poderes de ambas, tendo a fé, a solidariedade e coragem superior à força física da heroína dos gibis e o ramo como uma arma melhor que o laço, pois se a mulher maravilha pega seus inimigos com laço, Maria derrota os males com a ajuda do ramo. Como o valor primeiro relacionado a Maria, no topo das hierarquias está a fé, porque é através dela, que Maria realiza todas as outras ações. Logo os valores da fé, da solidariedade e coragem e da resistência estão ligados e sobrepõem ao valor concreto que é a ação de rezar contra os males que atinge as pessoas.

Conforme já foi analisado em outros momentos deste trabalho, este excerto é um bom exemplo de como os valores estão interligados, momento que o aluno-orador mostra o trabalho incansável de Maria no ofício de benzer.

Excerto 10 - Transcrito do texto 01

Maria não se cansa, ela alterna entre os afazeres de casa com a arte de benzer. Ela deixa todos os serviços que tem em casa para atender as pessoas que procuram sua ajuda e nunca cobrou nada por isso.

Nesse excerto, as hierarquias admitidas estão na superioridade das pessoas sobre as coisas. O valor da solidariedade se sobrepõe ao valor concreto de se fazer os serviços domésticos. Isso demonstra o caráter da heroína em deixar algo em benefício próprio para ajudar as pessoas. Todavia, a fé e a solidariedade, prevalecem no topo da hierarquia sobre a benzeção, pois Maria só vai praticar o ofício movida pela fé e pela solidariedade conforme diz o trecho seguinte: “*Mas ela disse que quem salva é a fé e ela tem fé como Abraão teve*”.

Citamos por último os valores da coragem e de resistência. O fato de Maria rezar em 15 pessoas em um dia, sem cobrar nada, revela uma atitude heroica de coragem e resistência com relação a quantidade de pessoas. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) diz que um dos princípios mais usuais é a quantidade maior ou menor de alguma coisa. Assim, se tem muita gente para ser atendida, mais vezes ela vai deixar sua vida pessoal de lado em prol do seu semelhante. O valor de pessoas é superior às coisas, lugar que intensifica as atitudes nobres, próprios de uma heroína.

A ideia da resistência se acentua no final do texto momento em que o aluno/orador coloca que Maria só vai parar de rezar quando o galho cair de sua mão. Manifesta-se aqui, o espírito da resistência em não abandonar seu ofício jamais, exceto, quando ela não tiver mais força suficiente.

Percebemos na crônica 02 “Um herói centenário” que há preponderância dos valores abstratos. Para construir o perfil do herói centenário, o orador se volta com frequência para uma atitude virtuosa que a comunidade deveria imitar. Os valores como solidariedade e partilha presentes no discurso, fundamenta os valores de capela e escola, os quais através desses valores subjacentes, ele ajudou a construir. Assim como os valores da consistência e da esperança, legado que ele deixou plantado na comunidade

como forte exemplo para as gerações futuras, tendo em vista que o herói descrito pelo orador, viveu um século de vida praticando a bondade, que por sua vez, são ações praticadas por heróis.

Podemos perceber no discurso proposta da crônica que o fato de Zé Felix ter vivido cem anos, já dá a ideia de que sua idade o coloca no lugar preferível de ordenação diante de outras pessoas da zona rural de Areias. Semelhante hierarquia se dá pelo fato dele ter aprendido a medicina alternativa como autodidata, o que o coloca como superior aos médicos, pelas dificuldades enfrentadas por ele para praticar seus feitos.

O valor abstrato da solidariedade, embora o orador o tenha citado apenas no final do discurso, ele desponta à superioridade sobre a partilha e persistência, devido os vários serviços prestados à comunidade, como doar as sementes para os mais carentes, ler a bíblia para as crianças, visitar as casas para medicar as pessoas que sofriam de algum mal, e por sempre dar guarida àqueles que precisavam de um teto. A ideia de servir está em todo texto. Mostra à superioridade das pessoas sobre as coisas, que está ligada a hierarquia quantitativa. Revela a quantidade de ações realizadas pelo herói centenário, sendo que no texto, a mais importante é ação de medicar através da medicina popular, fundamentando a tese de que Zé Felix tem as propriedades inerente de um herói.

Há tacitamente no texto uma comparação de Zé Feliz com os super-heróis. O fragmento: *“Nosso herói viveu tão bem os 100 anos de vida, que o povo chegava a acreditar que ele tinha o poder de imortalidade. Mas nosso herói era humano e faleceu em 2007”*. O orador, traz no seu discurso o conhecimento de mundo que os super-heróis são imortais, o que, desta vez, o coloca como superior ao herói real, tendo em vista que o orador lamenta a morte de Zé Feliz, apesar dele vivido 100 anos.

A crônica “A flores da beira da estrada”, apresenta fortemente três valores: a coragem, a solidariedade e prudência, conforme mostra o quadro abaixo:

Excerto 11 - Transcrito do texto 03

Ela é heroína devido a força da coragem e a solidariedade. E nunca se gabou disso. Conta como se fosse algo normal, sem ser grandes feitos.

No plano mais alto dos valores se encontra a coragem. Quando o aluno/orador escreve: “*Ela conta que foi porque não tinha ninguém para fazer um parto de uma senhora e ela fez e de deu certo*”. O fato de Matilde nunca ter realizado um parto e ter se proposto a fazer, mostra o quanto ela é corajosa. Aliado a esse valor, vem a solidariedade, valor comum a todos os heróis, pelo fato deles servirem sem ganhar nada em troca. Embora um valor esteja ligado a outro, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 92), escreve nesse tema: “as hierarquias não impedem a relativa independência dos valores”. Daí o valor da humildade representado na contação dos feitos da heroína, que conta suas ações heroicas sem nenhuma pretensão de ser reconhecida por isso.

Notemos que a despretensão não está, relativamente, ligada aos outros valores. No entanto, conforme diz Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), na prática os fundamentos das hierarquias são múltiplos quanto os próprios valores por eles coordenados. Diante dessa atitude de Matilde, cabe perfeitamente o que diz Fénelon citado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.89), “não se deve elogiar um herói senão para ensinar suas virtudes ao povo, se não para incentivá-lo a imitá-lo”. Percebemos também no discurso do orador ao dizer que ela “não se gaba do que faz”, que a modéstia e a humildade são valores que estão no plano superior aos valores do orgulho e da pretensão.

De acordo com o aluno-orador, Matilde é a heroína da sua história real porque recebeu o poder de ser parteira por acaso. Há um diálogo com as histórias em quadrinhos, em que aluno sabe que os heróis recebem poderes especiais de alguma forma. E por ser Matilde uma heroína real, os valores a ela atribuída é superior aos valores dos heróis mitológicos.

De todas as crônicas que compõem este trabalho, “A padroeira de Areias” é a única que tem o tom humorístico, mas sem, contudo, tirar a seriedade da história da heroína contada nela. O texto sustenta em uma das teses de que Tota é a padroeira de Areias. Isso se dá pelo fato de Tota desde muito pequena, de acordo com a crônica, participa dos eventos religiosos da Capela, a ponto de ser intitulada, por vezes, em tom de brincadeira de a Padroeira de Areias, conforme mostra o trecho a seguir:

Excerto 12 - Transcrito do texto 04

A minha heroína tem 70 anos, mas ainda menininha já andava de jumento ou a pé pedindo contribuição para as festas da padroeira de Areias, Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro. E não estranhe, se alguém perguntar quem é a padroeira de Areias, vão dizer assim: e no é Tota!

Para sustentar a tese principal de que Tota é heroína, o orador apresenta os valores da compaixão e da caridade. Dá-se neste momento a continuação dos valores agregados na figura de Tota, sendo que neste caso, a cenário não é mais a capela, e sim sua casa. Este fato revela que o trabalho coletivo de Tota se estende até sua residência.

Excerto 13 - Transcrito do texto 04

Ela tem os mais belos poderes: o da caridade e da compaixão. Ajuda todo mundo. Sua casa é aberta para todos. A casa da minha heroína não é secreta, nunca fecha, é sempre aberta para abraçar todas as pessoas.

Apresenta também os valores concretos: padroeira e Areias, que mostra quão religiosa Tota é, e que o local, como um todo, tem forte tradições religiosas. No topo da hierarquia, a compaixão sobressai à caridade, pois ninguém pratica a caridade sem antes se compadecer.

Semelhantes hierarquias dos outros discursos, distingue claramente o princípio hierarquizado do real sobre o imaginário. Os super-heróis como se sabe mora em uma casa secreta e esconde sua identidade, aqui, o fato da casa de Tota não ser secreta e está sempre aberta para todos, põe Tota no plano superior. No excerto:

Excerto 14 - Transcrito do texto 04

Atua como ministra da eucaristia e é referência da comunidade. Benze com maior prazer. Conta as histórias da comunidade sem nunca mostrar cara feia. E ela vai aonde quer que a chamem para tirar as novenas. Ela reza em todas casas de Areias as 31 noites de novena do mês de maio. E não estranhe, se alguém perguntar quem é a padroeira de Areias, vão dizer assim: e no é Tota!

A religião é um valor concreto fortemente presente como fator determinante na vida de Tota. Em todo texto está ligado tanto aos valores abstratos, como nos valores concretos. Por ser Tota uma mulher religiosa, ela pratica a caridade, isso não implica dizer que para alguém praticar a caridade precisa ser religioso. Porém, em suma, no discurso aqui posto pelo aluno/orador, esses valores estão interligados. E os valores concreto como padroeira, capela, reza, estão, intrinsecamente, ligados à religião, logo religião é um valor concreto superior aos outros valores. Pois Tota só participa ativamente das manifestações religiosas que acontecem seja na capela, ou seja nas casas, seja tirando novena, seja benzendo, porque ela é religiosa. A fé está no topo de todos estes valores, pois se ela é religiosa é porque ela tem fé. A fé encadeia simultaneamente todas as outras ações.

Um dos princípios hierarquizantes está presente nesse excerto e em todo texto no geral, que é a quantidade maior de alguma coisa. Assim temos, ao lado dos valores concretos nesta gradação de feitos realizados por Tota em que ela dá prioridade as pessoas e não à sua vida em particular.

No texto 05, “Um parto de solidariedade”, aluno/orado expõe no título o valor que se encontra no topo das hierarquias, a solidariedade. Este valor está em todo texto pelas diversas ações que Mariquinha realiza. A ação de se fazer o parto é seu maior feito, mas além do parto, ela cuida da mãe e do bebê durante o puerpério e também exerce o ofício de benzedeira.

Excerto 15 - Transcrito do texto 05

Minha heroína tinha o dom muito especial, ela tinha um dom de trazer vidas ao mundo com seu ofício de parteira. Minha heroína nasceu em 1917, sofreu com os vilões da fome e da seca, mas eles não a derrotaram.

O aluno/orador começa seu discurso explicando que Mariquinha tinha um dom muito especial: o de trazer vida ao mundo. Deprendemos que o aluno sabe que super-heróis recebem poderes especiais, e por isso surpreende o fato de Mariquinha receber o mais especial de todos, que a arte de partejar. Ela faz parte do grupo de mulheres, que sobreviviam de outras ocupações, vivenciavam a mesma realidade sociocultural das mulheres atendidas e consideravam seu ofício de parteira como mais uma de suas atribuições. Confere nesta análise superioridade de pessoas sobre as coisas e de mariquinha sobre os super-heróis.

A fim de defender a tese de Mariquinha ser heroína, o orador mostra em seguida no mesmo parágrafo o valor da resistência pelo fato dela ter vencido os vilões da fome e da seca. O aluno faz questão de marcar datas, pois ela reforça a ideia da resistência, da luta e da bravura dos sertanejos que nasceram em meio a miséria e a seca. Justamente por ser épocas em que a fome e seca mais castigavam, é que surgiram estas heroínas, tendo em vista que não existia hospital, nem médico e os partos eram realizados nas casas das próprias gestantes.

A fim de reforçar a tese, o aluno estende o discurso mostrando outros valores que paulatinamente constrói a figura da heroína como a generosidade, fé e força de vontade.

No excerto a seguir o aluno no par dicotômico de valores, põe em posição e riqueza e a pobreza, mostrando que a verdadeira riqueza não está nas coisas materiais e sim, nos valores que ajuda as pessoas a se tornarem seres humanos melhores, em que o coletivo sobrepõe a individualidade.

Excerto 16 - Transcrito do texto 05

Se alguém me perguntasse se minha heroína foi rica, eu diria que sim; sim, ela foi rica! Mas não rica como você está pensando, caro leitor, ela foi rica de amor, solidariedade, força e fé.

O aluno/orador demonstra através desse excerto que a verdadeira riqueza da heroína está nestes valores do amor, da solidariedade, da força e dá fé. Podemos depreender que ela age impulsionado pelo amor. Ela cuidava de todas as mulheres sem receber nada em troca. O aluno/orador enfatiza que, só às vezes, ela recebia uma pequena feira, não que ela cobrasse, ou que fosse uma forma de pagamento, entretanto era um gesto de gratidão; outro valor presente, por partes das mulheres a quem ela servia. Na verdade, havia uma troca simbólica de serviços, as parteiras acreditavam que partejar era um dom divino e que por isso o serviço é gratuito, levando em consideração também que a população assistida era muito carente. Assim, o reconhecimento e os agradecimentos são as formas compensatórias.

O valor mais importante aceito pelas parteiras e pela comunidade era a capacidade que Mariquinha tinha de “botar menino no mundo”. Todavia, para fazer isso é necessário coragem e solidariedade, por este motivo, os valores abstratos sobressaem os concretos.

Os valores elencados no texto 06 são a fé, a coragem, mãe, amiga e benzedeira, todos eles reforçam a tese de que Liá é uma heroína.

Excerto 17 - Transcrito do texto 06

Liá é o nome da minha heroína. Seus olhos são doces assim como mel. Ela é heroína porque cada ruga representa a marca de uma história de sofrimento e de amor infinito. Pois mesmo diante das dificuldades, sempre desenvolveu sua missão de mãe, amiga e benzedeira.

Antes de apresentar a tese, o orador já a apresenta como heroína, para depois apresentar a tese e defender com os valores elencados. Temos bem definidos os valores concretos: mãe, amiga, e benzedeira, que trazem a ideia de que Liá é uma pessoa virtuosa. É difícil priorizar qual desses valores está no topo da hierarquia, porém, tomando como base o texto com um todo, que enfatiza a luta de Liá para atender as crianças da comunidade com a prática da benzeção, destacamos o valor de ser benzedeira como superior aos outros.

Os valores concretos põem em evidencia o que seria uma boa mãe e amiga. Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), apoia-se nos valores concretos é muito fácil quando se trata de conservar do que quando se tratar de renovar. Levando em consideração, o lugar e o tempo que já viveu e ainda vive Liá. Há noções de que para ser uma boa mãe é preciso que esse valor esteja associado a outros valores como fidelidade e lealdade, e por razão ainda mais conservadora, uma boa dona de casa. Esses valores associados aos valores concretos, costumam caracterizar, no dizer Perelman e Olbrechts-Tyteca a “argumentação conservadora”.

Seguindo a linha de raciocínio dos outros oradores, o trecho: *“Tem seus superpoderes: a fé inabalável é o seu escudo, a coragem a sua espada”*, apresenta como valores abstratos, os valores como coragem, que serve como espada para luta em defesa da vida e da sobrevivência em épocas difíceis, a fé como proteção e a esperança para continuar na luta. Na cultura dos oradores, percebemos que a fé e a coragem são valores essenciais para ser um herói humano. Podemos relacionar a benzeção e fé como os valores mais importante para sustentar a tese principal. Como se a reza, não existe sem a fé, logo no topo da cadeia hierárquica dos valores abstratos está a fé.

Para finalizar, aluno-orador afirma a superioridade de Liá sobre os heróis fictícios, argumentando que ela é a verdadeira heroína, pois tem os valores da fé como escudo e a coragem como espada para vencer os obstáculos.

O texto 09 conta uma “aventura” épica na vida de uma criança que foi levada por uma enchente e sobreviveu ileso.

Excerto 18 - Transcrito do texto 07

Quando passou a tempestade, chega a notícia que o pequeno herói, tornou-se um gigante e venceu a força d'água. Com inteligência e rapidez, o pequeno herói com o poder da astúcia se segurou em dois troncos de bananeiras e saiu flutuando no imenso riacho que se formou voando na água por quilômetros de distância, até que conseguiu se segurar num morão que ficava em cima de outro balde de açude situado no sítio Cafundó.

O excerto acima argumenta que o menino é herói porque venceu a força das águas, ancorados pelos valores da inteligência, rapidez e astúcia que o fizeram se salvar da enchente. De todos os homens e mulheres que tiveram suas vidas retratadas nas crônicas, este é único discurso que retrata alguém que não tem um trabalho pautado na coletividade e na crença popular, entretanto, o episódio de uma criança que se salvou de uma grande enchente, marcou a história da comunidade. E desde do ano de 1989, ano em que o evento aconteceu, a história tem sido contada a todas as gerações.

Assim, compreendemos que o topo das hierarquias de valores está a esperteza. Surpreende o fato de uma criança de apenas 07 anos ser arrastada por uma correnteza e se segurar em dois troncos de bananeiras e sair ileso depois de ter sido arrastado por alguns quilômetros.

Excerto 19 - Transcrito do texto 07

O pequeno herói cresceu e olha que bacana, virou um super-homem! Hoje salva vidas como bombeiro e enfermeiro.

No parágrafo final, o orador argumenta que o pequeno herói virou um super-homem, atribui-lhe o valor de superação, apresentado pelo orador de que o menino cresceu e agora salva outras vidas assumindo as profissões de bombeiro e enfermeiro.

Com relação ao texto 08, há de se notar no discurso do orador, que a solidariedade, coragem e honestidade compõe o herói, mas não só isso, a comparação do porte físico dele ao de *superman*, o faz um super-herói e não um herói. A tese inicial é de que Caititu é um verdadeiro *superman*, quando soma os valores que o coloca como um ser cheio de virtudes que pratica o bem, que ajuda comunidade através de práticas solidárias, coloca a solidariedade como o valor mais importante hierarquicamente, conforme exemplifica este excerto:

Excerto 20 - Transcrito do texto 08

Caititu é nome do meu Super-herói. Sua identidade secreta é Antônio Luiz. Ele defendia a comunidade. Tinha o poder da solidariedade, da coragem e da honestidade. Foi presidente da associação comunitária nossa senhora do Perpétuo do Socorro, onde conseguiu muitos benefícios como várias máquinas para os agricultores.

Podemos conceber a existência de outros valores, que possibilitam à constituição da figura do herói como a astúcia de criar alternativas para ajudar, uma vez que ele próprio era desprovido de riqueza, consoante a ideia escrita pelo orador.

Vale ressaltar que associação comunitária era uma forma de organização que a comunidade de Areias tinha para ter espaço junto ao poder público possibilitando que os moradores reivindicassem melhorias para comunidade junto aos órgãos competentes. Caititu foi lembrado por ter sido um presidente bastante atuante, conforme mostrou o aluno-orador.

Excerto 21 - Transcrito do texto 08

Se alguém precisasse de alguma ajuda, nosso herói estava sempre de prontidão para socorrer. Como nosso herói não tinha dinheiro nenhum para ajudar os mais necessitados, ele usava de sua astúcia e tirava sempre um coelho da cartola, até sair com um saco nas costas batendo de porta em porta pedindo contribuição para socorrer a família que mais necessitava no momento.

Os valores estão bem ancorados aos fatos e verdades. O fato dele ser presidente da associação deu a ele maiores chances de servir a comunidade, o que ressalta ainda mais a ação solidária de servir sem fins lucrativos, tendo em vista que ser presidente da associação não é um serviço remunerado.

Nos múltiplos casos postulados nos textos dos alunos/oradores, os problemas não são diferentes, assim como o contexto nos quais se apresentam também não o são. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) a justificativa da hierarquização pode variar, porém o processo argumentativo apresenta flagras diferentes, que supõe a existência de valores aceitos, mas incompatíveis numa certa situação.

6.4 OS LUGARES DO PREFERÍVEL PRESENTE NAS CRÔNICAS

A tarefa aqui consiste em analisar os lugares da argumentação como parte constituinte do discurso que reforça a intensidade das teses que ajuda a construir o perfil dos heróis populares de Areias. Não recorreremos apenas aos valores e a hierarquias para consolidar as teses de que esses homens e mulheres são heroínas e heróis, mas também recorreremos as premissas de ordem muita geral que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) qualifica como nome de lugares, dos quais derivam os tópicos ou tratados consagrados ao raciocínio dialético. Para melhor visualizarmos, de forma geral, os lugares da argumentação presente no texto, organizamos um quadro demonstrativo.

Quadro 6 - Lugares do preferível nas crônicas

Nº	Títulos	Lugares do preferível
01	Maria, uma heroína de fé	lugar da essência, lugar da qualidade, lugar de ordem, lugar de pessoa, lugar do existente, lugar de quantidade
02	Um herói centenário	lugar da essência, lugar da qualidade, lugar de ordem, lugar de pessoa, lugar do existente, lugar de quantidade
03	Flores que nascem na beira da estrada	lugar da essência, lugar da qualidade, lugar de ordem, lugar de pessoa, lugar do existente, lugar de quantidade
04	A padroeira de Areias	lugar da essência, lugar da qualidade, lugar de ordem, lugar de pessoa, lugar do existente, lugar de quantidade
05	Um parto de solidariedade	lugar da essência, lugar da qualidade, lugar de ordem, lugar de pessoa, lugar do existente, lugar de quantidade
06	Heroínas que não se encontram nos <i>gibis</i>	lugar da essência, lugar da qualidade, lugar de ordem, lugar de pessoa, lugar do existente, lugar de quantidade
07	O menino peixe	lugar da essência, lugar da qualidade, lugar de ordem, lugar de pessoa, lugar do existente, lugar de quantidade
08	Caititu, o verdadeiro super-homem	lugar da essência, lugar da qualidade, lugar de ordem, lugar de pessoa, lugar do existente, lugar de quantidade

Fonte: Carlos Alves Vieira. Pau dos Ferros 2019

O quadro apresentado mostra que em todos os textos há presença de todos os lugares da argumentação aferido por Perealman e Obrechets-Tyteca(2005). Deduzimos que o lugar da essência está presente em todas as crônicas, uma vez que, os homens e

mulheres aqui representados foram escolhidos dentre tantas as pessoas que vivem e viveram em Areias. Segundo Abreu (2003, p. 411), “O lugar de essência valoriza como representantes bem caracterizados de uma essência”. A partir disso, justifica-se o lugar presente em todos os textos. Para serem escolhidos, dentre tantas personalidades, os alunos determinaram que os homens e mulheres eram as pessoas que mais se aproximavam da figura de um herói. Eles são os representantes da essência daquilo que seriam heróis.

Depreendemos também que o lugar da qualidade está presente em todos os discursos dos alunos/oradores. Porque heróis e heroínas são únicos e exprime oposição do que é comum. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) o único é original, distingue-se e, por isso, é digno de nota.

O lugar de ordem se faz presente em todos os textos pelas escolhas desses homens e mulheres terem seus feitos retratados nas crônicas dentre tantas pessoas, e por estar presente nos discursos dos alunos/oradores a ordem de suas ações em que o coletivo vem sempre em primeiro plano. Há também, ainda que de maneira implícita em alguns textos, o lugar de pessoas, pois os heróis da comunidade são comparados com seres fictícios, sendo eles mais importantes por serem reais. Tendo em vista que eles agiam para ajudar o maior número de pessoas possíveis, temos presente em todos os textos o lugar da quantidade, porque em todos os textos revelam ações realizadas em prol de outras pessoas, e quanto maior o contingente de pessoas ajudadas, maior é o benefício.

Como vimos, os textos apresentam todos os lugares da argumentação apresentado por Perelman e Olbrechts-Tyteca. O que vai variar são as situações em que cada lugar aparece. Apesar de todos terem em comum as justificativas acima descritas, eles apresentam suas peculiaridades. Para elucidar melhor e analisar outras ocorrências, analisá-lo-emos os textos de maneira mais detalhadas.

O texto 01 apresenta a tese de que Maria é uma heroína porque curar através da reza. Para sustentar a tese, trazemos o excerto abaixo como forma de explicar melhor os lugares tragos por ele:

Excerto 22 - Transcrito do texto 01

Maria não se cansa, ela alterna entre os afazeres de casa com a arte e benzer. Ela deixa todos os serviços que tem em casa para atender as pessoas que procuram sua ajuda e nunca cobrou nada por isso.

O aluno/orador utiliza o lugar de ordem e de pessoa, quando diz que Maria deixa os serviços de casa para atender as pessoas. Há de se notar, que o princípio prevalece sobre a finalidade. Maria escolhe primeiro as pessoas, depois as coisas, conferindo o espírito de solidariedade e que Maria dá mais importância as pessoas do que a lida diária de cuidar dos afazeres domésticos, o que constituem também o lugar de pessoa.

O lugar de pessoa se torna ainda mais evidente no final do texto, no momento que o aluno escreve que Maria só vai parar de benzer, quando o galho cair de sua mão. Confere o valor da solidariedade, da entrega, ou seja, ela só irá parar de benzer quando não tiver mais forças físicas para sustentar o galho. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) afirmam que o lugar de pessoa confere o valor que é feito com cuidado, ao que requer o esforço. E todo o texto mostra uma Maria esforçada e cuidadosa quando se trata em praticar o ofício da benzeção. Tanto esforço e cuidado, que o texto ainda aponta para o fato de que há dias em que Maria reza em 15 crianças. O que confere lugar de ordem, pois Maria não é a única benzedeira da região, e, no entanto, o número elevadíssimo de gente de toda região que a procuram, revela que ela está no topo da lista das pessoas que procuram por rezadeiras.

Isso está ligado ao lugar da essência presente na quantidade de pessoas que Maria reza por dia. Há, tacitamente, uma comparação com outras benzedeadas e que por motivos não explícitos no texto, coloca Maria como a melhor. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) falam dessa comparação, quando segundo eles, o que encarna melhor um padrão, uma essência, uma função, é valorizado por isso mesmo. Com relação ao elevadíssimo contingente de pessoas atendidas por Maria, há de se notar a presença do lugar de quantidade. Quanta mais gente é assistida por Maria, mais gente será beneficiada com o ofício exercido por ela.

Por derradeiro, foi possível identificar o lugar do existente. Esse lugar está pautado, no dizer Perelman e Olbrechts-Tyteca(2005), na superioridade do que existe,

do que real, sobre o que o possível, o eventual ou impossível. Sendo assim, neste excerto:

Excerto 23 - Transcrito do texto 01

Maria é a verdadeira mulher maravilha. Não usa a força física, nem o laço para defender as pessoas dos inimigos, mas usa a força da fé, da solidariedade e da coragem para ajudar.

Há no exemplo a superioridade de Maria sobre a mulher Maravilha. Maria é real, a mulher maravilha é ficção. Maria não tem superpoderes, porém é maravilhosa por usar os poderes da fé, da solidariedade e da coragem.

O Texto 02 conta a história de um herói que viveu um século, de modo a enfatizar o caso, o lugar de ordem se faz presente e consiste na superioridade que Zé Félix tem sobre os outros homens. O orador valoriza o que é mais antigo, o anterior sobre o posterior. Presumimos também nesse texto que há presença do lugar da quantidade ligado ao valor da solidariedade. Valendo-se do diz Abreu (2003, p.36), “Segundo o lugar de quantidade, um bem que serve a um número muito grande de pessoas tem mais valor do que um bem que serve apenas a um pequeno grupo” Quanto mais semente ele distribuía, quanto mais gente consultava, mais pessoas ele ajudava.

O texto 03 apresenta diversos lugares da argumentação. O aluno começa o texto afirmando que sua heroína é real. Aqui, ele intensifica a proposta de persuadir o auditório de que ela é mais importante do que os heróis da ficção. Por que ela existe e defende pessoas reais, conferindo nessa tese, o lugar do existente.

Há de se notar o lugar de pessoa no seguinte fragmento “*Ele aparava as crianças que nasciam no meio da estrada, como quem plantava uma semente para germinar e virar belas flores*”. A comparação do nascer de uma criança com o cultivo de uma semente, confirma todo cuidado e todo esforço com a vida da criança, dando a alusão de que a criança não é qualquer objeto e sim um humano que precisa de muito cuidado.

Podemos notar ainda no discurso as presenças dos lugares da essência e da quantidade. “*Ela é heroína devido a força da coragem e da solidariedade. E nunca se*

gabou disso”. O orador deixa pressupostos a ideia de que a mulher conta sua ação como se fosse algo normal, sem ser grande o feito por ela praticado. A ausência de presunção na voz e na humildade em não se importar em ser reconhecida pelos seus feitos, ajuda a compor a tese de que ela é uma heroína. Podemos perceber também o lugar da quantidade presente no fragmento: *“Tinha a falta de prática e de material limpo como os inimigos, mas ele venceu e já trouxe para o mundo algumas flores”*. Constitui, aqui, a premissa subentendida de que quanto mais parto Matilde fizer, mais vidas virão ao mundo.

Destaquemos nos textos 04 e 05 e 06 os lugares de qualidade. Os valores às heroínas atribuídos são dados como preciosos e únicos. O que já se resvala no lugar da essência presente nos dos textos, porquanto, são as representantes das mulheres de Areias. Por sua vez, as premissas hierarquizadas as colocam como representantes primeiras, estando presente nesse sentido o lugar de ordem. Os três textos são semelhantes na forma e no conteúdo. Apresentam-se em todos eles os lugares de ordem, momentos em que as heroínas deixam suas vidas pessoais com a finalidade de praticar seus ofícios sem nenhuma remuneração. Compreendemos que o lugar de pessoa não se faz ausente em nenhum dos três textos, visto que, de certa forma, os alunos/oradores mostram todas as heroínas preocupadas e zelosas com suas práticas, colocando as pessoas no plano superior, tendo em vista que os lugares de pessoas são vinculados ao mérito e a dignidade.

Examinemos por fim, para concluir este apanhada geral dos três textos, o lugar de quantidade. Embora os textos não apareçam passagens que evidencia esse lugar, interpretamos que um bem maior é aquele que serve ao maior número de pessoas possíveis, portanto, o texto traz a ideia que muitas pessoas foram ajudadas pelas mãos dessas heroínas. No dizer de Perealman e Olbrechets-Tyteca(2005) o lugar da quantidade constitui uma premissa subentendida, mas sem a qual a conclusão não ficaria fundamentada.

Fundamentalmente, no texto 07 prepondera o lugar da qualidade, segundo os excertos abaixo.

Excerto 24 - Transcrito do texto 07

Como era de costume, todos meninos gostavam de brincar na chuva, nas biqueiras e no riacho. Com a água forte que desceu do riacho por conta do arrombamento do açude, a água levou pequeno herói. A vila toda entrou em pânico. O menino desceu riacho abaixo e ninguém mais tinha notícias dele. A chuva também carregou metade da escola, entupiu cacimbão, levou os bichos, porcos, cabras, galinhas. Engoliu tudo que tinha pela frente. E agora, por onde andava nosso pequeno herói?

Quando passou a tempestade, chega a notícia que o pequeno herói, tornou-se um gigante e venceu a força d'água. Com inteligência e rapidez, o pequeno herói com o poder da astúcia se segurou em dois troncos de bananeiras e saiu flutuando no imenso riacho que se formou, voando na água por quilômetros de distância, até que conseguiu se segurar num morão que ficava em cima de outro balde de açude situado no sítio Cafundó.

O fato único e improvável de um garoto conseguir se salvar de uma grande enchente confere ao discurso o lugar de qualidade. Os valores da astúcia e da sabedoria prepondera sobre a força da água. Um outro lugar perceptível no texto é o de pessoa, quando o orador diz que a vila toda entrou em pânico com a notícia de que a criança tinha sido carregada pela enchente. O texto não cita que as pessoas da vila entraram em pânico por ter perdido suas coisas, mas sim, pelo fato da criança ter sido arrastado pela água.

De forma tímida, o lugar de quantidade aparece na gradação de coisas que a enchente levou, caso que reforça a ideia de que a chuva era muito forte, o que seria impossível do menino ser encontrado vivo. Esse fato, aporta a tese de que o menino é um grande herói, quanto maior enchente, maior o feito do garoto.

No texto 08 para fundamentar a tese de que caititu é um verdadeiro super-homem, o aluno recorre o lugar da essência evidenciando a superioridade de Caititu pelas suas

ações admiráveis, valendo dos valores da solidariedade e da coragem, como representante da bravura.

Quando o texto diz que Caititu coloca um saco nas costas e sai pedindo de casa em casa contribuição para ajudar aqueles que estão precisando, atribui-lhe o valor de pessoa. Se o herói em questão tivesse condições financeiras, de certo, ele compartilharia. Valendo dessa ação de ajudar, pensando primeiro no ser humano para depois pensar nos seus interesses pessoais, presumimos que o aluno usou o lugar de pessoa para intensificar a tese de que Caititu é um verdadeiro herói.

O lugar do existente também é encontrado no decorrer de todo texto, uma vez que ele é comparado com o *superman*, sendo Caititu mais significativa por ser real.

Os valores intervêm em toda a argumentação em algum momento, têm cargas valorativas que atribuímos, mesmo nas crônicas acaba por tornar explícitas as teses.

As análises tiveram como embasamento a Nova Retórica e foram feitas a partir das interpretações de cada texto que foram construídos advindo de uma sequência didática que partiu do herói mitológico, passeando entre os super-heróis, até pisar no chão da comunidade em que o trabalho voltou seu olhar para os heróis reais. A constante comparação entre os heróis fictícios e os reais ficaram evidente nas crônicas. Esta foi a maneira de levar para o aluno a temática da cultura local de forma mais leve e lúdica. O trabalho com os super-heróis funciona como uma tese de adesão inicial. Uma forma de preparar os espíritos dos alunos para o objetivo central do trabalho.

Outro fator relevante, diz respeito ao conteúdo e a força expressiva da linguagem. Conhecendo a dificuldade e resistência que os alunos têm em escrever, seria preciso que preparássemos bem o espírito deles para chegar na escrita das crônicas. Assim, tiramos o conteúdo da realidade, partindo das entrevistas e das rodas de conversas que tivemos com a comunidade, e das oficinas com os super-heróis o plano expressivo da linguagem, junto com conhecimento prévio e o advindo das oficinas sobre a composição de uma crônica.

Para nós, enquanto pesquisadores, ficou a incumbência de interpretar os processos argumentativos para se concretizar o objetivo geral deste trabalho. Assim, pudemos através das identificações e das análises das teses, hierarquias de valores e os lugares da argumentação presente nas crônicas construir a figura de um herói em

cada mulher e homem da zona rural de Areias, personagens centrais de cada crônica escrita nas aulas de Língua Portuguesa. Levamos em consideração, também, para fundamentar o protótipo de heróis nas personalidades os estudos sobre o herói.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pretendeu nesta dissertação foi analisar as teses, os valores, as hierarquias de valores e os lugares do preferível em crônicas como fatores que ajudaram a constituir o perfil de herói em homens e mulheres que se destacaram por seus atos de bravuras na comunidade de Areias, município de Uiraúna. As crônicas foram produzidas pelos alunos do ensino fundamental por meio um trabalho interventivo que teve início em novembro de 2017, finalizado em maio de 2018.

O trabalho em sala de aula com os alunos do ensino fundamental, adveio do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), que tem como foco melhorar o ensino/aprendizagem de Língua portuguesa das escolas públicas de todo país no ensino fundamental. Dentro desta percepção, nossa pesquisa contribuiu de modo significativo para a nossa formação enquanto professores, considerando que, buscamos aqui, princípios fundamentais da construção da educação linguística que visa a práticas sociais mediadas pela linguagem.

De maneira a fomentar o contexto histórico-cultural do aluno dentro do campo escolar, este trabalho envolveu a cultura local em articulação com a produção de texto e argumentação. Desta maneira, ele pôde não só despertar o interesse do aluno pelas aulas de Língua Portuguesa, mais também para o conhecimento mais profundo da história do lugar onde eles moram, além da efetiva contribuição que escola dá para o sítio Areias.

Para atender o propósito da linha de pesquisa, escolhemos a crônica como o texto a ser desenvolvido na intervenção, cuja temática são os heróis da comunidade. Tivemos como sequência didática para nortear nossa intervenção o tema gerador de Paulo Freire. A intervenção foi dividida em dez oficinas. Nossas primeiras oficinas se pautaram nos heróis de ficção como forma de preparar o espírito dos alunos para o tema central: heróis de Areias. A ideia consistiu em unir imaginação e realidade.

As oficinas aconteceram de forma lúdica e reflexiva. Com elas, os alunos puderam não só estudar sobre seu herói predileto e sobre os heróis reais, mas também, perceber o herói que mora dentro de cada um deles numa retomada de consciência de seus atos na vida diária.

Todas as oficinas contribuíram para a escrita dos textos, desde a primeira em que foram levantadas as palavras geradoras, até as conversas e entrevistas que tivemos com os moradores da comunidade.

O gênero discursivo/textual escolhido deu ao aluno a possibilidade de contar um pouco da história de vida dos heróis locais, sem, contudo, perder de vista a interação com os heróis de ficção trabalhados nas oficinas primeiras. Compreendemos que assim, tornou-se a escrita das crônicas mais fácil e mais prazerosa. Mesmo porque, sabíamos das dificuldades dos alunos na produção textual escrita. Foi preciso criar estratégias para que os alunos pudessem escrever suas crônicas usando os recursos estilístico da linguagem para que o texto não passasse de simples relatos, pois julgamos que a oficina que apresentou as crônicas, suas características e etc., não seria suficiente para que os alunos, de maneira geral, conseguissem escrever uma crônica de modo satisfatório.

Outro fator a considerar foi a presença da argumentação em todos os momentos das oficinas. Ainda que não fosse de modo sistematizado, a argumentação se fazia presente. Por exemplo, nas oficinas em que as palavras geradoras surgiram como coragem, honra e solidariedade para descrever o herói em uma palavra, no campo da Nova Retórica estávamos trabalhando com os valores. Quando foi pedido para que o aluno em uma frase que eles conceituassem o que era herói, eles estavam levantando uma tese inicial para defender o que seria herói para cada um deles, usando o conhecimento prévio e conhecimento de mundo. Tivemos, portanto, neste sentido, uma íntima relação entre o tema gerador e a Nova Retórica.

Dado o momento da escrita dos textos, confirmamos a presença da argumentação nas crônicas. Percebemos que nossos objetivos foram alcançados e nossas questões obtiveram as respostas necessária para realização desta pesquisa. Para tanto, concluímos que conseguimos com o objetivo geral, identificar e analisar os processos argumentativos da linguagem como fatores que constituíram discursivamente os heróis de Areias, zona rural de Uiraúna - PB na produção e ensino de texto no gênero crônica escrita pelos alunos do ensino fundamental, além de termos respondido no decorrer do trabalho as questões das pesquisas com os seguintes objetivos alcançados:

- ❖ Desenvolvemos uma proposta de produção textual em sala de aula com os alunos do ensino fundamental tendo como tema mulheres e homens que se destacaram por seus atos heroicos na comunidade de Areias, zona rural de Uiraúna;
- ❖ Interpretamos as teses, valores e hierarquias de valores e os lugares do preferível presentes nas crônicas dos alunos como fatores que contribuíram para a formação dos heróis temas das crônicas;
- ❖ Relacionamos a figura do herói real com o de ficção como elemento literário e de construção social no discurso argumentativo;
- ❖ Utilizamos o ensino Língua Portuguesa como mediação entre aluno e cultura local em articulação com os processos argumentativos como um meio de promover a aprendizagem.

Delimitado os objetivos, remetendo-os ao universo da pesquisa, propomos realizá-los mantendo uma relação entre um e outro. O primeiro objetivo específico foi alcançado à medida que as oficinas foram sendo desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa para conhecer melhor a temática do herói e a história das pessoas envolvidas na pesquisa. Como meio de entender melhor sobre isso, tivemos um capítulo dedicado ao ensino de Língua Portuguesa que envolveu a pedagogia freireana e o ensino de produção de texto, levando em conta uma discussão sobre o gênero crônica e argumentação no ensino fundamental.

Com relação ao segundo objetivo que envolveu a Nova Retórica, pudemos extrair as teses das crônicas produzidas pelos alunos que defende a ideia de que os homens e mulheres que tiveram suas histórias escritas são heróis e heroínas. Para sustentar as teses identificamos e interpretamos os valores e os lugares da argumentação nas crônicas que se apresentaram de forma vinculadas e associadas, os quais ajudaram a construir a imagem do herói nessas pessoas, uma vez que os valores e os lugares da argumentação revelaram virtudes próprias de um herói. Oportunizamos neste momento descobrir os valores presente na comunidade de Areias, através da historicidade de vida das pessoas narradas na produção dos alunos. Como forma de entender melhor sobre esses processos da nova retórica, foi feito uma discussão sobre a Nova Retórica de Perealman e Obrechets-Tyteca (2005).

O terceiro objetivo foi sendo concretizado nas crônicas produzidas pelos alunos, quando através dos recursos de presença, eles comparam os heróis de ficção com herói real, colocando o herói real como representação social através das categorias da Nova retórica: teses, valores, hierarquias de valores e os lugares da argumentação, cujas oficinas também, conforme já foram descritas, desenvolveu uma sequência didática que incluiu o herói de ficção e o herói real. Para uma melhor compressão desse objetivo, foi feito um capítulo que se ateve a discutir sobre as mudanças porque passou o conceito de herói, que atende as mudanças de valores sociais de cada época.

O propósito do quarto objetivo específico deu-se a partir do momento que o ensino de Língua Portuguesa se integrou com a cultura em que possibilitou ao aluno pesquisar, conversar com os moradores de Areias e trazer isso para trabalho feito em sala de aula e nas produções escritas por eles. Foi possível que os alunos descobrissem os valores inerente a cultura local, pois não é possível dissociar a vida dos homens e mulheres tema das crônicas com a história da comunidade. Entendemos que a articulação entre cultura e ensino com a Nova Retórica aconteceu a todo momento, pois sempre estávamos falando de valores e hierarquização de valores, tanto nos discursos dos heróis, quanto nas oficinas, e mais, precisamente, nas análises, tendo em vista que a argumentação é inerente a linguagem.

Dentro desta perspectiva, pudemos extrair os principais valores vigentes na comunidade de Areias. Interpretamos que a benzeção é uma histórica tradição de orações e ensinamentos carregados de fé, ainda, fortemente, presente na comunidade de Areias, apesar do advento da medicina e da melhoria da saúde pública no sertão. É uma herança que as benzedeadas aprenderam com seus antepassados. A ação de partejar também teve importância ímpar, uma vez que eram as parteiras, a única alternativa para trazer os filhos de agricultores ao mundo. E mesmo sobre o medo e desconfiança, elas puderam ajudar muitas mulheres a dar à luz. Outros valores estiveram nas crônicas, como as tradições religiosidade e a medicina popular. Associados a esses valores, interpretamos os valores abstratos que estão ligados aos sentimentos desses homens e mulheres, personagens das crônicas, como fé, solidariedade, coragem, partilha e entre outros.

Nesse passo de objetivos alcançados dado o momento interventivo e as análises feitas, convém, ainda, ressaltar que fizemos as análises de 08 textos, do total de nove alunos participantes.

Com isso, identificamos as teses, que defenderam que todos os homens e mulheres que tiveram suas histórias de luta contada nos textos eram heróis e heroínas. Analisamos os valores e os lugares da argumentação que deram suporte para a construção desses heróis nos textos. Além do uso da linguagem subjetiva que ganhou sentido quando os heróis da vida real foram relacionados com os da ficção. Sendo que no plano das hierarquias, os heróis reais estavam sempre sobrepostos, tendo em vista o lugar de pessoa, lugar da essência e o lugar existente que intensificavam a tese de que os heróis de Areias são mais importantes que os da ficção, pois são reais e defende pessoas reais.

Compreendemos também que o ensino de Língua Portuguesa tendo o texto como suporte para aprendizagem e a cultura local como conteúdo, contribuiu com os valores sociais na formação dos alunos, pois deu ao aluno a oportunidade de investigar a história do lugar e de se posicionar sobre ela, não somente nos textos escritos em sala de aula, mas perante sua vivência em comunidade.

Não podemos deixar de destacar os momentos mais marcantes deste trabalho: o encontro que tivemos com a comunidade. Era nítido o prazer e alegria que as pessoas tinham ao contar sobre as histórias e os feitos. As rodas de conversas coletivas com vários membros da comunidade deram a oportunidade de confrontar dados e histórias. Os alunos puderam redescobrir o lugar e as pessoas do lugar. O momento era de silêncio para os alunos, que escutavam, atentamente, aquelas senhoras relatando vida e obra, tantas delas como os de quem já haviam falecidos. Partindo daí os conteúdos para a escritas das crônicas.

Criamos com a intervenção não apenas um motivo para ler e escrever com mais proficuidade, mas o respeito ao saber popular. Tendo a comunidade de Areias como ponto de partida para a criação do conhecimento de mundo, ampliando desse conhecimento adquirido na comunidade a visão geral de mundo. Segundo Bordignon (2013), a realidade imediata vai sendo inserida em totalidades mais abrangentes, revelando ao educando que a realidade local, existencial, possui relações com outras

dimensões: regionais, nacionais, continentais, planetária e, em diversas perspectivas: social, política e econômica, que se interpenetram.

Ao finalizar nossas discussões teóricas, nossa intervenção e nossa análise, veio a certeza do trabalho concretizado com proficiência. A proposta de trabalhar a temática do herói real de uma comunidade é desafiadora e as incertezas surgiram durante toda pesquisa. Mais ainda, por usar a argumentação em discurso de alunos do ensino fundamental para revelar valores essenciais à cultura deles.

Conhecendo a realidade e o desinteresse dos alunos imbuídos nessa pesquisa, seria preciso um trabalho envolvente para que no final os resultados aparecessem. Sendo assim, obtivemos o nosso *corpus*, que são as crônicas escritas por eles através da intervenção que trouxe para as crônicas a história e os feitos das pessoas que destacaram na comunidade de Areias. Como consequência disso, atingimos também o objetivo do PROFLETRAS que é de inovar as aulas de Língua Portuguesa e contribuir para melhorar a leitura e escrita dos alunos, além de promovermos um estudo voltado à Nova Retórica como forma de valorizar a cultura local. Ao mesmo passo que promovemos um resgate da cultura, colaboramos para o desenvolvimento cognitivo e crítico dos discentes.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 13. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2001.
- ALVES, Fernando Bruno. **Superpoderes, malandros e heróis: o discurso da identidade nacional nos quadrinhos brasileiros de super-heróis**. 123 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.
- ANTUNES, Irandé Costa. **Muito além da gramática: Por um ensino sem pedras no caminho**. 1. edição. Belo Horizonte: Ed. Parábola, 2007.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 14. ed. – São Paulo, SP: Brasiliense, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- BORDIGNON, Genuíno. **Paulo Freire - 50 anos de Angicos**. Edição especial TV Escola, 2013.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues, **A Educação como Cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. 21. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire**. 18. ed. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1992.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural**. Brasília, DF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, DF, 1998.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasil: MEC/SEF, 2001.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2013.

BROMBERT, Victor. **Em louvor de anti-heróis**. São Paulo: Ateliê, 2001.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

CALVIN, Í. (1993). **Por que ler os clássicos** (N. Moulin, trad.). São Paulo: Cia das Letras.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral, São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.

CANDIDO. Antonio. **A vida ao rés do chão**. In: para gostar de ler: crônica. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003.

CITTELI, Adilson, **Linguagem e Persuasão**. 4. ed. São Paulo: Ed, Ática, 1997.

DANTAS, F. L. **Cultura popular e argumentação sobre a Lenda da Pedra da Moça no município de São Miguel/RN: das memórias do contador às produções textuais em sala de aula**. Pau dos Ferros, 2015, 172 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em rede nacional). Programa de Pós-Graduação em Letras, *Campus* Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

DEMO. P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo. Atlas, 1995.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERREIRA, M.O. **A arte Retórica nos discursos do apóstolo Paulo**. As estratégias de convencimento e persuasão frente à diversidade de auditório. 625 f. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

FIORIN, J. L. **Argumentação e discurso: Bakhtiniana**, São Paulo, Número 9 (1): 53-70, Jan./Jul. 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à Prática Educativa**: São Paulo; Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

FREITAS, Fátima e Silva de. **A diversidade cultural como prática na educação**. 1ª ed. Curitiba: IBPEX, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

GUERRA, Fábio Vieira. **Super-Heróis e os conflitos dos estados Unidos (1961-1981)**. 230 f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

IDE, P. **A arte de pensar**. Tradução Paulo Neves: revisão da tradução Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L.C. **O texto e a construção dos sentidos**. 8. ed. São Paulo: contexto 2005.

KOTHE, Flávio R. **O herói**. Série princípios. 2. ed. São Paulo: 1987.

LAGINESTRA, M. A.; PEREIRA, Maria Imaculada. **A ocasião faz o escritor**: caderno do professor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec. 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. Revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 2003.

LEAL, T. F. & MORAIS, A. G. de. **A argumentação em textos escritos**: a criança e a escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LOPES, A. P. **Narrativas andantes da passagem da “Coluna Prestes” pelo município de São Miguel/RN**: contexto sociocultural e argumentação no ensino de língua portuguesa. 201 f. Dissertação de Mestrado. Curso de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS). Departamento de Letras Vernáculas. Campus Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia. Pau dos Ferros, 2015.

LUKACS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Editora 34, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). Gêneros textuais e ensino. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MENEZES, E. T; SANTOS, T. H. “Classes multisseriadas” (verbete). Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora. Disponível em www.educabrasil.com.br/dicionario. Acesso em 9/1/2007.

MEYER, M. **Questões de retórica**: linguagem, razão e sedução. Traduzido por António Hall. Lisboa: Nova Biblioteca 70, 1998.

MINAYO, M.C.S. et all. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

MOSCA, L. S. (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3. ed. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH-USP, 2004.

MÜLLER, Lutz. **O herói**: todos nascemos para ser heróis. 10. ed. Tradução de Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1987.

NASCIMENTO NETO, João Evangelista do. **Perambulações de João Grilo**: do pícaro lusitano ao malandro brasileiro, as peripécias do (anti-)herói popular. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2014.

OLIVEIRA, Maria Marli de. **Como fazer uma pesquisa qualitativa**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PERELMAN, C., **Retóricas**. Tradução de M. E. A. P. G. PEREIRA. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PRODANOV, C.; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PERELMAN, C.; OLBRESCHTS – TYTECA. L. **Tratado de argumentação**: a nova retórica. Tradução GALVÃO, M. E. A. P. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

QUEIROZ, N. C. P. **Argumentação em memórias literárias da Olimpíada de língua portuguesa**. 187 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2015.

PÓLVORA, Hélio. **Graciliano, Machado, Drummond e outros**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16. ed. – São Paulo, SP: Brasiliense, 2003.

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura Inglesa para Brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**: São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, G. S. **O Nordeste na mídia**: um (des)encontro de sentidos. 2003, 398 p. Tese (doutoramento). Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, 2003.

SOUSA, M. S. C. **A argumentação no ensino de português**: da produção à análise de artigo de opinião sobre “o caso Francisca do Socorro” em Milagres/Ce. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), ofertado em parceria com a Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Pau dos Ferros, 2017.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Registro fotográfico da cidade de Uiraúna

Igreja matriz Jesus Maria e José



Foto: Wikipédia

Praça Pe. França



Foto: Wikipédia

Centro comercial



Foto: Wikipédia

Una frevo



Foto: Wikipédia

APÊNDICE B –

Registro fotográfico dos sítios cafundó e Sítios Novos



Foto: Carlos Alves Vieira

Foto: Carlos Alves Vieira

APÊNDICE C - Registro fotográfico da comunidade de Areias

Foto: Carlos Alves Vieira



Foto : Carlos Alves Vieira

Capela nossa Senhora do Perpétuo do Socorro



Foto: Carlos Alves Vieira



Foto: Carlos Alves Vieira

Creche Mãe Ota



Foto: Carlos Alves Vieira

Fabrica de Fogão Solar



Foto : Carlos Alves Vieira

Escola José Patrício de Andrade



Foto: Carlos Alves Vieira

O Cristo



Foto: Carlos Alves Vieira



Foto: Carlos Alves Vieira



Foto: Carlos Alves Vieira



Foto: Carlos Alves Vieira

ANEXOS

CRÔNICAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS

ANEXO A - Texto 1

Maria, uma heroína de fé

Maria é nome da minha heroína, assim como a mãe de Jesus. Ela é heroína porque ela tem o poder curar através da reza. Mas ela disse que quem salva é a fé e ela tem fé como Abraão teve.

Maria benze gente de toda a idade, mas principalmente em criança para tirar o quebrante e o mal olhado e outros males como espinhela caída. Para benzer, como arma, ela usa plantas como pião, muçamber, magiricão e mangeriba e assim ela derrota os inimigos que são essas doenças.

Maria adquiriu esse dom porque não tinha quem rezasse nos seus filhos e médico era coisa difícil e hoje nossa heroína reza em gente de toda região. Tem dias que ela atende mais de 15 crianças.

Maria não se cansa, ela alterna entre os afazeres de casa com a arte e benzer. Ela deixa todos os serviços que tem em casa para atender as pessoas que procuram sua ajuda e nunca cobrou nada por isso.

Maria é a verdadeira mulher maravilha. Não usa a força física, nem o laço para defender as pessoas dos inimigos, mas usa a força da fé, da solidariedade e da coragem para ajudar. E só vai parar de lutar contra os males que atinge, principalmente as crianças quando o galho cair de sua mão.

(A. M. D)

ANEXO B - Texto 2

Um herói centenário

O tempo, a história, os fatos, os feitos...o herói.... É este que vou retratar na minha crônica, José Luiz Sobrinho, popularmente conhecido como Zé Félix. Uma vida de luta e muita história para contar, afinal viveu um século. Foi médico sem nunca ter cursado medicina.

Ele represente para nossa comunidade a consistência da vida e da esperança. Devolvia a saúde das crianças que apresentavam alguma infecção, através de um medicamento alternativo chamado de "DOZE", que nos dias de hoje não existe mais, ou não se registra mais algo parecido. Ele aprendeu o uso da medicina alternativa através de um livro que comprou.

Relembrar a história de Zé Felim, nos faz entender que a vida do meu herói foi um marco na história da nossa comunidade e que isso reflete na nossa vida. Tinha característica própria de profeta e evangelizador. Ele quem apresentava a bíblia primeiro as crianças, lia sempre cantando as passagens bíblicas.

Carrega consigo o poder da solidariedade e de partilha. Distribuía semente para o plantio no inverno para os mais carentes.

Como um dos homens que mais viveu, ele foi um dos protagonistas na construção da capela e do lado do seu irmão lutou pela edificação da Escola José Patrício de Andrade. Nosso herói viveu tão bem os 100 anos de vida, que o povo chegava a acreditar que ele tinha o poder de imortalidade. Mas nosso herói era humano e faleceu em 2007.

(B.R.S.O)

ANEXO C - Texto 3

Flores que nasce na beira da estrada

Matilde é a heroína de minha história real. Recebeu o poder de ser parteira por acaso. Ela conta que foi porque não tinha ninguém pra fazer um parto de uma senhora e ela fez e deu certo. Tinha a falta de prática e de material limpo como os inimigos, mas ele venceu e já trouxe para o mundo algumas flores.

Essa coisa de fazer parto sempre pega ela de surpresa. A cidade é longe, a estrada era muito esburacada. Os carros que passavam em Areias, vindo de outros lugares como Poço Dantas e Bernadinho Batista, e Santarém quebrava ou não dava tempo as mulheres chegarem em Uiraúna, então quem entrava em ação? A Super Matilde! Ele aparava as crianças que nasciam no meio da estrada, como quem plantava uma semente para germinar e virar belas flores.

Matilde também sabe todo tipo de reza, que aprendeu com seus antepassados.

Ela é heroína devido a força, a coragem e a solidariedade. E nunca se gabou disso. Conta como se fosse algo normal, sem ser grande feitos.

(A. L. S. S)

ANEXO D - Texto 4

A padroeira de Areias

A minha heroína tem 70 anos, mas ainda menininha já andava de jumento ou a pé pedindo contribuição para as festas da padroeira de Areias, Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro. Aprendeu com o tempo a tirar novenas e a benzer em crianças. Ela tem os mais belos poderes: o da caridade e da compaixão. Ajuda todo mundo. Sua casa é aberta para todos. A casa da minha heroína não é secreta, nunca fecha, é sempre aberta para abraçar todas as pessoas.

Ela tem o coração grandioso. Teve como pior inimigo a viuvez. Seu marido faleceu deixando-a dois filhos pequenos para criar. Mas ele nunca se cansou, nem deixou o vilão vencer. Foi guerreira sempre.

Atua como ministra da eucaristia e é referência da comunidade. Benze com maior prazer. Conta as histórias da comunidade sem nunca mostrar cara feia. E ela vai aonde quer que a chamem para tirar as novenas. Ela reza em todas casas de Areias as 31 noites de novena do mês de maio. E não estranhe, se alguém perguntar quem é a padroeira de Areias; vão dizer assim: e no é Total!

(J. V. F)

ANEXO E - Texto 5

Um parto de solidariedade

Minha heroína tinha o dom muito especial, ela tinha um dom de trazer vidas ao mundo com seu ofício de parteira. Minha heroína nasceu em 1917, sofreu com os vilões da fome e da seca, mas eles não a derrotaram.

Muitas mulheres tiveram a oportunidade de verem seus filhos nascerem graças as mãos desta grande heroína. Além de fazer os partos, ela também cuidava tanto da mãe quanto dos filhos, fazendo chá e dando banho nos bebês durante o resguardo.

Nunca cobrava das pessoas, mas às vezes recebia uma ferinha de suas “pacientes” como um sinal de gratidão por parte das pacientes pelo generoso trabalho realizado.

Se alguém me perguntasse se minha heroína foi rica, eu diria que sim; sim, ela foi rica! Mas não rica como você está pensando, caro leitor, ela foi rica de amor, solidariedade, força e fé.

Viveu mais de 80 anos, defendendo a vida através da reza e da força de vontade. Esta heroína se chamava Mariquinha, parteira de Areias, benzedeira e minha bisavó.

(M. P. A)

ANEXO F - Texto 6

Heroína que não se encontra nos *gibis*

Liá é o nome da minha heroína. Seus olhos são doces assim como mel. Ela é heroína porque cada ruga representa a marca de uma história de sofrimento e de amor infinito. Pois mesmo diante das dificuldades, sempre desenvolveu sua missão de mãe, amiga e benzedeira.

Apesar dos tempos difíceis os quais ela sobreviveu como a seca e a ditadura militar, ela soltou raios de esperança no tempo e conseguiu vencer as dificuldades.

E com a reza, ela ajuda as crianças a vencer os inimigos que são as doenças como quebrante.

Liá é a verdadeira heroína, assim como as das histórias em quadrinhos. Mas ela não usa a força física. Tem seus superpoderes: a fé inabalável é o seu escudo, a coragem a sua espada.

(M. L. S. O)

ANEXO G - Texto 7

O menino peixe

Nosso pequeno herói tinha sete anos de idade, quando no sertão, caiu uma forte chuva e arrombou o açude da serrinha que ficava em cima de Areias.

Como era de costume, todos meninos gostavam de brincar na chuva, nas biqueiras e no riacho. Com a água forte que desceu do riacho por conta do arrombamento do açude, a água levou pequeno herói. A vila toda entrou em pânico. O menino desceu riacho abaixo e ninguém mais tinha notícias dele. A chuva também carregou metade da escola, entupiu cacimbão, levou os bichos, porcos, cabras, galinhas. Engoliu tudo que tinha pela frente. E agora, por onde andava nosso pequeno herói?

Quando passou a tempestade, chega a notícia que o pequeno herói, tornou-se um gigante e venceu a força d'água. Com inteligência e rapidez, o pequeno herói com o poder da astúcia se segurou em dois troncos de bananeiras e saiu flutuando no imenso riacho que se formou voando na água por quilômetros de distância, até que conseguiu se segurar num morão que ficava em cima de outro balde de açude situado no sítio cafundó.

O pequeno herói cresceu, e olha que bacana, virou um super-homem. Hoje salva vidas como bombeiro e enfermeiro.

(J. M. S)

ANEXO H - Texto 8

Caititu, o verdadeiro super-homem

Caititu é nome do meu Super-herói. Sua identidade secreta é Antônio Luiz. Ele defendia a comunidade. Tinha o poder da solidariedade, da coragem e da honestidade. Foi presidente da associação comunitária nossa senhora do Perpétuo do Socorro, onde conseguiu muitos benefícios como várias máquinas para os agricultores.

Se alguém precisasse de alguma ajuda, nosso herói estava sempre de prontidão para socorrer. Como nosso herói não tinha dinheiro nenhum para ajudar os mais necessitados, ele usava de sua astúcia e tirava sempre um coelho da cartola, até sair com um saco nas costas batendo de porta em porta pedindo contribuição para socorrer a família que mais necessitava no momento.

Nosso herói Caititu era quase um *superman*, peito de aço, braços e pernas fortes, homem da roça. E também falava muito bem, sendo que cursou só o primeiro ano primário.

Ora pois, pois, nosso herói tem muitas qualidades, pois ele também era um ótimo jogador de futebol. Dizem que ele era melhor que garrincha e Pelé. E que fazia gol de bicicletas com facilidade. Pena que a vilã da doença venceu o nosso herói e ele partiu cedo, deixando Areias desprotegida.

V. S. S)